

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL
E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

JACQUELINE JACEGUAÍ CHAGAS NUNES DOS SANTOS

*Sou príncipe do gueto, mas meu castelo é de madeira: a construção da identidade na
favela da Vila Barros – Marília / SP*

São Paulo

2021

JACQUELINE JACEGUAI CHAGAS NUNES DOS SANTOS

Sou príncipe do gueto, mas meu castelo é de madeira: a construção da identidade na favela da Vila Barros – Marília / SP

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 01 de março de 2021. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração: Ciências Sociais Aplicadas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Santos, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos
Sou príncipe do gueto, mas meu castelo é de madeira: a construção da identidade na favela da Vila Barros – Marília / SP /
Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos ; orientador, Marcos Bernardino de Carvalho. – 2021
186 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Movimentos sociais - Marília (SP). 2. Favelas - Marília (SP). 3. Identidade cultural. 4. Racismo. 5. Segregação urbana. 6. Habitação - Aspectos sociais - Marília (SP) . I. Carvalho, Marcos Bernardino de, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 303.4840981611

SANTOS, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos

Título: *Sou príncipe do gueto, mas meu castelo é de madeira: a construção da identidade na favela da Vila Barros – Marília / SP*

Dissertação de Mestrado apresentado à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de concentração: Ciências Sociais Aplicadas.

Aprovado em: 01/03/2021.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Érica Peçanha do Nascimento

Instituição Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA/USP)

Julgamento Aprovada

Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Instituição Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA/USP)

Julgamento Aprovada

Prof.^a Dr.^a Mirian Cláudio Lourenção Simonetti

Instituição Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (FCC/UNESP)

Julgamento Aprovada

Dedico este trabalho a todas as minhas ancestrais, mãe Iza, (*in memorian*), amada Vó Maria (*in memorian*), minha amada Vó Cida, Bisavó Adelaide (*in memorian*), Tia Bena (*in memorian*), Oyassy, Dona Cizinha, Nel amo todas vocês e a querida Dona Helena (*in memorian*) quem abriu as portas da sua casa e Vila Barros e a grande amiga Mônica Regina (*in memorian*) quem ajudou a fazer o censo em 2006.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é ao orientador deste trabalho Prof. Dr. Marco Bernardino de Carvalho a quem sempre admirei devido ao seu posicionamento político engajado e orientação competente. A ele agradeço por acreditar e apostar no potencial desta pesquisadora e ao mesmo tempo soube oferecer a liberdade e autonomia necessária para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço a parceria, a indicação de livros, o estímulo a participar de eventos e processos seletivos, valendo salientar todas as vezes que vibramos juntos a cada passo acertado e a solidariedade nos momentos difíceis.

Agradeço às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, aos funcionários da universidade em especial ao Sidinei, da Biblioteca e equipe da Seção de Pós-Graduação. Agradeço às representações discentes Ana, Aline e Guilherme. Agradeço todos os pretos e pretas da universidade e extra muros, pois a nossa ancestralidade nos liga.

Agradeço ao Instituto de Estudos Avançados – IEA que ofereceu a oportunidade de atuar como pesquisadora e supervisora de campo no projeto Democracia Artes e Saberes Plurais DASP e agradeço a Cátedra Olavo Setúbal de Artes, Cultura e Ciência, que concedeu uma bolsa de pesquisa no Projeto Censo Jardim Keralux e Vila Guaraciaba, somente assim, tive condições financeiras para concluir o mestrado.

Agradeço à Erica Peçanha pelos ensinamentos, parceria e legado; à Eliana Sousa e Silva pela inspiração e todos os caminhos importantes para chegar mais longe; à toda equipe da Redes da Maré, pela acolhida e as trocas preciosas; ao professor Martin Grossmann pela oportunidade de ingressar em um projeto tão valoroso quanto o DASP. Agradeço o espaço de escuta, aprendizagem que a equipe de pesquisa, em especial a minha família do Jardim Keralux, que transborda competência, gana, conhecimento e vontade de mudar o mundo a cada investida a campo. Agradeço aos amores da minha vida Kaio Gameleira, Pompeu, Lais, Seu Sebastião, Charles Pierre, Nego Leo, Hulk, Adriana, pessoas para a vida inteira e que de alguma maneira seguraram as pontas para que conseguíssemos fazer e acontecer. Ao Leandro Oliva agradeço a amizade, ajuda, pró atividade de sempre, agradeço aos Prof. Dr. Edemir Carvalho e Prof^ª Dra Miriam Simonetti ao fornecer materiais imprescindíveis à pesquisa e ao Prof. Fernando, que nos ensinou a sonhar.

Agradeço o mano Luciano do movimento Hip Hop de Marília pelas longas conversas, auxílio para sanar as dúvidas, além de emprestar o seu quarto para que eu pudesse ter uma boa acomodação ao mesmo tempo aproveitar ao máximo a pesquisa de campo, percebendo assim,

a dinâmica da favela, aproveito para agradecer aos pais do Luciano e todos aqueles que de alguma maneira possibilitaram que o trabalho fosse concluído com tranquilidade. Agradeço ao Ministério da Saúde, à Luciana, da Secretaria de Cultura de Marília, que ajudou com os contatos em campo, abriu muitas portas dos órgãos públicos e sempre acreditou no potencial das mulheres pretas. Gostaria de agradecer todos os entrevistados e entrevistadas, em especial a Dona Helena, que me recebeu de braços abertos em sua casa, e assim, iniciamos uma longa e duradoura amizade até seus últimos dias.

Agradeço a minha família de Marília Nelci, Alisson, Adriele, Fran, Aline, Henrique e Duda. Agradeço ao Roberto pelas longas conversas e a reflexão em todas as tomadas de ações. Agradeço ao Kamal Jaceguai, que aos 9 anos muitas vezes foi meu auxiliar técnico, digitador e outras vezes responsável por colocar a mamãe para dormir, pois sabia que com o rosto em cima dos livros, não seria confortável. Agradeço ao Antônio Gouvêa, que acreditou em mim, quando ninguém mais o fez e vibrou comigo diante da aprovação no mestrado. Agradeço aos amigos Gislaine, Anízio, Markito, Nice, Vevê, Nega Eve, Suelen, Juliana Virgílio. Agradeço ao Tio Osvaldo dos Santos que vibrou e se emocionou com as conquistas, ao Tio João, ao Tio Tonico e Tia Aurea que muitas vezes me fez companhia nas noites de insônia. Agradeço os meus compadres Marcio Adriano de Paula, Maklaus e comadres Noemi, Este e Débora. Agradeço ao Hécio pelo cuidado e apoio nos dias mais difíceis, agradeço a amiga Deise que sempre incentivou o retorno à academia.

Agradeço a Unesp de Marília e ao NUPE – Núcleo Negro da Unesp de Marília para Pesquisa e Extensão onde iniciei as primeiras pesquisas acadêmicas. Agradeço ao DENEGRIR coletivo negro da EACH grupo de extrema importância e articulações dentro da universidade, agradeço as discussões e militância junto ao FRENTER – Frente Negra para a Erradicação do Racismo. Agradeço a equipe do Novembro Negro na EACH que tanto me ensinou.

Agradeço aos meus alunos, que sempre acreditaram no potencial da educação e confesso que em muitos momentos, quase todos aliás, tenho a impressão que aprendo muito mais com eles do que o inverso. Agradeço imensamente ao grupo de rap “A família”, que fez a música Castelo de Madeira homenageada aqui na capa dessa dissertação. Agradeço ao Marcelo Cavanha e a Mara, que sempre deram o suporte que precisei quanto às questões do movimento negro, literaturas e ensinamentos para a vida. E como não poderia deixar de dizer: agradeço o meu querido e inspirador GOG, que por meio de suas músicas me fez enxergar uma saída, o amor venceu!

RESUMO

SANTOS, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos. *Sou príncipe do gueto, mas meu castelo é de madeira: a construção da identidade na favela da Vila Barros – Marília / SP*. 2021. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

O intuito deste trabalho centra-se em problematizar o processo de construção da identidade em meio à realidade vivida na favela da Vila Barros na cidade de Marília-SP, concomitantemente, as questões que surgem a partir do processo de ocupação daquele espaço. Como referência utilizou-se a pesquisa desta autora, realizada de 2005 a 2008, posteriormente houve o trabalho de campo em períodos específicos de 2018 a 2020. Os objetivos principais deste trabalho foi investigar a relação entre os moradores da favela e a construção da sua identidade, mapear lideranças locais e quais as diversas representações que a comunidade mariliense atribuiu a estes moradores, muitas vezes evidenciadas pela mídia e propagandas locais, bem como o questionamento das formas de atuação do Estado. O caminho metodológico percorrido consistiu em quatro fases: na primeira, resgatou-se histórico da formação da cidade de Marília; na segunda, houve o entendimento quanto ao processo de consolidação das favelas na cidade e os reflexos comparativos à primeira pesquisa; a terceira fase consistiu na pesquisa de campo com entrevistas e observação participativa; na fase final discutiu-se a consistência dos dados realizados na primeira pesquisa comparativamente aos oficiais contemporâneos, à luz dos conceitos mobilizados pela bibliografia. Os resultados apontados a partir da sistematização das informações oficiais e referências coletadas em campo, entendem que a população, majoritariamente negra, pobre sofre com as práticas promovidas pelo Estado que tem como norma o reforço das desigualdades ali vivenciadas, ações práticas quanto à truculência em diversas esferas sejam elas raciais, sociais ou econômicas. Conclui-se que a formação da favela combinada com o racismo ambiental, segregação social e acirramento das tensões sócio raciais afetam diretamente a dinâmica de vida, empobrecimento e relações estabelecidas na favela da Vila Barros; além disso, os moradores também padecem com os reflexos da necropolítica, promovida e financiada pelo Estado; Como resposta a isso, essa mesma população articula-se em estratégias de sobrevivência, participando de organizações de mulheres pretas dentro da comunidade que possibilita a formação política dos indivíduos, ao mesmo tempo que transforma o território.

Palavras-chave: Identidade. Favela. Movimento de mulheres pretas. Racismo ambiental. Necropolítica. Segregação urbana.

ABSTRACT

SANTOS, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos. I am a prince of the ghetto, but my castle is made of wood: the construction of identity in Vila Barros slum- Marília / SP. 2021. 186 f. Dissertation (Master of Science) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

The aim of this work is to discuss the process of identity construction in the midst of the reality experienced in Vila Barros slum in the city of Marília-SP, concomitantly with the issues that arise from the process of occupation of that space. As a reference, this author's research was used, carried out from 2005 to 2008, later there was a fieldwork in specific periods from 2018 to 2020. The main objectives of this work were to investigate the relationship between slum residents and the construction of their identity, mapping local leaders and what are the different representations that the Mariliense community attributed to these residents, often evidenced by the media and local advertisements, as well as questioning the ways in which the State acts. The methodological path consisted of four phases: first, the history of the formation of the city of Marília was retrieved; Second, there was an understanding of the process of consolidation of slum in the city and the comparative effects of the first research; the third phase consists of field research with interviews and participatory observation; in the final phase, the consistency of the data carried out in the first research was discussed in comparison with contemporary officials, in light of the concepts mobilized by the bibliography. The results pointed out from the systematization of official information and references collected in the field, understand that the population, mostly black, poor suffers from the practices promoted by the State that has as a norm to reinforce of the inequalities experienced there, practical actions regarding the truculence in several spheres be they racial, social or economic. It is concluded that the formation of the slum combined with environmental racism, social segregation and the intensification of socio-racial tensions directly affect the dynamics of life, impoverishment and relationships established in the slum of Vila Barros; in addition, the residents also suffer from the reflexes of the necropolitics, promoted and financed by the State; In response to this, this same population is articulated in survival strategies, participating in black women's organizations within the community that enables the political formation of individuals, while transforming the territory.

Keywords: Identity; Shanty town. Black women movement. Environmental racism. Necropolitics. Urban segregation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– Inauguração da Igreja Santo Antônio.....	25
Figura 2	– Lugares marcados de acordo com o sobrenome e posses.....	25
Figura 3	– Igreja de São Pedro 1983 – organizada por freiras.....	26
Figura 4	– Igreja São Miguel de Arcanjo 1982 – organizada por padres franciscanos.....	26
Figura 5	– Igreja de São Bento.....	27
Figura 6	– Mapa dos espaços fechados e favelas de Marília.....	32
Figura 7	– Dados Fornecidos pelo Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Unidade de Saúde Vila Barros.....	34
Figura 8	– Trecho da entrevista sobre espaços fechados e cidades.....	38
Figura 9	– Notícia de jornal 1.....	54
Figura 9A	– Notícia de jornal 2.....	56
Figura 10	– Notícia de jornal 3.....	59
Figura 11	– Notícia de jornal 4.....	61
Figura 12	– Notícia de jornal 5.....	64
Figura 13	– Notícia de jornal 6.....	65
Figura 14	– Notícia de jornal 7.....	68
Figura 15	– Notícia de jornal 8.....	70
Figura 16	– Notícia de jornal 9.....	71
Figura 17	– Notícia de jornal 10.....	72
Figura 18	– Notícia de jornal 11.....	73
Figura 19	– Notícia de jornal 12.....	74
Figura 20	– Gráfico IPEA Total e proporção e mulheres, segundo cor/raça.....	76
Figura 21	– Quadros com informações sócio demográficas e relação de parentesco com o responsável familiar.....	84
Figura 22	– Quadro com identificação da quantidade etária e gênero.....	85
Figura 23	– Quadro com informações sobre o desconhecimento do nome da mãe/pai/responsável familiar.....	86
Figura 24	– Quadros com informações referentes a escolaridade e informações de quem cuida das crianças de 0 a 9 anos na ausência dos pais.....	87
Figura 25	– Promoção + de 1 milhão em prêmios.....	93

Figura 26 – Campanha corrente do bem Tauste.....	93
Figura 27 – Balconista padaria do supermercado negra servindo a mão branca.....	97
Figura 27A– Atendente do caixa negra e todos os clientes brancos.....	97
Figura 27B– Atendente do açougue negro servindo o cliente branco.....	98
Figura 27C– Atendente negra carregando taboa com frios.....	98
Figura 28 – Casal branco ao ar livre.....	99
Figura 28A– Cliente branca fazendo compras.....	99
Figura 28B– Família branca ao ar livre.....	100
Figura 29 – Fachada da EMEI Colibri – Primeira creche da Vila Barros – Marília/SP....	116
Figura 30 – Placa de inauguração da Sala de Amamentação para as mães lactantes.....	116
Figura 31 – Sala de amamentação na creche.....	117
Figura 32 – Número de favelas concentradas em Marília/SP.....	125
Figura 33 – Os itambés e a ocupação da favela da Vila Barros Marília/ SP.....	126
Figura 34 – Favela da Vila Barros - Mapa.....	127
Figura 30 – Favela da Vila Barros – Imagem satélite 1 – Escarpas acidentadas.....	129
Figura 31 – Favela de Vila Barros – Imagem satélite 2 – Área de escoamento.....	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atividades profissionais mapeada até março de 2020.....	92
--	----

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Parte I	
Capítulo 1 – A origem da Vila Barros e a construção de Marília.....	20
1.1 “Você acha que a favela ia ficar 10 anos esperando você volta?”: relações da Vila Barros com a cidade.....	29
Capítulo 2 – A construção da identidade na favela.....	42
2.1 “Milhões de brasileiros não tem teto não tem chão eu apenas mais um na multidão” – As representações dos sujeitos.....	42
2.2 “Preto e dinheiro são palavras rivais?” – Análise dos discursos contidos nas notícias de jornais da cidade de Marília referente a Vila Barros.....	52
2.3 Mulheres pretas, politizadas cientes de si.....	75
Parte II	
Capítulo 3 – Relações raciais e a Vila Barros.....	91
3.1 “Ela é como se fosse da família....”.....	91
3.2 Racismo Ambiental.....	103
Capítulo 4 – Necropolítica e suas facetas.....	110
4.1 “Tá tranquilo, tá moiado” – A ação do Estado na Barros e seus reflexos.....	111
4.2 “A periferia chora... Deem minhas rosas em vida porque morto não sentirei o seu perfume” – genocídio do povo preto, pobre periférico.....	119
4.3 “Eu só quero é ser feliz andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar” – Movimento de base e articulação política.....	123
5 Considerações finais.....	131
Referências.....	134
Bibliografia.....	137
Anexos.....	150

Introdução

Em 2005, ano em que as pesquisas iniciais na favela da Vila Barros tiveram origem no curso de Ciências Sociais dentro da Universidade Estadual Paulista - Unesp de Marília, a polaridade visual na composição da cidade era algo que despertava inquietação e certa curiosidade. O Trabalho de Conclusão de curso (TCC) realizado durante a graduação abordou as determinações e influências para a consolidação da favela e as relações desiguais estabelecidas ali. Durante o desenvolvimento da pesquisa e trabalho de campo¹, o olhar voltou-se para questões específicas destacadas na favela da Vila Barros, tais como: o processo de autoconstrução empenhado durante a luta diária dos catadores que em meio aos descartes buscam por condições melhores condições de vida e sobrevivência familiar em meio a ocupação em local de risco. Esta primeira pesquisa reuniu e sistematizou dados da Vila Barros, que ainda não era reconhecida como localidade, traçando o perfil de seus moradores, maioria masculina, migrantes nordestinos e/ou egressos do sistema penal; a presença do Estado identificada naquele momento reduzia-se ao controle/repressão social, não sendo garantidas assistências básicas para aquelas pessoas.

Hoje, após 10 anos de conclusão da pesquisa, houve a necessidade de retornar ao campo, com a finalidade de problematizar as mudanças sofridas na Vila Barros, as trajetórias e narrativas dos moradores, além disso, perceber as transformações espaciais que também contam a história da favela. Tais situações foram possíveis por conta do aparato diverso que a literatura apresenta, a busca por certo embasamento científico explorado durante do curso de pós graduação em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo. Tornou-se possível entender e contextualizar a realidade percebida em campo combinadas aos aspectos que exploram o mover histórico e as minúcias referentes ao processo de formação da cidade de Marília, pois seguiu-se a sistematização de informações relevantes para a apreensão da realidade vivida na favela, empenhou-se em combinações de vertentes diversas ora transitando

¹ A pesquisa de campo deu-se no período de 2005 até 2007 inicialmente houve investidas para a observação da dinâmica e apreensão da realidade vivida ali, o mergulho desta pesquisadora deu-se de tal maneira que houve a necessidade de seguir um rigor metodológico, cronograma e embasamento teórico para organizar o trabalho e concluí-lo, segundo as métricas acadêmicas. Ficou estabelecido que as entrevistas e observação participativa seriam feitos durante os finais de semana e feriados (segundo as informações levantadas em campo, constatou-se que esses dias são os de maior movimentação na favela). Além disso, após quase 3 anos de trabalho sistemático e investidas a campo os moradores incorporaram a pesquisa como parte importante para a formação histórica da própria comunidade e identificação de si. Apesar do pouco investimento empenhado a pesquisas iniciais, houve grande empenho e reconhecimento da universidade para o valor daquela pesquisa.

entre a leitura local e outras vezes empenhou-se em análises macro espaciais importantes para entender a concretude, distanciamentos e similaridades que a Vila Barros traz na sua formação.

A consistência metodológica empenhada nesta dissertação centrou-se em seguir um cronograma que organizou as investidas durante o trabalho de campo, ao mesmo tempo em que as entrevistas eram feitas (2018 a 2020). Usou-se como método fundamental a pesquisa comparativa em jornais da cidade que traziam reportagens sobre a Vila Barros, depoimentos colhidos em conversas formais e informais durante a pesquisa de campo, além da utilização de vasta bibliografia com autores que abordam questões pertinentes ao trabalho. A observação em campo consistia em detectar quais eram as alterações sofridas na favela após 10 anos, além disso, em um primeiro momento a pesquisa de campo serviu para entender qual o contexto existente ali, entender quais eram as mudanças ocorridas na favela e principalmente, detectar as demandas que a comunidade apresentava. Após esse processo inicial, houve a necessidade em aprofundar-se nos contextos ali vividos e refletir acerca das perguntas que guiavam essa pesquisa e mais que isso, entender quais ainda faziam sentido, pois ao retornar ao campo, percebeu-se que a favela não era mais a mesma. As mudanças em campo foram percebidas para além da estética existente ali, as transformações aconteceram ao passo que a própria sociedade e o mundo também se transformaram, ampliar o olhar, neste caso, foi possível a partir de uma provocação feita durante a pesquisa de campo que despertou o distanciamento do olhar romantizado que muitos pesquisadores formulam em relação à favela. Com o propósito de manter a idoneidade da pesquisa houve a reconstrução histórica do trabalho, delimitou-se rigorosamente os passos a serem seguidos nesta pesquisa, além do comparativo espacial entre as transformações da favela de 2008 e a favela de 2020. Neste processo questionou – se os distanciamentos e proximidades entre as mudanças no território e a existência de possíveis concomitâncias entre a transformação dos moradores com as modificações espaciais, para além disso, investigou-se as transformações existentes no território e a relação entre a composição identitária da favela.

Após retomar o campo, a convivência no cotidiano da favela foi imprescindível para entender a dinâmica vivida no espaço, além das novas atividades desenvolvidas no território. A observação em campo foi decisiva para incorporar as relações estabelecidas ali e definitivamente refletir sobre elas. Durante essa pesquisa apurou-se as novas construções no espaço e quais eram as informações contidas ali, já que por alguns momentos, durante o processo de construção dessa dissertação, pode-se entender que a movimentação de alguma parte da favela reflete no todo, e mais que isso, entende-se que a formação da favela se trata da formação dos indivíduos. Neste sentido, a preocupação desta pesquisa consiste em destrinchar

os as particularidades da formação da favela, trazer um histórico e acerca da favela, suas mudanças e a participação popular nesse processo.

Outra parte importante nesse processo metodológico tratou-se da abordagem de literaturas que aproximaram a concretude da favela às teorias significativas no campo e das ciências sociais, assim como ciências humanas. Ainda neste sentido, houve a necessidade em aproximar perspectivas políticas a atualização de linhas de pensamentos para discutir questões fundamentais em relação à consolidação da favela e identidade. A pluralidade que o curso transdisciplinar oferece possibilita mobilizar diversos olhares para além da monofonia restrita em relação às abordagens teóricas. Buscou-se a formulação dialógica para mobilizar temas importantes para entender o movimento da favela, a pluralidade e suas minúcias, para tanto, utilizou-se autores que abordam as questões políticas e sociais da população negra, os encontros dos moradores além de apontar questões quanto à identidade.

Dito isso, outro ponto importante trata-se das entrevistas empenhadas durante a pesquisa, pois entendeu-se que este material seria um instrumento histórico importante para dar voz aos moradores, silenciados secularmente. As possibilidades que essa dissertação oferece estão para além das métricas acadêmicas engessadas em métricas positivas que ainda enxergam o morador de favela como objeto de estudo, ao contrário disso, nesta dissertação ocupa-se um espaço passível de entender a realidade do outro a partir do seu próprio olhar, a partir da sua própria fala, já que por muito tempo fora negligenciada. Esta pesquisa baseou-se na realidade vivida no chão batido da favela, nos relatos que a história oral traz como pertencimento, além de contextos que distam de qualquer escrita falaciosa acerca da neutralidade axiológica. As entrevistas contidas aqui foram realizadas a partir da identificação de lideranças moradoras de favela, indivíduos que participaram da primeira pesquisa e hoje conseguem entender que este processo de acompanhamento foi importante para mostrar que há um histórico e trajetória de pesquisa e pesquisadora e que são complementares e fundamentais para que essa pesquisa fosse realizada. Nestas linhas há determinada intencionalidade e durante as entrevistas percebi que o fato de ser mulher e preta facilitou o trânsito na favela e mais que isso, as entrevistadas identificavam-se e sentiam-se confortáveis em conversar sobre questões caras delicadas e muitas vezes não ditas anteriormente.

Durante a formulação da pesquisa o disparate visual presente na organização da cidade expõe as contradições na forma de ocupação do território e manutenção dos interesses da elite local. Ao caminhar pela cidade percebemos que existem realidades antagônicas, ao passo que observamos o desenvolvimento do comércio, o setor de serviços, a presença de prédios espelhados, redes franquias famosas e certa conurbação nas áreas centrais e em suas

proximidades. Por outro lado, nas bordas da cidade, tem-se a permanência de espaços ruralizados, casas autoconstruídas com materiais rústicos, e certa pacatez, peculiar do ambiente campestre, que em grande medida, contrasta à estética e dinâmica vivida no restante da cidade.

Diante de tais aspectos, há necessidade em entender-se quais foram as ações (políticas, sociais, econômicas, culturais, espaciais entre outras) que influenciaram nesta conjuntura. Compreender a história e seus adventos, nos aproxima do lugar que cada indivíduo ocupa, as representações que parte da construção do próprio indivíduo e dos outros para/com ele. O que buscamos a partir desta pesquisa atual, traz como proposta o olhar das relações estabelecidas no território para a construção da identidade, e perspectivas que exploram diversidade que a favela abarca.

A Vila Barros, como outras regiões periféricas em Marília, expõe a contradição na constituição espacial das cidades médias do interior paulista. A especulação imobiliária, o processo de autoconstrução e a atividade dos catadores é o que constitui o cenário de pobreza nas bordas da cidade. Como pressuposto, este trabalho busca entender as complexidades existentes no processo de construção da identidade dos sujeitos, inevitavelmente compreendemos como essa favela consolidou-se, pois as potencialidades da Vila Barros estão diretamente ligadas às histórias de vidas, subjetividades e representações que se criam, transformam e reinventam na mesma cadência. Ainda dentro disso, esta pesquisa pretende explicitar a singularidade das relações entre os moradores da Vila Barros, entender e investigar a existência de moradores que atuam no processo de questionamento da ordem estabelecida.

De acordo com os registros históricos mobilizados nesta pesquisa, o confronto das autoridades públicas e o ‘fechamento’² comunitário traz como mote a reflexão de possíveis conexões entre o fomento de políticas públicas vigentes e a estrutura sócio – política e econômica da favela.

Nesta pesquisa articula-se elementos (históricos, etnográficos, econômicos entre tantos outros) que nos possibilita investigar a existência de semelhanças ou mesmo questões universais relacionadas a todas favelas, se de alguma maneira aproximam-se quanto a formação de movimentos de resistência, afinal como entendem suas próprias contradições expressadas nelas mesmas. Além disso, pretende-se identificar lideranças que promovem a articulação local e se de fato há organizações ou movimentos reivindicatórios referentes a implementação de ações práticas para reversão do atual cenário que agrava as desigualdades. A relevância em se

² Termo utilizado para dizer que existe um pacto entre os pares, que não necessariamente deve ser acordado por meio de contratos formais, mas parcerias geradas através das afinidades, superações, identificação étnica, social, econômica além de trajetórias entre tantas outras questões.

detectar as lideranças comunitárias e perceber se os moradores os legitimam e se há algum questionamento acerca do papel desempenhado dentro da comunidade, pois tornou-se imprescindível para entender quais são as demandas do local, como se formulam as pautas de reivindicações e qual a atuação comunitária dentro dessa dinâmica.

A pertinência desta pesquisa centra-se na necessidade em escancarar as mazelas sociais e ao mesmo tempo exaltar a voz e as potencialidades do povo excluído e negligenciado historicamente. O grande desafio encarado nesta dissertação consiste em mergulhar na realidade do outro, e ainda manter a sobriedade para destrinchar a gnosiologia daquele lugar.

Ainda assim, busca-se abrangência e respaldo que legitime as pesquisas voltadas à desconstrução de estereótipos e arquétipos consagrados na literatura unilateral, pois em muitas obras ainda há defesa da métrica eurocêntrica e tendências misoginias nas áreas de pesquisa. Sobretudo, na atual conjuntura política nacional, há forte descrédito relacionado a ciência como um todo, especificamente, nas áreas das humanidades, nas quais houve cortes de verbas e investimentos voltados ao desenvolvimento de pesquisas científicas com ações políticas empenhadas pelo Estado, a fim de aniquilar toda e qualquer prática de questionamento ou que critique o contexto atual.

Por fim, a dissertação vem na contramão dos ditames políticos, pretende-se aqui oferecer subsídios para discussões e críticas que apontem possibilidades de transcender a aparente inércia estrutural e assim estabelecer pontes importantes entre as reivindicações e o entendimento de si diante dos direitos sociais.

Como aporte metodológico utilizo neste trabalho bibliografias baseada nos autores que discutem contexto de favelas e identidade, importantes para o entendimento do cotidiano vivido na Vila Barros. Além do aparato bibliográfico, há referências de documentos presente nos arquivos municipais, para entender o processo de ocupação do território e distribuição de terras, segundo as leis do município.

Desde a parte inicial deste trabalho há o registro de notícias e acontecimentos relacionados a Vila Barros, estes arquivos são compostos por publicações contidas nos jornais da cidade, boletins informativos, geralmente, divulgados através das agentes de saúde do bairro, cartazes e comunicados voltados ao interesse local, esse material mostra-se importante para o resgate histórico, auxílio a trabalhos futuros e acompanhamento cronológico das diversas representações atribuídas aos moradores da favela. A reprodução destas reportagens e imagens são necessárias para entender e situar os contextos abordados, pois através desse instrumento podemos identificar de que maneira as formulações estereotipadas foram imersas no contexto

da cidade e, além disso, identificar as várias situações em que estigmatizam os moradores e determinam quais os lugares a serem ocupados por meio das relações estabelecidas socialmente.

A Parte II da dissertação é composta por elementos importantes que auxiliam a localização das alterações impactadas no território e as transformações espaciais ocorridas durante esses anos, para isso utilizaremos imagens captadas via satélite afim de traçar eixos comparativos dos focos mais críticos da ocupação entre as imagens captadas até 2008 e as atuais. Para que possamos visualizar esses impactos haverá o mapeamento dos locais de maior concentração de casas, a crescente instalação de condomínios fechados na região e, conseqüentemente, o aumento significativo da produção de esgoto lançado nos mananciais que rasgam o interior da Vila Barros. Ainda neste contexto, há necessidade de entender quais são as ações que tem o comprometimento público como principal meta para reversão destes problemas e se existem intervenções institucionais como elas são fomentadas na prática para a melhoria na qualidade de vida direcionada à comunidade local.

Desde as primeiras investidas à campo tive como instrumento de trabalho a formulação de um diário para registros etnográficos que traz como pressupostos as impressões compreendidas e vivenciadas na favela, além de constatações que posteriormente confrontei com o material teórico bibliográfico, para tanto consta nesta pesquisa certas partes destes escritos para que seja retomado o momento em que foi escrito. Ademais, seguem as especificidades dos passos seguidos durante o desenvolvimento da dissertação:

- Fase inicial da pesquisa (primeiro semestre do primeiro ano de pesquisa):

Esta etapa inicial do trabalho consiste em um breve resgate histórico da formação da cidade de Marília, entender as mudanças e transformações significativas ao longo do tempo, na favela da Vila Barros, além da consolidação dos bairros e a dinâmica dos moradores.

- Fase secundária da pesquisa (Segundo semestre do primeiro ano):

Por meio dos estudos sobre o processo de formação das favelas de Marília e reflexos comparativos nos últimos 10 anos buscou-se entender quais são os aspectos referentes à consolidação da periferia na cidade, e quais são os reflexos disso na formação da identidade. Ainda nesta etapa do trabalho, houve o mapeamento de pesquisas desenvolvidas anteriormente, e que ofereceram suporte para identificar as particularidades quanto a consolidação periférica, além das semelhanças referentes à contradição urbana.

- Terceira fase (primeiro semestre do segundo ano):

Esta etapa consiste em descrever a experiência de campo, conflitos enfrentados no cotidiano da favela e o panorama acerca das relações estabelecidas ao longo da consolidação periférica, concomitantemente, ao processo construção da identidade.

- Fase final (segundo semestre do terceiro ano):

Esta fase será dedicada a conclusão das reflexões iniciadas durante todo o trabalho, reservou-se para as fases finais da dissertação a crítica acerca das particularidades do território, os conceitos e discussões teóricas combinadas à realidade observada em campo. A partir das desconstruções empenhadas até então, pode-se provocar outras problematizações e questionamentos voltados à experiência registrada na pesquisa que está associada ao movimento, de toda ordem, que o trabalho proporciona.

Dito isso, a partir de uma visão dos moradores temos como objetivo verificar quais são as relações estabelecidas com o território e como isso contribui com a sua formação identitária deles mesmos. Além disso, buscamos entender como se dá o processo formativo no interior da favela, a incorporação dos indivíduos e ciência de si como morador de favela e entender que a Vila Barros constituiu-se ao mesmo passo que os indivíduos transformaram-se formando novas perspectivas e representações. Além disso, verificar se de fato há alteração na dinâmica de ocupação espacial e, conseqüentemente, investigarmos a lógica de acumulação, em decorrência disso, questiona-se a abrangência das autoridades públicas em regiões de favelas e identifica as organizações e formas de atuação mundial.

Um dos pontos específicos analisados nesta pesquisa consiste em problematizar a participação dos moradores das favelas mariliense no mercado de trabalho e a influência das propagandas e mídias que produzem determinadas representações aludidas/incorporada aos moradores da Vila Barros. Ainda neste contexto, entender como as instituições públicas atuam na favela, e de que maneira podemos encontrar as conseqüências desta presença nas manifestações populares.

Além de relacionar as disputas pelo espaço há também o intuito de captar as relações interpessoais construídas no espaço, por meio dos dados mobilizados deve-se destacar as atividades formais e informais que movimentam a economia da região. A partir das relações estabelecidas no cotidiano e na microesfera, questiona-se quais são os reflexos encontrados no âmbito universal e de forma elas se ligam.

O intuito em se explicitar os reflexos nas instâncias universais vem em entender-se o paralelo entre o Estado e o processo de segregação e como de fato interferem na vida e nas relações cotidianas do morador da Vila Barros, como as questões de ordem global interferem na distribuição de casas e na construção da identidade urbana.

Ainda no âmbito das construções sociais, há necessidade em se questionar as relações estereotipadas e o uso dos estigmas sociais no processo de segregação, em muitos aspectos, na região periférica de Marília.

Parte I

Capítulo 1 – A origem da Vila Barros e a Construção de Marília

Este capítulo explora as formas de ocupação que originaram as favelas na cidade de Marília. Inicialmente, a discussão traz um aparato histórico importante para contextualizar as contradições que permanecem ao longo do tempo e funcionam como estratégia para manutenção da segregação urbana. Considera-se que

O novo padrão de segregação urbana baseado na criação de enclaves fortificados representa o lado complementar da privatização da segurança e transformação das concepções do público. Embora a segregação tenha sido sempre uma característica das cidades, os instrumentos e regras que a produzem mudam consideravelmente ao longo do tempo. Obviamente, eles também mudam de cidade para cidade, conferindo a cada uma sua identidade particular. No entanto, é possível identificar padrões de organização e segregação espacial e seus instrumentos. Esses padrões constituem repertórios dos quais as mais diversas cidades tomam elementos para moldar seus espaços. (CALDEIRA, 2000, p. 4).

O município de Marília apresenta uma população estimada para 2020 de 240.590 habitantes³, sendo considerada uma cidade média⁴, está localizada no Centro-Oeste Paulista, e tem um dos maiores índices de pobreza extrema, com 31% da população em condições de pobreza extrema⁵, mesmo assim, este município têm concentrado condições mais favoráveis no que diz respeito a sua dimensão econômica, pois o impulso industrial mostra-se com destaque na região além da produção no setor alimentício e metalúrgico.

As desigualdades econômicas mostram-se significativas diante da estrutura econômica, já que a importância regional ainda não afasta os problemas sociais que são variados e cumulativos, refletindo em grande medida nas comunidades periféricas e favelizadas, pois a privação socioeconômica torna-se realidade vigente. Segundo o *Mapa da exclusão/inclusão social e qualidade de vida em Marília*,

o nível relativamente significativo do crescimento da indústria e do comércio local alcançado tem, em vistas da manifestação da pobreza no município associa-se fundamentalmente à incapacidade da estrutura econômica local de gerar empregos suficientes que permitam uma remuneração maior e mais ampla das parcelas da população em progressivo empobrecimento. (CARVALHO, 2003, p. 6)

³ Dados sobre densidade demográfica, surgimento da cidade ANEXO 1 e ANEXO 2

⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) as cidades com habitantes entre 100 e 300 mil são consideradas cidades médias.

⁵ Segundo Dado extraído do Tabulador do Cadastro / Cecad 2.0, do Ministério da Cidadania, Brasil. https://cecad.cidadania.gov.br/tab_cad.php.

Dito isso, o modelo de acumulação de riqueza não difere das outras localidades do país, a concentração de renda e a manutenção dos privilégios históricos engordam as classes dominantes e mantem a estrutura intacta. Entende-se que a capacidade produtiva do município, circulação financeira e pioneirismo industrial pouco refletem na ascensão social dos trabalhadores que são empregados com a mão de obra barata nestas atividades, tampouco há participação nos lucros⁶ das indústrias e a atividade antrópica tornou-se cada vez mais obsoleta em decorrência do emprego de máquinas e robôs que produzem mais em menor tempo, com investimentos baixos e retorno financeiro rápido e lucrativo.

O acirramento da pobreza e a iniquidade social demonstram que, historicamente, as polaridades garantem a permanência aristocrática no poder e seus descendentes usufruem e corroboram com esse resultado. Ainda no tocante das agruras sociais, a ínfima abrangência da implementação de políticas públicas direcionada à população pauperizada das favelas de Marília pouco refletiu na mudança social e qualidade de vida desses indivíduos. Visto que os atuais abastados herdaram as vantagens (política, sociais e econômicas), por outro lado, remanescentes do sistema colonialista e compulsório enfrentam, cotidianamente, consequências adquiridas deste período.

Em Marília, o processo de ocupação, em sua grande maioria, não difere de outras cidades. Percebemos certa similaridade, já que áreas centrais se consolidam enquanto as bordas da cidade expandem-se. Neste contexto, muitas famílias abastadas residem próximas ao centro comercial e locais onde há maior oferta e disponibilidade de rede de serviços e imóveis valorizados. Desde o início, áreas centrais da cidade foram ocupadas, causando ao longo do tempo superlotação, possibilitando assim, o surgimento de policentros⁷ localizados nos bairros e o crescimento do comércio na periferia. Não obstante, famílias que apresentam alta renda também ocupam terras baratas nas periferias da cidade muitas vezes, blindam-se com a estética da segurança⁸ causando um contraste visual observado durante o trabalho de campo.

⁶ Neste caso lucro pode ter dois sentidos o primeiro diz respeito a participação nos lucros oferecido aos empregados de uma empresa.. <https://www.pontorh.com.br/participacao-lucros-quem-tem-direito> e segundo o conceito materialista histórico, o capitalismo baseia-se na relação entre trabalho assalariado e capital, mais especificamente, na produção do capital por meio da expropriação do valor do trabalho do proletário pelos donos dos meios de produção. A esse fenômeno Marx deu o nome de mais-valia, já o lucro é aquilo que o empregador ganha após a utilização da mão – de – obra. <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/mais-valia.htm>

⁷ Conforme artigo de Heloísa Mariz Ferreira. Análise crítica da noção de policentrismo: uma contribuição ao estudo da centralidade em cidades médias. *GEOgraphia*, vol. 20, n. 44, 2018: set./dez

⁸ Existe hoje na cidade uma estética da segurança definida pelo novo modelo, que simultaneamente guia transformações em todos os tipos de moradia e determina o que confere mais prestígio. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000. p.126.

Em decorrência dos repertórios analíticos contidos nesta pesquisa, entende-se que os reflexos desses processos não estão isolados da construção identitária, pois entendemos as transformações e suas contradições complementares, concomitantes, imbuídas uma pela outra, ou seja, o movimento de construção identitária não está inerte às transformações sociais, espaciais e econômicas. A partir deste pressuposto pretende-se expandir os horizontes de análise e traçar os caminhos para a ação reflexiva desta dissertação.

Impulsionada pela inquietação observada nas comunidades favelizadas e periféricas, em sua grande maioria, recorreremos ao embasamento teórico e as explicações históricas, políticas e sociais para entender quais são as congruências que dialogam com este processo na atualidade. Obviamente, as questões levantadas não serão findadas, tampouco solucionadas, pois o contexto analisado mostra-se em constante mudança.

Para um maior entendimento referente a consolidação da cidade de Marília, há necessidade em se entender como deu-se o processo de ocupação no território. Segundo os registros bibliográficos, os primeiros ocupantes da região foram os caingangues, etnia indígena por tratar-se de um povo nômade, em outras regiões recebem nomes distintos: Guaianás, Botocudos e Camés. Apesar de nômades, os caingangues, com o passar do tempo, tornaram-se exímios agricultores e cultivavam roças ao lado das aldeias. Esses foram os primeiros habitantes do território, e foram invadidos pelos brancos que tinham interesses na expansão das suas terras.

Jorge Tibiçá (1855-1928), governador do Estado de São Paulo, reconheceu os vales dos rios Peixe e Feio, já que os trilhos da companhia Estrada de Ferro Sorocabana ao Sul e Noroeste ao Norte da região avançavam rapidamente rumo ao sertão. O Estado mostrava conivente com a invasão do território indígena, financiou o processo de tomada do território, construiu estradas e fez vistas grossas diante da chacina montada pelos “bugreiros”⁹ A invasão das terras e a instalação de estradas férreas deu-se às custas de assassinatos da população indígena e apagamento cultural, já que as práticas e vivências distam dos ancestrais, não obstante a política de aldeamento ou de transformação do indígena nômade em trabalhador rural.

⁹Nome pelo qual ficaram conhecidos os indivíduos especializados em atacar e exterminar indígenas brasileiros e que eram contratado pelos governos imperiais das províncias do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O termo se origina da palavra bugre, como eram conhecidos pejorativamente os indígenas do sul do Brasil. Eles realizavam ataques de surpresa, arrasando aldeias com poucas chances de resistência aos indígenas. As tropas de bugreiros compunham-se por 8 a 15 homens caboclos, conhecedores profundos da vida do sertão e geralmente aparentados entre si, que atuavam sob a ação de um líder com pleno poder de decisão. Os grupos também prestavam serviços de proteção a viajantes, tropeiros e agrimensores quando necessitavam atravessar ou permanecer em territórios onde a presença indígena era frequente. SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Bugreiro*. Xilos, catálogo da exposição de Elvo Damo. Curitiba, 1979.

Após longo período de assassinatos incentivados pelos grileiros e falta de comprometimento público com as áreas de ocupação indígenas, a comunidade originária resolveu firmar um acordo com o governo estatal para pôr um fim na chacina incentivada, com isso muitos indígenas migraram para outras áreas, favorecendo a expansão cafeeira (plantação de 10 mil pés entre os espigões do Rio Peixe e Tibiriçá) e o afastamento dos costumes indígenas.

O processo de ocupação aconteceu por meio da iniciativa de Cincinato Braga, deputado também conhecido por suas inspirações abolicionistas, que pensou em expandir a safra de café e adquiriu latifúndios para impulsionar tal fato. Os moldes desse impulso agrícola desconsideraram a representatividade e comunidade local, que já ocupava aquele território. Sendo assim, pensando nos possíveis ganhos ao longo do tempo e as condições climáticas, instalou-se então um novo ponto de incentivo cafeeiro. Ainda neste interim, visando a alavancada social, funcionários de Cincinato Braga adquiriram terras diante dos rumores para a instalação da Companhia Pecuária e Agrícola de Campos Novos. Por outro lado, as terras indígenas continuavam a ser invadidas, e a fim de fugir da matança instaurada no local, os ocupantes originários da terra migraram para a região sul do país.

Enquanto Cincinato Braga investia no setor agrário (Alto Cafezal), Bento de Abreu Sampaio Vidal (1872 - 1948) incentivava o desenvolvimento do comércio e setor de serviços. Esse último, ligado a elite, adquiriu latifúndios, dividiu as terras em diversas fazendas, e o montante estava destinado a seus filhos e à iniciativa privada. Bento de Abreu ignorou o Alto Cafezal, impulsionando o seu patrimônio de infra estrutura, recursos humanos, além de recrutar profissionais liberais em diversas áreas que para lá se dirigiam.

A estação de ferro foi construída nas terras do deputado e tinha ligações de ramais que se estendiam de outras regiões. O portão de entrada da estação ferroviária ficou de costas para o antigo patrimônio do Alto Cafezal, que ainda hoje traz marcas no território que apontam a exclusão social de determinada parcela da população. A exemplo dos reflexos das desigualdades herdadas desse período, há pouca disponibilidade de transporte público para as regiões negadas no desenvolvimento da cidade, além de poucos recursos destinados à mobilidade de moradores periféricos. O desenvolvimento urbano e econômico em pleno crash da Bolsa de Valores¹⁰ deu-se devido ao incentivo de Sampaio Vidal como entusiasta das áreas comerciais e o isolamento das áreas agrícolas.

¹⁰ No dia 24 de outubro de 1929, ocorreu o crash (quebra) da bolsa de valores de Nova York. Isso refletiu nas condições de vida do mundo todo, causando crise mundial. Nesse dia, a bolsa perdeu 11% do seu valor em negociações muito fortes, diversas empresas foram a bancarrota, comerciantes, assalariados e empresário perderam suas fontes de renda e gerou-se então uma crise sem precedentes. <https://www.msn.com/pt-br/?ocid=ichp&AR=6>

Os indícios semelhantes ao apartheid social¹¹ e segregação urbana existentes na gênese de Marília na construção e dinâmicas de igrejas católicas. Ainda na década de 1930, pode ser observado este fato na existência de duas igrejas primogênicas: a Igreja Matriz de Santo Antônio e a Igreja São Bento, uma para cada patrimônio, ou melhor dizendo, cada extremo da cidade tinha sua própria igreja, sendo que, a acolhida dos fiéis, a utilização dos assentos para assistir à missa e o envolvimento com as atividades da igreja dependia do local de morada, tradição do sobrenome e poder aquisitivo dos fiéis¹². Após o crescimento do município, o intenso fluxo migratório e ocupação da região norte (onde localiza-se a Vila Barros), majoritariamente composta por alforriados e nordestinos, fora construída a Capela de São Miguel, um espaço de menor extensão, com capacidade reduzida para acolher os fiéis, simples quanto a decoração e com poucos santos, localizando-se distante do centro e, obviamente, que estava distante de carregar o prestígio da Igreja Matriz de Santo Antônio e Igreja de São Bento, tampouco era essa pretensão, já que a disposição estética mostrava-se distante dos parâmetros convencionais. A aproximação dos cultos de matrizes africanas não eram práticas comuns a cidade, no entanto, a capela fora instalada em uma região mais afastada do centro, com pouca circulação de carros e comércio, sendo assim, especula-se que as práticas cerimoniais de matrizes africanas, ainda perseguida e condenada neste período, encontravam certa tranquilidade para o culto de seus adeptos.

Paradoxalmente, “a igrejainha”, como era conhecida pelos seus fiéis (a grande maioria composta dos moradores das favelas da cidade), até hoje é motivo de orgulho nos relatos sobre a popularidade das festas e a super lotação durante as celebrações aos domingos, dia de Ramos e festas juninas frequentadas por gerações de famílias. Os batizados, catequeses, crismas, e até mesmo casamentos eram definidos de acordo com a localização de morada. Com o passar do tempo, era nítida a presença de pobre e pretos na igrejainha, enquanto as famílias tradicionais e mais abastadas frequentavam as cerimônias sofisticadas como na Igreja Matriz São Bento. Mesmo diante da representatividade assimiladas pelos fiéis e engajamento popular, outras igrejas surgiram próximas ao bairro, sendo assim, o público espalhou-se por outros bairros.

A seguir, temos cinco figuras que ilustram as igrejas da cidade de Marília:

¹¹ O emprego do termo Apartheid (em africâner, "segregação") faz alusão ao regime de separação racial ocorrido na África do Sul de 1948 a 1994. O apartheid privilegiava a elite branca do país e excluía os negros dos espaços públicos, da educação e postos de trabalho.

¹² <https://afotoquefala.blogspot.com/2011/10/por-que-os-sinos-nao-dobram-mais.html>

Figura 1 – Inauguração da Igreja Santo Antônio



Fonte: Acervo UNESP Marília.

Figura 2 – Lugares marcados de acordo com o sobrenome e posses



Fonte: Acervo UNESP Marília.

Figura 3 – Igreja de São Pedro 1983 – organizada por freiras



Fonte: Acervo pessoal Dona Nice – Vila Barros.

Figura 4 – Igreja São Miguel de Arcanjo 1982 – organizada por padres franciscanos



Fonte: Acervo pessoal Dona Nice – Vila Barros

Figura 5 – Igreja de São Bento



Fonte: Acervo pessoal Dona Nice – Vila Barros.

Como continuidade deste processo, uma das vertentes explicativas para entender o cenário que emergia no pós-abolição da escravatura, sob a égide do trabalho livre e assalariado foi o desempenho industrial e proximidade com o perfil voltado a economia de mercado, o desenvolvimento urbano tornou-se pulsante ao mesmo tempo que uma realidade mundial. A grande massa de assalariados rurais fez da terra um bem comercializável, não mais um patrimônio hereditário. A terra passou a ser um elemento central no processo de ascensão econômico-social dos indivíduos.

Como acontece nos dias atuais, a vida política das lideranças coincidia com o desenvolvimento da cidade de Marília, o objetivo era impulsionar o crescimento a partir da comercialização de terras após a Revolução 1930 e empenho em loteamentos com a finalidade de incentivar a ocupação populacional. Além disso, em decorrência dos adventos da Revolução Constitucionalista 1932, muitos jovens que atuaram como voluntários no evento haviam retornado à cidade com o objetivo de tornar Marília geograficamente unida. Tinham o interesse em estabelecer um elo de ligação entre os antigos patrimônios Antônio Pereira da Silva¹³ (área com forte apelo agrícola e maior concentração populacional – atual área de ocupação das

¹³ Traziam consigo o caráter abolicionista, pois em grande parte dos indivíduos que ocupavam essas áreas eram os empregados das áreas rurais, em sua grande maioria, negros que conquistaram a sua liberdade diante o trabalho compulsório.

favelas e regiões periféricas) e de Sampaio Vidal (região de forte desenvolvimento econômico e industrial – atual área nobre e regiões centrais), ou seja a intenção era proporcionar uma interligação entre as regiões, já que pensavam as ruas como prolongamento uma das outras, além do fluxo sociocultural importante para unidade municipal. Atualmente a cidade mostra-se dividida e apresenta áreas com oferta de serviços desiguais e precarizados¹⁴.

As marcas desse período permanecem até hoje, apresentando-se com os resquícios da história, entre os trechos ruralizados e o contraste com as áreas comerciais, empresas prestadoras de serviços e conurbação urbana. Em decorrência do novo desenho das estradas, composição das linhas férreas, o desenvolvimento da capacidade produtiva, os postos comerciais da cidade e serviços abrigaram a maior parte da mão de obra que migrou das áreas rurais em decadência após a mudança do nicho econômico nacional¹⁵ e seus reflexos na dinâmica local.

A ligação entre a cidade e as fazendas produtoras foi viabilizado pela pulverização das jardineiras, que supriam as demandas que as estradas de ferro não conseguiam. A concentração das jardineiras em determinados espaços e a interligação as cidades vizinhas, bairros e outros municípios atribuem à Marília o título de abrigar a primeira rodoviária do Brasil. Com o incentivo rodoviário trouxe novas frentes migratórias e impulso aos novos negócios e diversos investidores.

Devido à crise mundial 1929, as apostas exclusivas no café não eram mais lucrativas e resolveu-se então novas apostas, diversificando os insumos agrícolas, loteando seus latifúndios que passaram a ser comercializados, incentivando assim novos empreendimentos habitacionais, cujos compradores eram de outras regiões, eram os assalariados rurais, que se tornaram proprietário independente na Alta paulista (que se estendia de Bauru à Marília). A região tornou-se foco atrativo para migração, sendo denominada Capital da Alta Paulista, passando a ser habitada por brasileiros e estrangeiros, transformando-se grande polo multicultural.

Ainda neste período, no início do século XX, a produção de café entrou em colapso¹⁶ oferecendo espaço para a produção de algodão (em decorrência da imigração japonesa) os

¹⁴ No decorrer da dissertação terá aprofundamento dessa discussão (necropolítica e presença do Estado)

¹⁵ Pós a crise de 1930 houve uma queda na produção industrial internacional, fomentando assim a industrial nacional para substituir as importações para abastecer o mercado interno. Segundo Celso Furtado o desenvolvimento da economia nacional deu-se em grande medida pela necessidade de atender as demandas internas, assoladas pela crise mundial e extremamente dependente dos insumos internacionais. Assim, o desenvolvimento industrial, em certa medida, cumpria o caráter emergencial do período.

¹⁶ Fator que exerceu influência sobre a economia do café foi a crise de 1929 nos Estados Unidos. Se os preços já tendiam a cair, a crise fez com que a demanda internacional pelo produto diminuísse ainda mais, o que forçou a

primeiros a plantarem o produto na região. O cultivo de amendoim, pós Segunda Guerra Mundial, produziu óleo para indústria alimentícia, atendendo o mercado nacional e regional em formação.

Neste contexto, as primeiras favelas surgiram a partir das necessidades dos indivíduos que foram abandonados pelo Estado, diante da insuficiência de políticas voltadas à inserção da população recém liberta no início do século XX. Após o processo abolicionista, estes indivíduos passaram a ocupar o espaço urbano de maneira precária, a fim de manter a própria subsistência e dos seus familiares. O país traz na sua estrutura formativa os reflexos destes problemas e, obviamente, em Marília não foi diferente, face as dificuldades de inserção formal na cidade e incapacidade em atender as demandas dos trabalhadores, estes ocuparam áreas pouco valorizadas e distantes do incentivo comercial (região que era voltada a produção agrícola – já em declínio). A zona urbana era composta, majoritariamente, por migrantes de baixa escolarização, que trabalhavam como saqueiros nas máquinas e posteriormente passaram a trabalhar e empreender em bares, mercadinhos e restaurantes.

A partir desta problemática criou-se programa de moradias populares, ainda insuficiente para a população, pois atendiam oficiais e funcionários públicos. A população, em sua grande maioria composta por mineiros e nordestinos, foi pouco favorecida pelas políticas do período. A mão-de-obra pernambucana, vertente significativa para o cultivo do café, pouco foi compensada com moradia digna ou mesmo aquisição ao plano de moradia incentivado na cidade. Sendo assim, essas frentes populares ocuparam juntamente com o levante negro remanescente do sistema compulsório, as bordas da cidade.

1.1 “Você acha que a favela ia ficar 10 anos esperando você volta?”: relações da Vila Barros com a cidade

Em concordância com os caminhos trilhados até aqui, torna-se imprescindível salientar a importância em estudar a maior (em extensão e concentração populacional) e uma das mais antigas favelas do município de Marília, a Vila Barros. Como dito antes, sabemos que a região fora ocupada por comunidades nômades indígenas e devido ao massacre destes povos promovidos pelos grileiros iniciou-se o processo de exploração das terras, dito isso, os latifúndios foram registrados aos ruralistas. Em decorrência do declínio dos ciclos agrícolas e

baixa dos preços com maior rapidez. O governo brasileiro não encontrava nenhuma solução para absorver os estoques, o que causou uma quebra na economia cafeeira da época. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 14^a ed. São Paulo, Nacional, 1976.

o desenvolvimento da indústria nacional as fazendas perderam seu protagonismo econômico, favorecendo assim, o desmembramento das áreas que foram transformadas em pequenos lotes que foram doados ou vendidos a custos baixíssimos a fim de povoar a região e incentivar a economia local. Pensando neste contexto, discute-se quando de fato houve o surgimento da Vila Barros, mas, de acordo com os registros oficiais, a favela foi fundada na década de 1980, estando localizada na zona norte da cidade. Inicialmente, o bairro mostrava-se constituído por diversas casas autoconstruídas, tais como barracos de madeira e/ou material de sucata e de alvenaria.

Ainda em 2005, período em que foi desenvolvida a pesquisa durante o curso de bacharelado no curso de Ciências Sociais na Unesp de Marília, grande parte das ruas foram improvisadas pelos moradores e não tinham pavimentação asfáltica. A maioria desta população reinventava-se, a fim de burlar as dificuldades para a manutenção de suas vidas, diante das decisões políticas adotadas pelo poder público, pouco efetivas à população favelizadas, e ações públicas que garantem e privilegiam apenas os interesses da classe hegemônica local, resultando na estrutura da favela. O cenário moldado pelas casas naquele momento expunha as condições precárias existentes ali, pois as moradias indignas remetem as mazelas e deplorações intencionadas a população preta, pobre e nordestina.

Hoje, mais de 10 anos após a primeira pesquisa, ao retornar ao campo, saltam aos olhos as mudanças em relação a estética das casas que modificaram a paisagem da favela, em grande medida, são compostas por alvenaria, mesmo que inacabadas. A instalação de lava-rápidos, bares, lanchonetes e outros pequenos comércios que se fixaram na rua principal a Salvador Salgueiro, substituindo assim o ostracismo comercial da década passada.

Pode-se entender que o surgimento desses vários empreendimentos e nova estética no bairro estão diretamente ligadas as políticas de desenvolvimento do empreendedorismo local e campanhas assistenciais fomentadas nos governos de base popular de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Vale registrar que a descrição contida neste momento da pesquisa difere ideologicamente da ideia de desenvolvimento econômico quanto a acumulação de riquezas, quando medidas unicamente por índices econômicos e dimensões exclusivistas e macro projetadas. O intuito desta observação, consiste em analisar os aspectos locais e expandi-los, assim como a proposta inicial de proporcionar o movimento didático para a compreensão das minúcias da Vila Barros.

Dito isso, salienta-se que as modificações locais quando paliativas diferem das mudanças e alterações sociais profundas, pois necessitam de esforços voltados ao fomento de

políticas nacionais em concordância com o atendimento das demandas específicas, que são configuradas e configuram-se no tempo e espaço. As especificidades de determinados locais condizem com as realidades vividas ali, pois estabelecem relações que se conectam e são refletidas historicamente ao mesmo tempo em que constitui o lugar. Durante as conversas informais, realizada enquanto desenvolvia o trabalho de campo, as moradoras mais velhas contam as alterações vividas no bairro, ao mesmo passo que narram as mudanças na própria vida, comumente as histórias se confundem em meio as próprias memórias e auto referência, ou seja, entende-se que as mudanças no espaço também são uma transformação de si, essa ideia de mudar o espaço, ou ressignificá-lo, está combinado a modificação do todo, inclusive dos sujeitos que oferecem sentido a ele. Contudo entender-se a partir do espaço só faz sentindo se o espaço fizer parte dele também e refletir sobre o movimento (de si, do outro e do todo), o que potencializa possibilidades e perspectivas. Ao passo que a Vila Barros se transformou, novas identidades foram adquiridas ali, concomitantemente, ao modo como as pessoas de outros bairros as representam, interagem e estabelecem lugares e padrões.

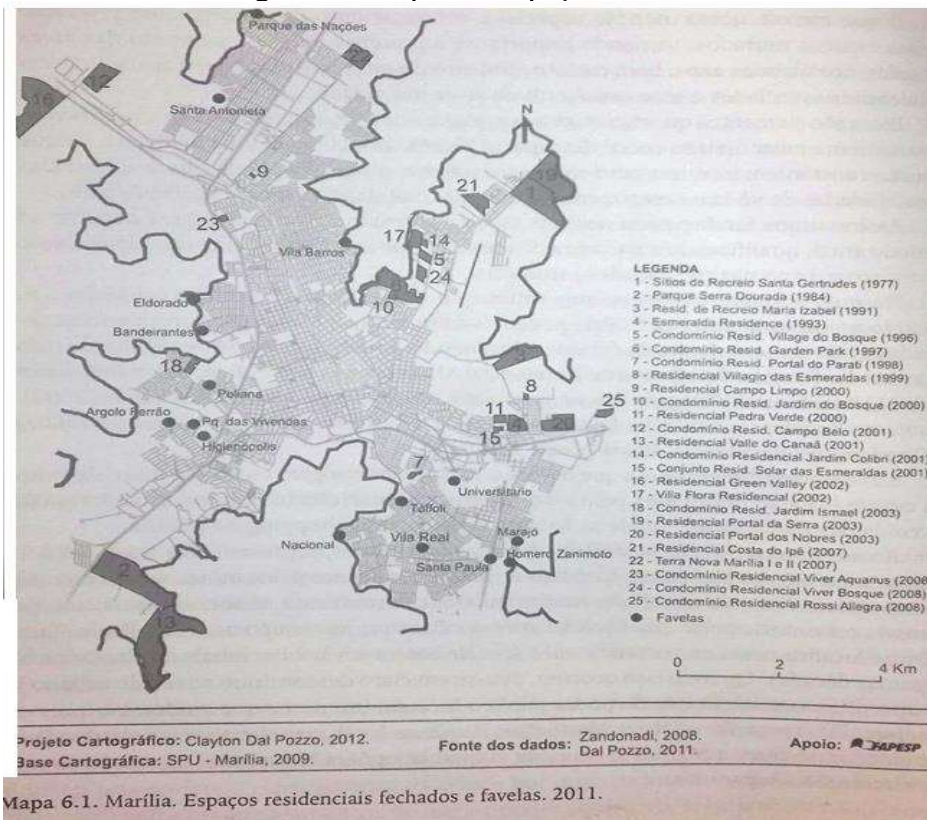
Espaços conhecidos como “alto padrão” são ocupados por moradores que concentram a maior parte da renda regional, a elite mariliense. Encontramos características similares no conceito de enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000), que exemplifica a contradição urbana, o processo de especulação imobiliária e a concentração de recursos públicos. “A expansão territorial realiza-se agora de modo seletivo, socialmente, revelando-se uma nova articulação entre a divisão econômica e divisão social do espaço urbano.” (GÓES; SPOSITO, 2013).

Os condomínios fechados tornaram-se uma tendência significativa na cidade de Marília, houve crescimento representativo desse modo de produção, bem como o interesse e procura por esse modo de viver. Essa nova lógica de ocupação gerou uma nova divisão social do espaço. A dicotomia espacial pode ser observada pela polarização da cidade desde a sua gênese, porque

[...] vem superando as lógicas centro-periféricas que orientaram a estruturação de espaços urbanos desde a Antiguidade, ainda que as especificidades de cada modo de produção e cada formação socioespacial tenham gerado cidades muito diferentes no espaço e no tempo. Estamos, então diante da mudança estrutural e não conjuntural. (GÓES; SPOSITO, 2013, p.101)

O mapa a seguir demonstra o aumento expressivo de condomínios na década de 1990, corroborando que se trata de uma mudança estrutural da composição da cidade.

Figura 6 – Mapa dos espaços fechados e favelas de Marília.



Mapa 6.1. Marília. Espaços residenciais fechados e favelas. 2011.

Fonte: GÓES, Eda Maria; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Unesp, 2013. p.104.

E observamos o processo de implantação dos condomínios, entende-se que a escolha dos nomes aos empreendimentos já auferem determinado status e imaginário de sofisticação.

Parte deles aproveita-se da proximidade com o Bosque Público que há em Marília, representado no mapa. Os nomes dos empreendimentos já sugerem a apropriação do valor “natureza” em algumas dessas iniciativas de incorporação: Condomínio Residencial Village do Bosque, Condomínio Residencial Garden Park, Condomínio Residencial Jardim do Bosque e Condomínio Residencial Viver Bosque. (GÓES; SPOSITO, 2013, p. 105)

A proximidade desses condomínios à Vila Barros, conforme percebido no mapa acima, trazem à tona o processo de estigmatização social e segregação presente na atualidade.

Sabemos que este aspecto da segregação urbana acontece a partir da espoliação da classe operária, pois no auge do processo industrial em Marília explorou-se e como mão-de-obra barata esses trabalhadores. Em decorrência do declínio da indústria *pari passu* ao desenvolvimento do comércio, os desempregados foram empurrados para regiões periféricas, principalmente na favela da Vila Barros, sendo assim submetidos a outro estilo de vida – como descrito neste capítulo.

A Vila Barros em sua essência já nasceu em uma localidade segregada, além de abriga a maior parte dos egressos do sistema escravocrata e mão-de-obra expurgada do mercado de trabalho localizado na região da Grande São Paulo, como conhecida atualmente.

Então a grande essência da Vila Barros é constituída por pobre, pretos e migrantes de outras regiões do Brasil, esperançados por novas oportunidades de trabalho. O maior fluxo migratório ocupou as bordas esquecidas da cidade de Marília, as porções que estavam voltadas a produção agrícola. Hoje, devido as mudanças no setor econômico, as características sociais e ocupação aristocrática na política local, tem-se o emprego destes trabalhadores em outras áreas diversas, principalmente no setor terciário como o trabalho autônomo, prestação de serviços e empresas terceirizadas, e o sucateamento dos salários devido espoliação do trabalhador, exploração intensa da mais valia e grande oferta de mão de obra cada vez menos qualificada diante dos avanços tecnológicos somam-se às justificativas para as baixíssimas remunerações, além das incertezas diante do mercado de trabalho que configuram o perfil de renda desta parcela da população.

Os moradores das favelas de Marília ainda correspondem a um grande número da população desempregada e/ou pouco remunerada da cidade. A maior parte ocupa cargos subalternos e de os salários mais baixos que se pode pagar. Na Vila Barros não é diferente, pois em uma das *visitas em campo*¹⁷, acompanhei este movimento de trabalhadoras¹⁸, em sua grande maioria mulheres¹⁹, que caminhavam em direção ao ponto de ônibus. Algo que me chamou atenção foi o horário em que as primeiras trabalhadoras com uniformes padrão (pareciam aventais) subiam a rua Salvador Salgueiro, principal via de acesso ao ponto de ônibus. As primeiras subiram as 4:45, vi que a maioria, se não todas subiam em duplas ou trios. O maior fluxo de trabalhadoras deu-se no horário entre 5 e 6 da manhã, pois a rua já começara a mostrar um maior movimento por conta das crianças e adolescentes que iam para a escola. Combinando as evidências visuais, aos dados levantados²⁰, pode-se entender que, a grande maioria, dos moradores da favela da Vila Barros executam trabalhos informais e utilizam o espaço de suas casas para execução dos mesmos e que veem tais atividades como uma estratégia para driblar os efeitos do desemprego e as consequências das iniquidades sociais.

¹⁷ As grafias em itálico são utilizadas, neste caso, para indicar falas em primeira pessoa do singular e também para apontar determinados trechos do diário etnográfico.

¹⁸ Neste ponto julgo importante a permanência de códigos LGBTQIA+ para demonstrar por meio da marca linguística e gráfica a presença da diversidade, inclusive, nestes grupos.

¹⁹ Inclui-se aqui mulheres transgêneras e cisgêneras.

²⁰ A utilização dos dados fornecidos pelo ministério da saúde está diretamente ligada ao índice específico da área já que o IBGE por exemplo oferece os dados referentes a cidade.

Figura 7 – Dados Fornecidos pelo Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Unidade de Saúde Vila Barros

Informações sociodemográficas - Situação no mercado de trabalho	
Descrição	Quantidade
Empregador	0
Assalariado com carteira de trabalho	522
Assalariado sem carteira de trabalho	124
Autônomo com previdência social	52
Autônomo sem previdência social	183
Aposentado / Pensionista	357
Desempregado	276
Não trabalha	708
Servidor público / Militar	10
Outro	20
Não informado	608
Total:	2860

Dados processados em 28/02/2020 às 06:20

Fonte: Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Unidade de Saúde Vila Barros

Segundo os dados fornecidos pelo Sistema de Saúde Municipal de Marília, quase 3000 mil moradores da Vila Barros foram entrevistados, dessas pessoas entrevistadas, 708 pessoas não trabalham no mercado formal. Diante disso, não existe a hipótese de se trabalhar esses dados isoladamente dos outros elementos que compõe a complexidade da favela. Para interpretá-los há necessidade de se mobilizar os instrumentos de observação adquiridos durante esses anos de pesquisa, a comparação de dados e os relatos colhidos em campo. Vale lembrar que os dados por si só não traduzem a realidade vivida na Vila Barros, há necessidade de interpreta-los e fazer a filtragem adequada para que possamos olhar o contexto da favela por diversos vieses.

Como dito anteriormente, a utilização de dados sócio demográficos oferece subsídios quantitativos e interpretações qualitativas em referência aos dados, no entanto tem suas limitações, pois a leitura destes dados impossibilita precisar o real percentual da população economicamente ativa (PEA), já que as variáveis intituladas “outro” 0,69% e “não informado” 21,2% apresentam mais de 20% de presença no campo. Diante disso, faremos a leitura parcial dos dados retirados por amostragem simples, parcial e setorial. De acordo com a interpretação dos dados, entende-se que a população empregada em setor formal com carteira assinada corresponde 18, 25%, empregados sem carteira assinada 4,3% e funcionários públicos 0,3%,

totalizando em 22,85%, essa porcentagem não chega a metade da população entrevistada. Em 2008, quase 10% da população entrevistada encontrava-se empregada no setor formal (contando com carteira assinada, empregados sem carteira assinada e funcionários públicos)²¹, esse crescimento significativo da população remunerada, acompanhou o processo de crescimento populacional, ou seja a Vila Barros cresceu ao mesmo ou em maior passo que o emprego desta mão de obra na economia ativa da cidade. A maior parte dos moradores da Vila Barros está desempregada, somam-se em 24% da população desempregada, sendo que 21,2% dos entrevistados não informaram a origem de suas rendas ou mesmo se estão empregados. A informalidade, juntamente com outras atividades, resulta em mais de 22%. A partir do histórico desenhado nesta pesquisa, em comparação com os dados anteriormente levantados em 2008²², a migração da mão de obra dos carroceiros (atividade proibida pela prefeitura municipal de Marília) fora empenhada em outros trabalhos informais, com baixa remuneração, inexistência de garantia juntamente com as leis trabalhistas, exposição a riscos e incertezas de ganhos.

O desenvolvimento socioeconômico no contexto atual pode ser entendido a partir da concentração de acesso a inovação científica, avanços tecnológicos a serviço de determinada classe social e modernização dos meios de produção, que oferecem facilidades a quem pode pagar. Por outro lado, o significativo número de trabalhadores sem previdência social e recolocações no mercado de trabalho explicitam o cenário de exclusão sócio racial e subalternidade vivido pelos trabalhadores, inclusive na Vila Barros.

As incertezas relacionadas à previdência social, fundo de garantia ao trabalhador e seguro desemprego em momentos de impossibilidade de trabalho dificultam a vida das famílias pauperizadas, que ficam vulneráveis diante da ausência de garantias sociais em momentos difíceis. Além destes pontos, considera-se também a impossibilidade de adquirir uma aposentadoria, hoje questionável diante das políticas restritivas do atual governo. Inevitavelmente, a discussão acerca das estruturas impeditivas mantém esses trabalhadores na condição de invisibilidade e desumanização, pois o trabalho e as capacidades intelectivas que o formam são intencionalmente articuladas a fim de mantê-las subjugadas. Oliveira (2017, p. 23), invocando as considerações de Clovis Moura, indica que as “particularidades históricas brasileiras permitiram construir um processo de modernização capitalista mantendo estruturas arcaicas, que não são anomalias, mas sim integrantes dessa lógica de desenvolvimento histórico

²¹ Considerando a aplicabilidade da metodologia orientada pelo IBGE – fonte: SANTOS, J.J.C. *A quebrada: o processo de autoconstrução na favela Vila Barros – Marília/ SP*. São Paulo. Monografia, 2008. Tabela e Gráfico Anexos 12 e 13.

²² SANTOS, J.J.C. *A quebrada: o processo de autoconstrução na favela Vila Barros – Marília/ SP*. São Paulo. Monografia, 2008

específica.”, consideração recuperada recentemente pelo Professor Doutor Silvio Almeida ao tratar de racismo estrutural. Ainda segundo o autor, a modernização tem o caráter racista, pois trabalha sob os reflexos arcaicos que reforçam as estruturas hierarquizadas e ainda expõe os seus limites dentro da sociedade capitalista, portanto o sistema capitalista necessita do explorado e o seu subjugado para existir e se consolidar.

Vários aspectos enredam a relação da Vila Barros com a cidade e o relevo é um deles, pois configura o cenário de bacia sedimentar que foi sendo erodida ao longo do tempo, cuevas basálticas também conhecido como itambés, que contornam as escarpas, contornando o relevo da cidade. A ocupação nestes locais oferece certos riscos aos moradores desta região, pois a construção nestas áreas está condicionada ao acaso e a falta de estrutura. As alterações climáticas afetam a favela com suas fortes chuvas, escorregamento de terras, temperaturas limites (tanto no inverno, quanto no verão). O Rio Peixe, que corta a favela, tem alto índice de poluição e recebe despejo de esgoto de grande parte dos condomínios da cidade, sendo assim, há considerável aumento de poluentes da água e, devido ausência do serviço de coleta o lixo doméstico que é lançado diretamente nas margens, há um forte odor que paira no ar da comunidade, além de infestação de pragas e insetos nocivos à saúde. Diante da composição geológica da zona norte, a favela da Barros ocupou os espaços íngremes do bairro, pois não apresentava interesse especulativo nesta região, e, devido a esta condição, as casas apresentam infiltrações, umidades que comprometem a salubridade e estrutura das moradias.

Como vimos anteriormente, o processo de ocupação da Vila Barros deu-se muito pela fluidez das vias de circulação, tanto ferroviária quanto rodoviária. Outro aspecto importante foi o desenvolvimento e interligação de ruas e avenidas da cidade, e assim estruturam um sistema fluido de deslocamento urbano. Na região norte, onde a Vila Barros foi consolidada, houve a ocupação mais intensa do que em outras áreas topográficas da cidade, pois mesmo diante dessa especificidade referente as características impeditivas do relevo, a expansão territorial não se restringiu apenas as áreas planas, mas as áreas mais próximas aos polos de desenvolvimento comercial e oferta de trabalho.

De acordo com Góes e Sposito (2013), os conjuntos habitacionais populares foram o primeiro movimento de periferização mais evidente, pois a descontinuidade territorial significou o afastamento socioespacial dos mais pobres, como aponta o processo de guetificação.

O termo gueto ressignificou-se ao longo do tempo, de acordo com o entendimento interpretativo das elites intelectuais e políticas. No contexto da favela, especificamente da Vila Barros, trataram os problemas diretamente ligados a questões raciais e de pobreza do território,

contra uma justificativa que tenta desracializar o debate, haja vista a resistência a implementação das políticas de ações afirmativas no mercado de trabalho e projetos que visam a promoção da igualdade racial da cidade encontram resistência e, muitas vezes, alguns projetos não saem do papel. Ao combinarmos esse tema com a realidade encontrada na Vila Barros, utilizaremos o aparato histórico para compreender e contextualizar este conceito dentro da discussão que tem como foco central a segregação urbana periférica e o processo de favelização. A palavra gueto foi criada em Veneza em 1516 e deriva do italiano *guideica ou gietto*, designa, sua origem histórica nas sociedades da Europa Medieval. Esta prática deu-se a partir da reunião forçada de judeus em certos bairros, com a finalidade de proteger e isolar os cristãos afinados com a Igreja católica, da contaminação dos quais os judeus eram portadores (*ad scandala evitanda*). Desde então, a *Judenstandt* de Praga, considerada o maior gueto da Europa do século XVIII com cerca de dois mil habitantes apinhados em condições geralmente no limite da salubridade, abrigava ainda assim um denso tecido de empresas e associações, feiras, lugares de culto, guildas e até mesmo a própria prefeitura, símbolo da relativa autonomia e da força comunitária de habitantes.

Assim como acontece nos espaços citados acima, o processo de estigmatização aferidos aos moradores da Vila Barros tornou-se enfrentamento constante, pois esses marcadores sociais ainda se revelam como determinantes para engessamento social, "[...]os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política." (ZAMBONI, 2014). Podemos perceber nesta entrevista o processo de estereotipação e tentativa de depreciar o outro, com a finalidade consagrar as das próprias referências exclusivistas.

Figura 8 – Trecho da entrevista sobre espaços fechados e cidades

Isso, quando alguém chega na portaria e eles, assim, eles não deixam entrar mesmo, eles avisam, eles estão sempre em cima, outra segurança que eu tenho, eu tenho um problema, porque eu estou aqui e a Vila Barros, que é um... [apontando para o outro lado do “itaimbé”], ninguém é daqui de Marília, não é? [...] Então, Vila Barros é um antro hoje de drogas, é o pior antro daqui da cidade, e eles estão bem na encosta, o pior, então eles estão aqui [a entrevistada aponta com a mão a área defronte à sua janela], então para encobrir, para encobrir os lixos deles, eles põem fogo, então, eu tenho... Às vezes, na seca que é agosto tal, eles põem fogo e às vezes o fogo vem, então assim, eu tenho... Eles, os rondas [seguranças do loteamento que circulam de moto] que passam, que ficam vigiando, que avisam, que fazem... [Após tecer alguns outros comentários sobre os sistemas de segurança, a entrevistada completa sua opinião sobre a Vila Barros]: Agora, nós nunca tivemos um problema aqui dentro de roubo, de nada, nada, mesmo. Quando nós começamos a construir, eu fui a primeira a começar aqui, mesmo com essa Vila Barros, não é? Nunca tive um problema, nunca tive nada, nada, o aço enrolado [a entrevistada aponta para a cerca de aço que isola o final da escarpa] foi colocado lá dois anos e meio atrás, mesmo antes disso não tinha problema, nunca tivemos problema de ninguém pular muro, de ninguém, sempre foi muito tranquilo. (Mercedes, 46 anos, dona de casa, Marília.)

Fonte: GÓES, Eda Maria; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Unesp, 2013.

Em respeito ao movimento proposto para a feitura desta dissertação, analisa-se exemplos na macro esfera e entende-se a realidade local a partir das aproximações obviamente com os devidos cuidados para entender seus contextos. A exemplo disso, os Estados Unidos, especificamente em Chicago (pioneiro na discussão sobre racismo ambiental) cerca de 90% dos moradores dos conjuntos habitacionais populares são negros, guardadas as determinadas proporções, esta realidade aproxima-se do que encontramos nas favelas de Marília, pois quase 60% moradores da favela se autodeclaram pretos ou pardos, (haja visto o processo de auto ódio e conflitos de leitura étnica causada pelo racismo fundante que se manifesta através do apagamento de si e negação identitária)²³. Assim como a gênese formativa das favelas de Marília, inclusive Vila Barros, muitos guetos norte americano, nascidos no início do século XX, detectava-se uma grande migração de negros livres, anteriormente na condição de escravizados, assim como Vila Barros. Desde o período formativo, as favelas carregam consigo estigmas racistas, apoiados na ideia de preconceito, violência, segregação e discriminação, que imbrica numa mecânica de exclusão em todas as esferas das relações²⁴.

²³ Fonte: O Grupo de Pesquisa e gestão Urbana do Trabalho Organizado – GUTO - , através do projeto “Geografia do crime de Marília: diagnósticos para uma ação social comunitária”, com auxílio do Programa de Políticas Públicas da FAPESP (Proc.: Nº 00/01754-9) – 2010

²⁴ Idem ao 14

Entende-se que a hostilidade racista permanece endossada pelo Estado e reverbera-se com o rotineiro uso da violência física direta sob as formas de insultos raciais ou intolerância as manifestações culturais e religiosas. Há nesse sentido, o endossamento do racismo e necessidade de sua existência em pleno funcionamento para haja a manutenção das relações hierárquicas e continuidade das deplorativas, próprias do sistema capitalista. Diante disso, constitui-se informalmente uma cidade dentro de outra cidade, para distinguir os espaços pretos dos espaços brancos, redes comerciais próprias, veículos de informação próprios (jornais locais), terreiros, igrejas, assistência mútua, seus locais de distração, sua vida política e sua cultura própria.

Assim, como alguns espaços pretos norte-americanos, durante o processo de consolidação da favela, busca-se uma identidade e artifícios de defesa para a manutenção da própria vida. Corriqueiramente, nota-se a presença e investida estatal em ações para coibir manifestações do movimento hip hop, ações político-culturais ou mesmo atividades que subvertam a ordem, conforme o relato prestado pelo morador e integrante do movimento hip hop:

– Ah tá moiado agora só as igrejas que faz o projeto lá dentro, ainda mais que no ano passado os moleques faziam a rebelião... mataram um agente lá e aí moiou...vixi...aí moiô mais ainda!”
Mas nesse caso acha que é tóxica a doutrinação né mano...rs...

– Tóxico é você querer doutrinar os moleques querer ir lá de segunda a segunda e ainda querer falar para os moleques que eles tá errado que é pecado isso que é pecado aquilo que eles têm que se entregar pra Jesus que nem o que...aí você quer o que né? Aí é foda mais aí subiu o gás meteram o cabo de vassoura no pescoço dele e mataram ele. (relato sobre o desvinculo com o projeto hip hop dentro da fundação CASA)

E na Vila Barros, como estão os projetos por lá?

– Para tentar levar eles para outros espaços têm que trocar ideia conhecer outras pessoas, outras ideias é o que eu tô tentando fazer aqui na quebrada, né? Até que a gente consiga ter um time para montar um projeto permanente na quebrada também. Eu não fico aqui o tempo todo nem dá! Hoje por exemplo, eu fico uma vez por semana, toda vez na parte da manhã, ou seja, a sexta-feira Eu Tenho ficado na estação de lá, eu pego um baguiu dos eventos, é o bagulho dos projetos das então. Tenho ficado menos aqui na quebrada, fico mais em outros lugares... a verdade é essa, mais do que aqui na Vila Barros. A única ideia é construir um time que bole essas ideias para que se pense a questão da moradia, entendeu? Jaque, qualquer coisa que eu faça, ou traga para cá é paliativa, se for só para discutir a questão da

moradia, enquanto esse pessoal não tiver posse da sua casa, algumas não tiverem como sair e está nessa situação em área de risco de preservação ambiental, enquanto se discutir a moradia, estamos praticando o enxugamento de gelo na quebrada. Então esse é o conflito permanente que tem vivido, a realidade é que nós temos, é quase público, porque todo mundo sabe... todos os dias, ou dia sim, dia não... no máximo tem moleque preso na Vila Barros, na favela, na Salgueiro. Então você tem um alto índice de criminalidade na Salvador Salgueiro também por conta disso, por outro lado, a favela continua aqui esquecida... abandonada... como todas as favelas de Marília. Tem a favela do Argolo, a favela Santa Paula, você tem as favelas e elas ficam nos vales da cidade. Você lembra... você deve ter conhecido algumas e elas ficam escondidas e vamos combinar.. elas vão continuar escondidas enquanto o pessoal não se movimentar. (Mano Luciano – militante movimento hip hop)

Sobre questão de manifestações culturais em espaços periféricos, como construção e participação política, apud Nascimento (2006, p. 74), ao tratar da literatura marginal, diz que:

Outro ponto relevante é que a própria noção de marginalidade social/cultural está vinculada a um espaço específico: uma certa idéia da periferia - marcada pela carência de infra-estrutura urbana e por um estilo de vida característico - que se expande a todos os bairros localizados em periferias urbanas brasileira[s], não se limitando, portanto, ao bairro de origem[...]

Sendo assim, quando falamos da ação do Estado para coibir as manifestações culturais na periferia é um fenômeno que acontece na favela de Vila Barros, mas vai além.

Quase a metade das famílias negras subsistam graças à assistência social, ao tráfico e ao trabalho irregular, já que cerca de 80% dos moradores da Vila Barros estão em condições de desemprego ou na informalidade²⁵. Diversas famílias contam oficialmente com apenas uma fonte de renda, normalmente a matriarca, além de alguma assistência do governo sob bolsa assistenciais, vale gás ou alguma ajuda material oferecidas pelas instituições religiosas do bairro²⁶.

Ao discutirmos espaços majoritariamente pretos, há necessidade de se abordar o discurso no âmbito subjetivo/objetivo que consolida a realidade das pessoas a partir das disposições e ofertas de espaços na cidade. Pensar este aspecto requer concatenar as diversas influências e perspectiva existente no município, a exemplo do mapeamento de vagas de trabalho, onde os moradores da Vila Barros poderão participar de forma igualitária do processo seletivo, sem precisar omitir o endereço de sua moradia ou preocupar-se com as representações

²⁵ Fonte: Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Unidade de Saúde Vila Barros

²⁶ Muitas famílias recebem cestas básicas dos terreiros, igrejas ou mesmo do posto de saúde do bairro.

construídas a partir do imaginário racista. A dualidade oscila entre ações subjetiva e objetiva, pois o processo de enfrentamento diante das agruras vividas no campo enreda o cenário como amálgamas de sutilezas²⁷, assim como o racismo, que muitas vezes não é dito, mas está presente nas relações.

O processo de demonização do negro, ou mesmo a proliferação de discursos depreciativos, coloca o negro em locais de descarte passíveis de anulação da sua própria humanidade. A subjugação da comunidade negra trouxe no bojo da discussão a estigmatização dos residentes do gueto²⁸. Essas ações estão intimamente ligadas à política de abandono deste segmento da sociedade por parte das autoridades públicas, as quais consideram coerentes não lhes ofertar qualquer auxílio, já que sua humanidade fora sucumbida pela discriminação racial.

Os autores Elias e Scotson (2000) discutem a construção de uma identidade mútua que muitas vezes leva ao declínio de violência interpessoal, no entanto o processo de achincalhamento público do outro, além do constrangimento, traz no bojo da sua formação a domesticação da agressão e um ambiente propício para autocensura. Outro aspecto preponderante, está nos modos de conhecimento e apropriação, cujo os princípios trazem como mote fundamental a neutralidade cognitiva e axiológica associadas à realidade. Para o autor há necessidade se associar essas situações as práticas de opressão ensejadas pelo Estado.

Com o colapso do mercado de trabalho no gueto e o declínio do mercado formal as áreas segregadas tornam-se um grande pulverizador de mão-de-obra barata. Quando não há o emprego dessa mão-de-obra no mercado de trabalho, há uma linha tênue com a instauração do racismo estrutural e econômico experimentado no gueto.

Devido ao fracasso econômico destinado a estes espaços, o único setor em que há crescimento vertiginoso da economia informal é o tráfico de drogas. O narcotráfico emprega muitos jovens, absorve a mão de obra ociosa e ainda oferece a eles uma inserção desde a infância neste tipo de atividade. A economia do entorpecente acontece todos os dias a olho nu, tudo pode ser comprado ou vendido nas bocas para manutenção dos negócios.

A fim de entender a lógica do crime, tomamos como ponto de partida a obra *Cabeça de Porco*, de Soares, Bill e Athayde (2005), que relata um ensaio etnográfico sobre a inserção de jovens, suas expectativas frustradas no mercado formal e, conseqüentemente, a sua desinstitucionalização, além das várias tentativas de matá-lo socialmente.

²⁷ Definição de racismo por Beatriz Nascimento

²⁸ SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo. Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo. Annablume, 2015.

Capítulo 2 – A construção da identidade na favela

2.1 “Milhões de brasileiros não tem teto não tem chão eu apenas mais um na multidão²⁹” – As representações dos sujeitos

As linhas a seguir serão compostas por apontamentos teóricos e empíricos importantes para entender, refletir e questionar a partir dos cenários construídos, as relações que integram o processo de formação identitária na favela da Vila Barros e os reflexos desses fenômenos. Além disso, priorizamos análises que propõem entender o processo de consolidação da comunidade a partir do olhar de dentro para fora, tentando assim, destrinchar pistas e entender quais caminhos foram percorridos para a concretude da construção identitária na favela. A fim de preservar o movimento dialógico, estruturado no texto desde sua introdução, pensa-se em articular as macrorreferências, as esferas locais além de apontamentos acerca das especificidades do território³⁰ e representações dos sujeitos.

Para esta parte da dissertação, tomamos como ponto de partidas transformações históricas e suas contradições, sejam elas concomitantes, ora complementares ou imbuídas uma pela outra; entende-se que o movimento de construção identitária não está inerte as transformações sociais, espaciais ou mesmo econômicas. A partir deste pressuposto, pretende-se expandir os horizontes de análise e usar estratégias para a ação reflexiva, chegando próximo as questões vivenciadas no cotidiano da favela, já que mesmo com tantos esforços, reconhecemos as limitações de representar com absoluta exatidão as complexidades das comunidades heterogêneas, dinâmicas e diversa.

Após os anos de trabalho de campo e impulsionada pela inquietação observada nas comunidades favelizadas, estabeleceu-se formas para a condução da pesquisa diante da necessidade em sintonizar o aporte teórico as orientações dos dados históricos, articular, refletir e questionar os fenômenos políticos, sociais a partir dos relatos cedidos durante a pesquisa. Após este processo, o olhar específico volta-se às questões que não comportam respostas imediatas, pois mostram-se insuficientes para entender as dinâmicas e as relações sociais. O levantamento histórico de consolidação da Vila Barros desacompanhado da contextualização

²⁹ A escolha por este título traz o verso do rap chamado Castelo de Madeira – A família grupo extinto por conta do assassinato de um dos membros grupo. A música retrata a realidade vivida por grande parte dos moradores de favelas brasileiras, a questão da moradia ainda é uma questão a ser resolvida e compõe a formação identitária desses moradores.

³⁰ Entende-se território como o sentido amplo das determinações nas ciências humanas e as habilidades para construção de espaços culturalmente construídos e espaço como relação de poder, reprodução das relações sociais, econômicas e políticas

reflexiva do cotidiano, tem seus limites e superficialidade, pois as principais questões foram percebidas durante as observações e vivência em campo, combinadas a pluralidade conceitual que a literatura abarca, enfim busca-se evidenciar elementos que proporcionam a fluidez interpretativa e a proximidade com este modo de olhar e fazer ciência.

O aporte bibliográfico das literaturas de Lélia Gonzáles, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, Grada Kilomba, Angela Davis, Bell Hooock, Achille Mbembe, Clóvis Moura, Frantz Fanon, Stuart Hall³¹, entre tantos outros que serão citados ao longo da discussão (consta neste trabalho também Bibliografia que norteia discussões aqui apresentadas), ressignificam os conceitos que serão trabalhados nesta dissertação: construção identitária e a consolidação da favela mostram-se relevantes para entender os processos que ampliam a discussão sobre a reificação³² do espaço, concomitante, aos paradigmas periferia/favela e diretamente aplicados aos indivíduos como sujeito-ação³³. Dentro deste capítulo pretende-se compreender como os discursos mudam de acordo com os interesses e lugar. A estratégia ao localizar “de onde parte a fala”, mostra diversas implicações e possibilidades. O aprofundamento da discussão propõe um diálogo entre vertentes conceituais e o horizonte de espera a ser explorado dentro do paradigma identitário. Após esse caminho de discussões, diálogos entre autores e estudiosos da área, entende-se que a identidade local será mostrada associada as particularidades da Vila Barros e a relação da favela com a cidade a partir do trabalho de campo dividido em dois períodos comparativos, onde há o reencontro de personagens, entrevistas e relatos que descrevem as experiências, o sentido de pertencimento e o grau de ligação da Vila Barros com as histórias de vida dos indivíduos, além da autoconstrução de si, daqueles que ocupam e vivem por lá.

O desenvolvimento de temas similares normalmente é discutido e recorrente nas linhas de pesquisa e trabalhos acadêmicos, a especificidade, neste caso, centra-se em uma pesquisa que tem a intenção de pensar os aspectos que mudaram durante os 10 anos de afastamento do campo, ou seja, retornar ao campo após tantos anos expõe certas particularidades observadas e

³¹ Critério e ordem de citação (neste trecho) seguiu assim: prioridade para as autoras que trazem literaturas nacionais e clássicas, posteriormente as mulheres que apresentam obras mais recentes, as de outros países (africanas e americanas consecutivamente) e por fim autores negros que contribuíram ao tema.

³² Processo histórico, caracterizado por uma transformação nas relações sociais, pelas relações econômicas e própria subjetividade humana, sujeitadas e caracterizadas pelo seu tempo e determinações sociais. [2] qualquer processo em que uma realidade social ou subjetiva de natureza dinâmica e criativa passa a apresentar determinadas características - fixidez, automatismo, passividade - de um objeto inorgânico, perdendo sua autonomia e autoconsciência [3] Operar a reificação (coisificação); transformar algo abstrato em algo real: reificar uma ideia ou pensamento. www.dicio.com.br

³³ Podemos entender como sujeito ação aquele influencia diretamente o seu meio social. Essa ação é dotada de sentidos e intencionalidade, e, ao mesmo passo, tem reverberação no outro, assim como, orientada e atravessada por toda a complexidade multidirecional (outro como a extensão si e construção do todo).

abordagens importantes para o amadurecimento da pesquisa e seus reflexos. O ato de olhar, perceber e compreender essa nova realidade, traz uma tarefa desafiadora, já que neste momento histórico pensar as iniquidades sociais, as fragilidades democráticas e associar como o morador de favela se vê diante deste processo, confronta o que está posto, além de habilitar as articulações possíveis para o protagonismo destes indivíduos, que muitas vezes, reelaboram estratégias para a manutenção da própria sobrevivência.

Ao lançar mão do aporte sociológico referente ao conceito de identidade podemos identificar diversas abordagens importantes para entender esse processo. Segundo Habermas (2004), a autodefinição predicativa efetuada por um indivíduo dá-se em certa medida a condição de ser identificada genericamente e numericamente pelas demais. Sendo assim, entende-se que o indivíduo tem responsabilidade pela condução de sua biografia e pode construir novas identidades ao longo de sua existência, motivado por fragmentações e rupturas que conduzam a superação, permitindo um novo reconhecimento ou interações sociais.

Alguns registros sociológicos dizem que a identidade pode ser entendida como um processo em construção, empenham-se em compreender como se dá o processo de formação, pois ter ciência da origem, finalidade e peculiaridade como indica Castells, torna-se fundamental para apontamentos identitários. O autor indica que

A construção da identidade vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelo indivíduo, grupos sociais e sociedades, que organizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social bem como em sua visão tempo/espço. (CASTELLS, 2001, p. 23)

Ainda segundo o autor, as instituições dominantes podem formar identidades quando atores sociais as interiorizam e, neste interim, como pensar a favela para construção de uma identidade se construir o seu significado? Com base em Castells, existem dois tipos de identidade: a identidade individual e a identidade coletiva, sendo assim, a construção das identidades ocorre também em relação como esse indivíduo se relaciona com o poder, para além disso, entre outras formas legitimadoras que são produzidas por uma instituição dominante, que visa a manutenção dos privilégios, opressão dos subalternos e a racionalização da dominação³⁴, haja vista a relação entre as trabalhadoras domésticas da Vila Barros e suas

³⁴ Muitas empregadas domésticas passam por esse processo, onde trazem consigo referenciais diferentes dos construídos na própria comunidade, já que construíram seus repertórios diante da racionalidade de seus empregadores em consonância com as diversas influências que recebe e troca nos espaços que ocupa. Entende-

patroas, segundo os depoimentos colhidos em Góes e Sposito (2013), essas relações são corriqueiras e incorporadas geração pós-geração.

Outra identidade abordada define-se como de resistência, incorporada, em sua grande maioria, por atores desfavorecidos e desvalorizados, em contrapartida à lógica da dominação. A identidade de resistência vem à tona como uma estratégia de sobrevivência, onde redefine os papéis e posições sociais, além disso, provoca transformações importantes na sociedade. A exemplo disso, na Vila Barros existem levantes femininos significativos – ao longo da construção da favela essas mulheres construíram seus espaços, lugar de importância na economia local, além de muitas dessas mulheres organizarem suas famílias e o sustento das mesmas (adiante, teremos um capítulo específico para essas reflexões).

Ao citarmos o processo de construção identitária, inevitavelmente, falamos sobre o processo multicultural. Os indivíduos, em suas relações sem qualquer intencionalidade imediata, para preservar os espaços³⁵, e em certa medida suas influências, preservam-no criando vínculos, sejam compulsórios (quando utilizam um bem público)³⁶, ou não (quando cria-se o encontro por afinidades), de indivíduos e grupos culturais o reconhecimento pretendido são decorrentes do contexto cultural, na qual os indivíduos estão enraizados, portanto não há uma autonomia absoluta liberal.

Ao relacionarmos as instituições como influenciadoras de determinadas formações de identidade, lançamos as atenções ao que representa o Estado sob os indivíduos. Èmile Durkheim traz à tona alguns temas, dentre eles, o equilíbrio e ordem social como reguladores de toda atividade humana, ou seja, para que a sociedade funcione as ações devem ser reguladas e ligadas entre os indivíduos e as instituições, que traz como finalidade crucial manter os indivíduos sob controle absoluto, para manutenção orgânica, saudável, do corpo social funcionando em plena harmonia social, que neste caso, podemos relacionar à conduta legitimadora. Diferentemente, do que o olhar imediato acusa, na Vila Barros há a presença do Estado, constante e inevitavelmente não temos como ignorar essa marca, pois dá-se pela ação da polícia³⁷ que atua como representante institucional nas relações entre o Estado com os

se essa construção como uma estratégia para permanecer nos espaços, ainda que em confronto com as construções das suas influências primeiras.

³⁵ A exemplo do samba na quebrada, forró nos bares, futebol na várzea e as incursões de rap.

³⁶ A exemplo de parques públicos e instituições de capital misto como Sesi em Marília onde agrega usuários em diversas posições socioeconômicas.

³⁷

moradores favelizados. A tentativa de se aniquilar, torturar e oprimir diz muito do que se planeja entre as relações de poder e construção da identidade.

Certas literaturas contemporâneas, apesar de entender a relevância de autores positivistas, alertam as limitações, obsolescência dos conceitos e necessidade em se ressignificar construções ideológicas que serviram de subsídio para a legitimidade do racismo. Diferentemente do que se acreditam nos paradigmas etnocêntricos, por exemplo, distam de estar relegados ao esquecimento, pois em tempos de fragilidades políticas e pouca sustentação democrática, os movimentos nacionalistas de extrema direita ou mesmo organizações eugenistas resgatam e instrumentalizam estas linhas de pensamentos atrativas e convenientes aos seus interesses. Há necessidade em se estabelecer certos distanciamentos narrativos, com a intenção de ressignificar determinadas ações, como morte social, perpetuada pela necropolítica³⁸ assunto este, amplamente debatido entre os estudiosos da área. O domínio público ainda se mostra alheio as concepções narrativas e as perspectivas ideológicas, mediante a isso insurgem políticas, práticas e relações que tem como base normativa segregações de toda ordem.

Por meio do entendimento sociológico, sabemos que indivíduo é um ser social e o seu comportamento varia conforme a conveniência e o momento em que se passa. Permanece com a imprevisibilidade inabalável, mesmo diante de valores cristalizados, a realidade do seu momento prepondera, o comportamento social tornou-se imprevisível, pois dista de ser único e linear.

As transformações sociais, o acesso às oportunidades e ao encantamento do mundo³⁹ são direcionados apenas a uma fração da sociedade, sendo assim a construção da identidade a partir daquilo que se faz sentido, dotada de significados a introjeção das capacidades intelectivas, dista de ser a regra. Comumente, associa-se a construção identitária a necessidade em resistir a um meio hostil, que nega e oprime qualquer vertente distinta da classe hegemônica,

³⁸ Mbembe A. *O que é Necropolítica?*. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80p

³⁹O encantamento do mundo seria a possibilidade de se enxergar o mundo por uma ótica lúdica, idealizada e dotada, para muitos autores como metafísica pois traz consigo uma determinada utopia e subjetividades acríticas [2] A expressão desencantamento do mundo é utilizada na obra do sociólogo alemão Max Weber. Através desse termo ele designa um processo histórico, ocorrido na civilização ocidental. Tal processo implica na desmagificação da realidade que ocorre de duas formas. Através do desencantamento religioso a magia vai sendo eliminada no interior das religiões e vai sendo substituída por uma prática religiosa fundada na ética. Weber afirma que através do desencantamento religioso o mundo deixa de ser concebido como permeado por forças ocultas que podem ser manipuladas magicamente para ser controlado apenas através da ciência e da tecnologia. uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150055.pdf · Arquivo PDF SELL, Carlos Eduardo. Max Weber e a racionalização da vida. Petrópolis: Vozes, 2013 ↑ SELL, Carlos Eduardo. Max Weber e a racionalização da vida. Petrópolis: Vozes, 2013.

normalmente branca, rica e cifras oriundas de fontes escusas⁴⁰. Ainda como estratégia de sobrevivência tem-se a intenção de influenciar os seus, dotando para si a capacidade de traduzir o que vale ou não vale a pena relativizar, já que os enfrentamentos e aprendizagens dotados pelas transformações transcendentais.

Os conceitos mobilizados em Hall (2011) trazem à tona a ideia de identidade como o ponto imprescindível de ligação entre as ações práticas e a construção dos discursos, assim como busca-se no movimento Hip Hop, na Vila Barros, a juventude da favela organiza batalhas espalhadas pelos pontos de encontro na cidade⁴¹, que utilizam das letras de rap contam suas andanças, agruras e enfrentamentos: “...trata-se do processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido.” (HALL, 2016, p.108)

Essa definição carrega imbricada consigo duplo sentido, o que atribuímos as coisas e até mesmo a leitura que outros indivíduos tem desse mesmo evento ou determinada cultura. Essas representações criam significados distintos e conforme o movimento social e transformação das coisas ganha-se ou perde-se visibilidade. Essa determinação está diretamente ligada as narrativas hegemônicas, formulações que representem determinado grupo social, em detrimento de outros, ótica eurocêntrica consenso entre normalidade e anormalidade, a exemplo da padronização do homem, branco, heterossexual e os indivíduos que não corresponde a este padrão são lidos como desviante, rotulados como adjetos e são excluídos socialmente. Assim acontece com os moradores da Vila Barros, os moradores dos condomínios vizinhos atribuem a eles os roubos, condutas violentas, córregos mal cheirosos além da poluição visual do bairro. Segundo os relatos registrados em Góes e Sposito (2014), os moradores dos condomínios rotulam como “desgraça do bairro” os moradores da Vila Barros, mesmo esses condomínios ocupando o espaço posteriormente a ocupação da favela, ou seja a Vila Barros é mais antiga aos condomínios da cidade⁴². Secularmente, essa parcela da elite branca da cidade, marca seus espaços com muros e blindam-se com seus carros luxuosos e mecanismos de isolamento para que tenham o mínimo de contato com a população pobre e moradora de favela.

Ainda assim, podemos entender esta questão por meio dos marcadores sociais resultantes da essencialização das identidades repercutidas do século XIX. As inquietações sentidas diante das incertezas e ameaças da construção de certas subjetividades podem se

⁴⁰ Considera-se aqui, fontes escusas aquelas que são oriundas de apropriação de terras das comunidades tradicionais, exploração compulsória da mão de obra africana ou mesmo mais recente processo de expropriação da mais – valia.

⁴¹ Estação de trem, terminais de ônibus, escolas públicas e parques.

⁴² Conforme os registros no capítulo 1

relacionar com os marcadores sociais, ou seja, as marcas produzidas pela diferenciação social estabelecem lugares distintos entre sujeitos e configura a estrutura social em que prevalecem as hierarquias sociais. Para alguns autores, os marcadores definem unidade, que são próprias do processo de naturalização social, construídas a partir das relações no meio social. A exemplo disso, a mulher negra moradora da Vila Barros se constrói diante das privações sociais e inúmeros termos depreciativos que não marcados um homem branco morador do condomínio vizinho.

Segundo Hall (2011), a construção da identidade pode ser entendida a partir da diferença, o entendimento se faz em três medidas: a) a auto identificação - como o sujeito se enxerga e determina seus referenciais, b) a partir do olhar externo, ou seja, como o outro o enxerga, c) a identificação e referência com determinado grupo social. Sendo assim, a pertinência em mobilizar este debate para a discussão contida nesta pesquisa e o confronto de informações relacionadas a leitura racial, neste caso na favela, está para além das questões exclusivas, isoladas de outros repertórios ou tácitas em definições axiomáticas.

Ainda apoiada nesta discussão tem-se a necessidade de se questionar, em grande medida, a ocupação negra nos espaços, problematizar historicamente este processo, além de mapear as manobras e estratégias impeditivas, que muitas vezes o desenho dessas subjetividades aparecem camufladas e diluídas pelo “emaranhado de sutilezas (RATTS, 2006)⁴³” e o comportamento amplamente difundido pelo “pacto do narcisismo da branquitude”⁴⁴ (BENTO, 2002). A estratégia de delimitar os espaços e marcar simbolicamente como espaços brancos, deixa subentendido quais são os posto quais e lugares que negros podem acessar e, segundo Hall (2003)⁴⁵, quando negros conseguem ocupar os espaços, há o contraste explícito no ambiente, proporcionando determinado desconforto e constrangimento aos brancos, muitas vezes desacostumado com a democratização dos espaços com indivíduos negros, situação essa propícia para a negociação permanente acerca da ocupação dos espaços que tornou-se corriqueira, assim como relatado por alguns moradores da Vila Barros que são descartados dos empregos quando dizem que moram na favela.

A formação da identidade mostra-se em constante movimento, efetiva-se dentro do processo permanente e inacabado, manifesta-se através da consciência da diferença e contraste

⁴³ NASCIMENTO, Maria Beatriz (1978). “O quilombo do Jabaquara”. **Revista de Cultura Vozes** (maio - junho). Termo cunhado por Beatriz do Nascimento repercutido por Ratts em 2006.

⁴⁴ Bento, M. A. S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese de doutorado. Instituto de psicologia da universidade de São Paulo s.n. 2002 – 169p.

⁴⁵ HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003

com outro, o que se pressupõe alteridade, entendida pelo sujeito que se constrói a partir do outro, para além disso, o sujeito constrói-se a partir das marcas e trajetórias de diferenciação.

Sendo assim, o racismo dificulta o diálogo e cria fronteiras simbólicas, a exemplo das limitações como binarismo para marcar essa identidade de ser negro (ruim, passível de descrédito e desconfiança) e a oposição composta pelo entendimento do ser branco (bom passível de credibilidade imbuídos de confiança). O paradoxo descrito em polos antagônicos, como negativos dos primeiros e positivos dos últimos, descrevem o estigma incrustado nessas articulações, mostrando que a cor da pele tornou-se um elemento fundamental para o processo de estereotipação, importante para manter a estrutura racista, que dista do discurso que prioriza a pluralidade cultural, política e histórica, e muitas vezes desemboca no acirramento da criminalização negra impulsionando o processo necropolítico, presente na realidade vivenciada pela comunidade negra mundial que responde com os movimento Black Lives Matter⁴⁶ - o impulso de várias hashtags⁴⁷ como #paremdenosmatar⁴⁸, #vidasnegrasimportam engajamento do movimento negro unificado, combate genocida brasileiro e também a atual presença de levantes identitários como a democracia corintiana na luta antirracista e antifascista.

O entendimento do corpo negro traz consigo um histórico social para a construção desta identidade que não fora formada exclusivamente por ele mesmo, ou seja, as percepções formativas perpassam por subjetividades brancas que trazem referências calcadas nas relações de subalternas, racializadas, de manutenção dos interesses, dos privilégios sociais, do status quo e das garantias econômicas. Diferentemente do que acontece com o indivíduo branco que é analisado pelas suas individualidades, potencial e tem a sua disposição a autonomia para construir sua própria história.

Muitas vezes, os veículos de informação, as literaturas, igualmente como as relações que acontecem no meio social, retratam o corpo negro com repulsa, assemelha-o ao execrável imaginário configurado pelas práticas etnocentristas, desde o século XIX, e seus resquícios são

⁴⁶ Black Lives Matter (em português: "Vidas Negras Importam") é um movimento ativista internacional, com origem na comunidade afro-americana, que campanha contra a violência direcionada as pessoas negras. O BLM regularmente organiza protestos em torno da morte de negros causada por policiais, e questões mais amplas de discriminação racial, brutalidade policial, e a desigualdade racial no sistema de justiça criminal dos Estados Unidos. Em 2013, o movimento começou, com o uso da hashtag BlackLivesMatter em mídias sociais, após a absolvição de George Zimmerman na morte a tiros do adolescente afro-americano Trayvon Martin. O movimento tornou-se reconhecido nacionalmente por suas manifestações de rua após a morte, em 2014, de dois afro-americanos: Michael Brown, resultando em protestos e distúrbios em Ferguson, e Eric Garner na cidade de Nova York.

⁴⁷ Hashtag é um termo associado a tópicos que podem ser pesquisados em redes sociais, inserindo o símbolo do "jogo da velha" (#) antes da palavra, frase ou expressão. A hashtag permite que todas as publicações em redes sociais que usem uma mesma hashtag possam ser mais facilmente encontradas. <https://neilpatel.com/br/blog/como-usar-hashtag>

⁴⁸ Siva, C #paremdenosmatar. Kuanza Produções e Polen Livros. 2019

vividos na atualidade. Contrariamente a este fato, as inferências voltadas ao corpo branco, os valorizam intelectualmente e os padrões são elevados a máxima expectativa. A atribuição moral corrobora para a construção de representações que definem a pureza como branca, o padrão de beleza caucasiano, pensamento científico eurocêntrico, referências e aproximações às questões angelicais, quando citadas ou retratadas pessoas brancas (facilmente identificado nas literaturas, certas mídias e livros didáticos).

As interpretações bipolares apontam extremos categorizando o indivíduo negro afinado a determinada alteridade forjada, atribuindo-lhe um lugar social com caráter desacreditado, a marca que o impede de ser entendido a partir de suas individualidades. A alteridade amplamente discutida na filosofia e nas ciências sociais traz o entendimento ontológico de formação básica do indivíduo, o ato de se pensar o outro dotado de suas particularidades torna-se imprescindível para a desconstrução de determinadas categorizações. Segundo Munanga (2010)⁴⁹, o entendimento de unidade representativa e a leitura de si mesmo, dista de ser uma realidade vivida pelo indivíduo negro, geralmente a identidade atribuída perpassa por uma ideia coletiva, ou seja as características (geralmente pejorativas) atribuídas a toda comunidade. De acordo com o autor, as abordagens que enfatizam as identidades estereotipadas podem desenvolver o auto ódio nos indivíduos negros além do afastamento e compreensão de si. Gomes (2008)⁵⁰, por sua vez aponta que as reproduções estereotipadas referente a inferiorização do corpo negro assemelha-se ao regime escravista que justifica a reificação do homem negro encobrendo as questões econômicas e políticas. Neste contexto, este último autor indica as características descritivas que tem a finalidade de marcar e inferiorizar culturalmente negro, como cortar cabelo de determinada maneira, clareamento de pele, cirurgias para afinar o nariz, em certa medida anular os traços negroides e aproximá-los ao corpo branco europeu serviu para formular um padrão de beleza, saúde e virilidade, tais situações perseguem grupos étnicos até os dias atuais.

Para entender a construção identitária negra há necessidade em se aproximar da reflexão acerca da hierarquização social⁵¹, pois está dentro do processo construção social, além disso, o imaginário coletivo influencia diretamente nas relações entre negros e brancos da sociedade brasileira. A questão do pertencimento e do reconhecimento faz parte de um processo no qual o imaginário social étnico-racial negro difere do grupo racial branco, o paradigma de

⁴⁹ Há uma complementariedade com o que Hall postula sobre a construção da identidade, entretanto Munanga, neste momento, aprofunda a questão da construção da identidade negra.

⁵⁰ A fala de Gomes aqui possibilita tratar do contexto histórico da construção da identidade negra.

⁵¹ Segundo Karl Marx, as categorias relativas às classes sociais dos indivíduos dentro de uma sociedade surgem por meio das relações de produção, dividida em proprietários (burguesia) e operários (proletariado)

inferioridade se contrapõe ao exótico ou ruim da superioridade e da universalidade, que são as especificações para o branco.

De acordo com o Oliveira (2018), no artigo *Franz Fanon, Racismo e pensamento decolonial*:

Na obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952), Fanon afirma: “Reagindo contra a tendência constitucionista em psicologia do fim do século 19, Freud, através da psicanálise, exigiu que fosse levado em consideração o fator individual. Ele substituiu a tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é só uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia. De certo modo, para responder à exigência de Leconte e Damey, digamos que o que pretendemos aqui é estabelecer um sócio-diagnóstico. Qual o prognóstico? A Sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa a influência humana. É pelo homem que a sociedade chega ao ser. O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício.

Desta forma, entende-se que existe o processo de reificação da alienação colonial, onde reafirma-se as subjetividades atribuídas ao negro, ou mesmo as inferências do ser negro tomam novas roupagens com práticas antigas através da interpretação e perspectiva branca eurocêntrica.

Ainda neste sentido, a questão identitária, especificamente do indivíduo negro, oscila entre o processo de nulidade, diante de sua composição étnica, social e política, e afastamento de suas matrizes ao adotar releituras de si próximas ao padrão branco, lugar este, que estimula o questionamento incisivo das suas potencialidades, expertises, e ainda coloca em xeque seus repertórios, experiências adquiridas durante duas trajetórias. Diante de tantos obstáculos, entende que para ocupar os espaços e permanecer nos mesmos, precisa assimilar, reproduzir os comportamentos da brancura, e entende que o ideal seria aproximar ao mundo branco, pensar revestido de pele clara, buscando modificar seus traços e características corporais distantes da ascendência africana, com proximidades as regras e padrões da branquitude (MUNANGA, 1990).

Ainda neste contexto, retomando o mito da democracia racial cria-se uma falsa ideia de inclusão, dentro do sistema capitalista, de relações sociais subalternizadas e ainda a incluso nos espaços de poder de forma degradante (BENTO, 2002). A estratégia de anular socialmente o indivíduo negro utiliza como ferramenta eficaz o silenciamento⁵², principalmente das vozes

⁵² Silenciar é fazer com que alguém se cale sobre algum assunto. O silenciamento atinge um grupo de pessoas com identidades específicas, e há temas que também são tocados por ele. O silenciamento atinge pessoas que são caracterizadas por uma identidade silenciada historicamente, como mulheres, negros, crianças, empobrecidos e outras, dependendo do ambiente social. Ele também fica marcado em temas específicos, como apontou Foucault, para sexo, violência, política e outros. Nesses ambientes e com essas pessoas, quem tem mais poder tende a fazer o outro esconder sua opinião, seus fatos, seu sofrimento. ALVES.M, Do (Re) Silenciamento. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/mandando-a-letra/do-ressilenciamento>. Brasília, 2019.

que buscam denunciar as estratégias do racismo, a violência simbólica e diversas manifestações de apropriação cultural⁵³. Essas violências descritas no texto estabelecem lugares de privilégios, que reforçam o processo de exclusão e discriminações amplamente disseminadas nas relações cotidianas expressas de formas sutis, geralmente, distorcidas e atribuídas à radicalidade ou melindre de indivíduos negros.

A utilização de recursos que tem a função de estigmatizar e humilhar a população negra geralmente tem sua matriz incorporada pelo processo de formação dos indivíduos (seja na vida escolar, familiar ou em diversas instituições religiosas), que explicitam formas sutis ou veladas de reafirmar as subjetividades que alicerçam o racismo, a exemplo do emprego de fotos de indivíduos negros, em jornais e revistas, para reforçar ideias tendenciosas e ambíguas a ponto de contribuir para determinadas ações destrutivas do próprio corpo, alienação, afastamento histórico, além de uma falsa identidade (a partir de subjetividades brancas definidas e incorporadas pelo indivíduo negro).

O afastamento identitário do ser negro⁵⁴ traz imbricado em si as estratégias de fuga do processo de estigmatização aferido secularmente aos indivíduos negros, sendo assim esse movimento o impede de incorporar e vivenciar o legado construído historicamente pelos seus ancestrais. A busca pelo sentido e pertencimento racial não é um processo fácil, isento da construção da autoestima e mudança de referenciais e rompimento com determinados paradigmas que o afastam da reconstrução de si.

A resignificação identitária do indivíduo negro torna-se importante para o enfrentamento das violências simbólicas e as dificuldades para o pertencimento racial. Nas próximas partes deste capítulo haverá um aprofundamento exemplificado das construções identitária, os enfrentamentos e particularidades existentes na Vila Barros.

2.2 “Preto e dinheiro são palavras rivais?” – Análise dos discursos contidos nas notícias de jornais da cidade de Marília referente à Vila Barros.

Esta parte do capítulo centra-se em refletir sobre alguns exemplos de matérias jornalísticas amplamente divulgadas nos últimos cinco anos (2015 a 2020) percebem os moradores da Vila Barros e, de certo modo, analisar como foram retratados nestes episódios e

⁵³ RIBEIRO, D. **Apropriação Cultural é um problema do sistema e não dos indivíduos**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/apropriacao-cultural-e-um-problema-do-sistema-nao-de-individuos/>.

⁵⁴ SOUSA, N. S., “**Tornar-se negro**” – As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Ed Graal. Rio de Janeiro, 1983.

a partir destas abordagens, ainda neste contexto, buscar entender como essas ações vêm contribuindo para a formulação de determinados olhares e o reforço de estereótipos.

A necessidade em analisar esses jornais surge concomitante ao levantamento histórico de construção da cidade (abordado no CAPÍTULO 1), que mostra a ocupação das bordas da cidade e a construção de espaços segregados. Inicialmente a Vila Barros foi ocupada majoritariamente por egressos do sistema escravagista, trabalhadores rurais e migrantes de diversas regiões do Brasil, sendo assim, neste momento da dissertação é importante confrontarmos as trajetórias com as consequências da ocupação polarizada, além do destino de investimentos empenhados, em apenas parte da cidade, como registrado na parte inicial da pesquisa.

Como recurso metodológico utilizarei a análise do discurso. Os instrumentos importantes para a feitura desta análise têm como ponto de partida a utilização de três jornais de circulação significativa na cidade: Jornal da manhã, MN Marília Notícia, Diário de São Paulo. Os conteúdos analisados foram coletados prioritariamente pelas vias eletrônicas. Os textos estão organizados cronologicamente e de forma comparativa, ou seja, analisaremos se a reportagem muda de acordo com a inspiração política e valores de cada empresa jornalística. Além disso, buscaremos investigar os possíveis impactos dessas informações veiculadas, para entender quais as principais reflexões e as estratégias adotadas para influenciar a opinião pública e determinados imaginários direcionados aos moradores da Vila Barros.

Especificamente, neste contexto, situa-se o objetivo contido na análise do discurso, que consiste em mostrar as relações entre a história da consolidação da favela de Vila Barros, as marcas e linguagem empenhada nas reportagens, além de evidenciar a leitura formulada por parte da comunidade mariliense, e, de certo modo, os reflexos na sociedade diante das questões pautadas. Para além disso, as questões que nos debruçamos em grande medida instalam-se no campo do que não está dito, tampouco escrito, mas subentendido. O interdiscurso é o conceito utilizado para entender a polifonia e intencionalidade dentro do discurso, neste caso, nas matérias dos jornais, tem seu propósito e efeitos. Segundo a linguista Maingueneau (1997) o interdiscurso deve ser estudado com maior afinco, pois ele revela como as identidades são estruturadas a partir de outras subjetividades e também por meio de outras identidades. Pêcheux (2008) diz que o discurso nasce nas redes interdiscursivas, que são entendidas por diversas visões que se interligam de alguma maneira.

Existem diversas concepções de análise do discurso dentre elas: a) o discurso que aparentemente traz um tom isento e adere as convenções naturais, porem carregam em si determinações ideológicas, mentalidades filosóficas e certamente há intencionalidade acerca do

posicionamento contido nestas abordagens; b) neste outro modelo o discurso é visto como uma teia emaranhada onde acontecem diversas contribuições entre os produtores e interpretes do discurso, neste caso há criação de uma rede que possibilita que a troca discursiva, ainda assim as posições não são impostas, mas elaborada por quem produz e por quem recebe. A partir destas notícias, verificaremos quais são os imaginários vindos de diferentes lugares⁵⁵ e pensar como esses se relacionam a partir deste contexto.

Figura 9 – Notícia de jornal 01



Fonte: Foto Divulgação. Marília Notícia [online]. <https://marilianoticia.com.br/chefe-do-traffic-da-vila-barros-e-empresario-sao-presos-na-zona-norte/>

⁵⁵ Neste caso pensa-se lugar cognoscível, muitas vezes não concreto, específico no mundo das ideias.

O suposto líder do tráfico de drogas da Vila Barros, Oscar de Souza do Nascimento, de 32 anos, conhecido como Casinho, e o empresário David Alcantra de Lima, 43, foram presos na tarde desta quinta-feira (13) no bairro Palmital, zona Norte de Marília. Na ação, os policiais militares apreenderam uma arma de fogo com numeração raspada com Casinho e R\$ 19,4 mil em notas diversas – suposto dinheiro do tráfico – no interior de uma caminhonete Amarok em um estacionamento localizado na zona Norte por volta das 15h. A polícia suspeitou que o estacionamento seria um empreendimento fruto de uma sociedade entre Casinho e empresário David Lima, proprietário de uma farmácia que teve um malote de R\$ 50 mil roubado por dois homens armados no dia 9 de novembro. **Prisão** Segundo o Boletim de Ocorrência, os policiais militares realizavam um patrulhamento preventivo quando foram informados que Casinho foi visto dentro de um veículo, um Fiat Estrada, – contra ele existia um mandado de prisão pelo crime de tráfico de drogas. Em diligências pela região, Casinho foi identificado acompanhado de David Lima, condutor do carro. A dupla ignorou uma solicitação de parada da polícia e empreendeu fuga até o estacionamento, onde foram interceptados pelos militares. Eles não estavam com nada ilícito, mas os policiais localizaram um revólver calibre 32, com numeração suprimida, municada com três cartuchos intactos no banco do motorista. Outras dez munições foram localizadas no veículo. David Lima assumiu propriedade da arma, porém não tinha autorização e nem informou a procedência ou o que estava fazendo com o revólver no local. Os policiais realizavam uma revista no estacionamento e em um veículo estacionado, uma caminhonete Volkswagen Amarok, foi encontrada a quantia de R\$ 19,4 mil.

Diante dos fatos, a dupla foi conduzida até a Central de Polícia Judiciária (CPJ) de Marília, onde o delegado de plantão ratificou o flagrante. Casinho foi preso porque estava foragido e o empresário David Lima pela posse ilegal de arma de fogo. Eles passariam por audiências de custódia e seriam encaminhados para a Penitenciária de Marília.⁵⁶ (ALEXANDRE, Bruno. Chefe do tráfico da Vila Barros e empresário são presos na zona Norte. **Marília Notícias**, Marília, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/chefe-do-trafico-da-vila-barros-e-empresario-sao-presos-na-zona-norte/>).

⁵⁶ Notícia colhida no jornal eletrônico marilianoticia.com.br de 14/12/2018 por Brunno Alexandre. Reprodução integral da notícia com alteração da fonte para diferenciar do restante do texto.

Figura 9A – Notícia de jornal 02⁵⁷

JORNAL DA MANHÃ
A NOTÍCIA LEVADA A SÉRIO REGIONAL

GERAL ESPORTE SAÚDE CIDADE POLÍCIA ECONOMIA CADERNO 2 VEÍCULOS CLASSIFICADOS BUSCA Q

PM captura líder do tráfico da favela da Vila Barros

O comerciante Oscar de Souza Nascimento, o "Casinho", foi capturado por policiais militares da Força Tática na madrugada de ontem (27) na favela da Vila Barros. Ele era procurado pela Justiça de Marília após ser condenado a cinco anos de prisão ao ser apontado como um dos principais traficantes da zona Norte. Segundo apurou a reportagem do Jornal da Manhã, durante a madrugada, os policiais militar

26/12/2016



Leia Também

-  Motorista despenca 8 metros e acaba em córrego no Tófoli
-  Motorista bate na traseira de veículo e foge do local
-  Fugitivo de cadeia é flagrado com documento falso
-  Ajudante é preso após esfaquear homem em briga de bar

Fonte: Jornal da Manhã [online]. <http://jornaldamanhamarilia.com.br/exibe.php?id=7418>

O comerciante Oscar de Souza Nascimento, o “Casinho”, foi capturado por policiais militares da Força Tática na madrugada de ontem (27) na favela da Vila Barros. Ele era procurado pela Justiça de Marília após ser condenado a cinco anos de prisão ao ser apontado como um dos principais traficantes da zona Norte. Segundo apurou a reportagem do Jornal da Manhã, durante a madrugada, os policiais militares realizavam patrulhamento pela rua Salvador Salgueiro quando avistaram o acusado em atitude suspeita. Ao notar a aproximação da viatura, “Casinho” tentou fugir pelas vielas da favela, mas foi capturado. Testemunhas relataram que houve troca de tiros entre o criminoso e os policiais, mas a suposta arma do comerciante não foi localizada. Em consulta aos antecedentes criminais constou um mandado de prisão expedido pela Justiça de Marília. “Casinho” foi condenado no ano passado a cinco anos de prisão em regime fechado pelo crime de tráfico de entorpecentes. Em 2013, o comerciante foi identificado pela Delegacia de Investigações Sobre Entorpecentes (Dise) como sendo o dono dos cerca de dez quilos de cocaína pura apreendidos em uma megaoperação deflagrada em outubro daquele ano. Os tablets da droga estavam escondidos no meio de um matagal. Naquela ofensiva, que contou com a participação de mais de 100 policiais civis de Marília, Bauru, Lins, Assis, Tupã e Jaú. Responsável pelo inquérito do caso, o delegado Luís Marcelo Perpétuo Sampaio explicou, na ocasião, que as investigações identificaram que a cocaína apreendida, no estado puro em que foi encontrada, estaria avaliada em R\$ 200 mil, mas estimava que após ser batizada e vendida em porções individuais, renderia pelo menos meio milhão de reais ao chefe do esquema. “Casinho” também chegou a ser condenado a 15 anos de prisão por tráfico de entorpecentes e associação para o crime. Interceptações telefônicas realizadas entre junho e novembro de 2011 apontaram que o comerciante chefiava o tráfico de drogas na região de Marília e Pompeia. Ele era apontado como integrante da facção criminosa Primeiro Comando do Capital (PCC). Num dos contatos

⁵⁷ Notícia colhida no jornal eletrônico Jornal da manhã de 26/12/2016

telefônicos, o autônomo foi flagrado negociando a compra de 25 quilos de cocaína e materiais para o refino da droga. O entorpecente foi apreendido por policiais militares no Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo, com Márcia Cristina Jorge, que seria a responsável pelo transporte até Marília. A defesa do comerciante apelou da decisão e os desembargadores do Tribunal de Justiça (TJ) de São Paulo acolheram os argumentos do advogado e o absolveram dessa condenação. “Casinho” foi recolhido para a cadeia de Pompeia e nos próximos dias deve ser transferido para unidade prisional na região de Marília. (PM prende líder do tráfico de drogas na Vila Barros. **Jornal da Manhã Marília**, Marília, 04 jun. 2017 Disponível em: <http://jornaldamanhamarilia.com.br/exibe.php?id=7418>).

Nitidamente percebe-se a diferença adotada entre os dois jornais para apresentar a notícia, algumas pistas apontam as motivações para essas notícias aparecem de maneiras tão distintas em ambos os jornais. Primeiramente tem-se relação com a própria formação do jornal e valores éticos em que a imprensa se compromete e alicerça sua história dentro da cidade. O primeiro jornal Marília Notícias (MN) surgiu em 2014 e, desde então, segue com o processo de disputa de leitor dentro da cidade e fixou-se diante de tantos outros veículos de imprensa, no período de divulgação desta notícia o jornal ainda era novo na cidade, tinha um ano de existência; já o Jornal da Manhã fixou-se na cidade desde 1980, trouxe em seu comando magnatas da cidade e em diversos processos eleitorais deixou nítido quais eram os candidatos com maior visibilidade no jornal, e por vezes essas tomadas de partido definiriam o tom das notícias. A inauguração da cidade de Marília deu-se em 1929, o jornal surgiu em meio ao processo de desenvolvimento e incentivo ao processo de ocupação. Entende-se que este aspecto geracional entre o jornal contemporâneo e outro conservador mostram posicionamentos distintos ao lidar com a notícia e a forma veiculá-las. Consequentemente, as formas de retratar os cenários e descrever os espaços criam identificações com os leitores e contribuí para a formação de determinadas narrativas, opiniões, muitas vezes o reforço de caricaturas e estereótipos.

Ambos jornais revelaram as identidades sociais (nome e idade) dos envolvidos, no entanto, MN (Figura 9) deu a entender que o caso do roubo está diretamente ligado ao empreendimento que surgiu na sociedade entre os dois homens citados na notícia. Apesar de não estar com nada ilícito, ainda assim, o morador foi preso. Segundo o jornal foram perseguidos porque levantaram “suspeitas”. Ora, que suspeita é essa? De onde parte esse tipo de desconfiança?

Durante toda a construção destes textos constata-se a marca de situações importantes para entender como as subjetividades que colaboram com a reafirmação do racismo.

Corriqueiramente, percebemos que existem marcas sociais que são lidas como ações suspeitas, igualmente registradas nas linhas acima, um homem negro, ao lado de um homem

branco ao volante, em um carro, levanta suspeitas. Os questionamentos aqui estão centrados em entender como esse imaginário foi construído e tido como verdade, em momento algum houve titubeios, assim como as literaturas pretas, referem-se a esses casos, como a base da necropolítica. As marcas sociais que são carregadas por negros ainda mostram a densidade das relações e quão vulnerável estão os corpos pretos. Na segunda reportagem, o Jornal Folha da Manhã (Figura 9A) emprega os termos “capturados”, “atitude suspeita”, “tentou fugir” e quando citaram os indivíduos como “criminosos” já os sentenciaram antes mesmo de qualquer julgamento formal, havia-se intencionalidade em condená-los. As descrições tendem a formar determinados imaginários, que esta distante de informar ao leitor, neste caso, tem a função de formar, definir e categorizar esses indivíduos. Tais formulações retiram a condição humana ao dizer que são passíveis de serem capturados ou mesmo que tentou fugir, mas na verdade o indivíduo é livre tem essa condição inalienável e garantida pela legislação federal, no entanto essas premissas são retiradas do indivíduo, e ele passa a ser um corpo matável.

Sabemos que esses valores trazem imbricados em si determinadas orientações e direcionamentos que insurgem nesses espaços, a exemplo de situações em que outros indivíduos negros acompanhados de brancos, como determinada normativa, são vistos como suspeitos. Vale ressaltar que houve gradações de exposição, por parte dos jornais, entre os indivíduos envolvidos na situação, ou seja sentem-se a vontade em expor a imagem de um homem negro na manchete policial tratando como um padrão a ser seguido, sem qualquer tipo de contestação ou contraponto.

A exemplo de outras reportagens de repercussão na cidade que também utilizam essa mesma estratégia em expor um homem negro mostrar sua identidade, profissão e o deixou exposto a toda sorte de classificação.

Figura 10 – Notícia de jornal 3



Fonte: Notícias Marília [online]. <https://marilianoticia.com.br/homem-e-presos-com-crack-cocaina-e-maconha-na-vila-barros/>

O pintor Hamilton José Alves da Silva, de 37 anos, foi preso por policiais militares durante a noite de ontem (8), acusado de tráfico de drogas na zona norte de Marília. Segundo a polícia, a prisão aconteceu por volta das 19h10 na rua Delfim Moreira, na Vila Barros. Uma viatura e motos da Rocam faziam patrulhamento pelo local, que é conhecido como ponto de venda de entorpecentes. O pintor estava parado em uma esquina e percebeu a aproximação dos policiais. Ele tentou fugir, dispensando dois pacotes na via pública, mas foi abordado metros adiante pelas equipes em ação. No total, foram apreendidos 117 pinos com cocaína, 192 com crack e mais 63 porções de maconha. Hamilton foi autuado em flagrante e agora fica à disposição da Justiça. (HOMEM é preso com crack, cocaína e maconha na Vila Barros. **Marília Notícia**, Marília, 09 set. 2015. Disponível em: é preso com crack, cocaína e maconha na Vila Barros).

Esse exemplo fixado na reportagem acima, pode ser facilmente encontrado em bancas de jornais ou manchetes televisionadas, a similaridades entre elas marcam ações que tem como alvo corpos pretos associados a definição de espaços voltados à marginalidade. A tentativa em se construir um imaginário a partir de definições pré concebidas marcam os espaços hierarquizado e passível de encarceramento e imobilidade social. Ações como as observadas na reportagem nos faz entender que não basta tolher a sua liberdade do indivíduo, para que o

apagamento social se efetive, há necessidade de se expor a imagem para que sua inutilidade vitalícia. O diagnóstico não estabelecido diante das determinações sociais segue, acompanhada pelo jogo das distinções, privilegiando determinada parcela da população, as diferenças dos discursos, diferença dos tempos, dista do entendimento e complexidades histórico-sociais.

Entende-se a complexidade em se atribuir determinados rótulos, no entanto esses meios de comunicação tem o domínio dos discursos, consegue manipular estrategicamente esses dispositivos que podem funcionar como instrumentos de controle e de poder. Ao selecionar e classificar quem será interditado, quais são passível de ser isolado no cárcere e separado dos demais mostra a função estratégica de controle e domínio de ações que são de responsabilidade institucional.

As fragilidades democráticas ainda expõem suas incapacidades quando questionadas e conduzidas por órgãos midiáticos, que desenvolve uma teia discursiva e intencional deliberando veredictos a definir quem será absolvido e quem será incriminado. A oscilação entre uma consciência punitiva e disciplinadora traz como mote principal a correção do “caos social”, como entendem a Vila Barros e seus moradores. A prática exercida cotidianamente pela ação policial segue a lógica do sistema panóptico em que a vigilância tornou-se constante a fim de controlar o espaço, isolar no tempo e cercear os corpos, majoritariamente pretos. A exemplo disso, incursões policiais acontecem sistematicamente na Vila Barros em favelas da cidade, uma delas citadas pelo jornal Folha da Manhã (Figura 11).

Figura 11 – Notícia de jornal 4



Fonte: PM faz grande apreensão de armas e drogas na Vila Barros. **Marília Notícia**, Marília, 27 abr. 2015. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/pm-faz-grande-apreensao-de-armas-e-drogas-na-vila-barros/>.

A corporação majoritariamente branca mostra a produção de subjetividades, desenham no imaginário das pessoas quais são os modelos de retidão social e quais os espúrios, quais são os mocinhos e quais são os bandidos. Essa ingênua dualidade não segue a lógica dos moradores da favela, pois geralmente entendem que as organizações ilícitas distantes opositoras ao Estado, mantêm a tranquilidade (devem manter a discrição, para melhor andamento dos negócios), organização (pois dependem da fidelidade de seus funcionários para arrecadação dos lucros) e abastecimento das necessidades básicas da favela (devem manter os moradores a favor da presença deles, para que não venham a atrapalhar as transações), sendo assim a disputa por poder está por todas as partes e os moradores condicionam suas vidas as regras locais.

O empenho em estabelecer um determinado padrão de fenótipo do marginal, difere uma exclusividade atual, essa ação assemelha-se a estratégia amplamente pulverizada no século XIX, em que há tentativa de entender a formação da sociedade a partir da organicidade institucional e a manutenção da harmonia e equilíbrio do meio social. A ideia de eliminação de ações “subversivas” que ameaçasse o equilíbrio e paz social, retrata-se por meio de um Mapa da Marginalidade, esse instrumento sistematiza quais são os indivíduos perigosos, nocivos à sociedade e então, define-se que os traços fenotípicos, geralmente negroides, trazem inscrustados em si psicopatias, tendências assassinas e riscos à sociedade. Tais correntes de

pensamento eurocêntrica, formaram e influenciaram diversos intelectuais que repercutiram essas ideias, ainda refletidas e viveciadas por gerações pretas há mais de dois séculos passados.

Diante destes estudos, entende-se que essas literaturas mostram suas limitações e incapacidade de responder as complexidades e demandas sociais, a escola positivista mostra-se insuficiente para dialogar, ou sequer, questionar as estruturas postas. Houve a necessidade em negar e romper com as verdades absolutas, ideias preconcebidas, com a intenção de superar determinações, que cerceam, isolam e incapacitam os indivíduos. Linhas negacionistas como o antipositivismo, levantam-se com a finalidade de negar os paradigmas positivista, defende novas perspectivas metodológicas, e rompe de fato com a ideologia meramente empírica. Outras linhas surgiram pós positivismo, culturalismo, funcionalismo, construtivismo social, estruturalismo, interacionismo, teoria crítica entre tantas outras.

Apesar deste trabalho voltar as atenções as coisas que não estão ditas ou as questões emaranhadas umas nas outras, o diálogo teórico oferece o aporte necessário para balizar e facilitar o entendimento das diversas realidades. A prática discursiva mostrada até aqui esta para além das situações contadas, pois baliza as condutas e influi nas tomadas de ação, construiu-se concepções imediatas distantes do contexto histórico formativo no caso da favela, simultaneamente a construção de repertórios que interligam elementos de imperativos elitistas, a exemplo de moradores dos condomínios vizinhos que criticam o lugar onde moram, tratam com rótulos pejorativos os moradores das comunidades, atribuindo à favela toda violência do bairro e acreditando que a remoção da favela seria uma solução para a questão habitacional. Isto fica evidente no trecho transcrito abaixo:

[vemos a insegurança] no jornal, televisão, as pessoas que voce encontra na rua, que comentam coisas que acontecem, amigos, o apavoramento de mães que não deixam o filho sair do portão de casa sozinho, é de carro, vai buscar daqui, leva dali...morrem de medo porque o moleque sai do portão do condomínio, anda um quarteirão para ir ali numa locadora e dois marginais seguram o moleque para roubar o que ele tem, então é por aí...[...] A pé, não [andamos], o que poderia ser feito a pé, que é o tênis, que é muito próximo daqui, há o problema da insegurança que você teria um trecho para caminhar que é escuro e você tem medo de fazer esse trecho que é o equivalente a um quarteirão e você não faz a pé em função do medo que você tem de, naquele trecho, de você ser abordado e ser assaltado. [...] Se você vai a uma praça, você ouve falar que aquela praça, em determinado horário, é para drogados, então é sempre assim, nada é... – “ ali é gostoso, pode uma senhora ficar sentada numa boa, ali, não! – Se ela for ficar sentada ali, ela vai perder a bolsa. (GÓES; SPOSITO, 2013, p.222)

De acordo com o relato, muitos moradores reproduzem esse tipo de afirmações contidas nos veículos de informações, sendo assim ouvem as opiniões e referências ao local de morada, que aumentam consideravelmente as formulações relacionadas as soluções imediatas, paliativas, a partir do prisma da classe dominante. Obviamente, que este processo é lento e

gradual, a construção dos estigmas, a negação austera das potencialidades do outro e mesmo as formas de dissimular os enfrentamentos cotidianos (saber como lidar com as suspeitas quanto a idoneidade, referente a um morador de favela) fazem com que se distanciem dessas representações e, em muitos casos, desconhecem os trabalhadores que atuam nos próprios espaços e estabelecimentos, pois muitos omitem o endereço residencial (quando morador de alguma favela da cidade) ou mesmo a maternidade, afim de garantir a permanência no trabalho.

Outra situação que atinge grande parte da comunidade preta, pobre e periférica são as políticas de enclausuramento, pois diante de tantos problemas existentes na favela da Vila Barros, por exemplo, há o empenho do Estado em se investir em policiamento e ações ostensivas para enfretar questões amplas de ordem política, social e aspectos econômicos. Ao aplicar-se investimentos públicos voltados ao fomento do cárcere entende-se que o planejamento adotado pelo Estado (intencional, direcional e pensado) tem o intuito de eliminar os indivíduos que possam oferecer qualquer risco a sua governabilidade⁵⁸. Para além disso, inevitavelmente deve-se questionar a relação que os líderes estatais estabelecem com o poder, quais são as ações de escuta ademais os processos de interlocução com a comunidade, furtada da consciência de qual lugar ocupa nesse cenário de financiamento do encarceramento em massa e genocídio⁵⁹. A exemplo disso, o emprego de jovens em transações com o tráfico tem se tornado um problema cada vez mais frequente e esse aspecto não está discutido a partir de políticas públicas implantadas no bairro, fomento e ingresso dos jovens no mercado de trabalho, além do afastamento dos mesmos da vida escolar. A medida algumas instituições repelem os jovens, outras mostram-se recetivas e preparadas para recebê-los. Paradoxalmente, as instituições que os repelem são escolas, clubes esportivos, institutos de artes, agências profissionalizantes, entre diversos motivos encontram barreiras espaciais, falta de suporte financeiro, abandonam os estudos para ajudar com as despesas em doméstica e manutenção familiar, falta de identidade com o espaço e as várias facetas do racismo que os ingessam e impedem de ocupar e permanecer nos espaços. As instituições formais que representam o Estado atuam em grande medida como dispositivos eficientes de controle para promover o isolamento e retirar do meio social aqueles que atrapalham a organização do espaço voltado aos interesses de determinada classe ou segmento social, destinando a estas pessoas os presídios,

⁵⁸ Este conceito é utilizado por diversos autores, neste caso adoto a discussão de governabilidade a partir das teorias foucaultianas que questionam que a padronização ou de certa maneira buscam uma unidade que garante a permanência e concentração do poder.

⁵⁹ Tema desenvolvido em XXX

reformatórios⁶⁰, hospícios, albergues, sanatórios, hospitais, internatos entre outros. Devido ao fracasso no processo de inserção social e tratamentos que preservem a civilidade, muitos jovens ingressam em organizações ilícitas, como observada nas reportagens divulgadas nos jornais da cidade de Marília, conforme exemplicamos nas Figuras 12 e 13.

Figura 12 – Notícia de jornal 5



Fonte: Marília Notícias [online]. <https://marilianoticia.com.br/pm-prende-jovem-vendendo-cocaina-na-vila-barros/>.

Ocorrência de tráfico de drogas durante a manhã desta segunda-feira, na Vila Barros, zona norte de Marília. Guilherme Rodrigues Lopes Ferreira, de 19 anos, foi preso em flagrante, acusado de promover o comércio de entorpecentes na região. Segundo a Polícia Militar, durante patrulhamento pela rua Salvador Salgueiro, o indivíduo que estava de bicicleta, gritou ao avistar a viatura: ‘Olha o bicho!’. Os militares imediatamente o abordaram e encontraram cerca de 100 reais com o acusado. Ele estava sobre um monte de areia, que escondia um pacote com 14 pinos de cocaína. A droga foi apreendida e o rapaz encaminhado para a cadeia de Pompeia, onde fica à disposição da Justiça. (PM prende jovem vendendo cocaína na Vila Barros. **Marília Notícias**, Marília, 23 mar.2015. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/pm-prende-jovem-vendendo-cocaina-na-vila-barros/>).

⁶⁰ Termo utilizado no início da implementação dos centros de detenção juvenil que é uma prisão para menores de idade que aguardam julgamento, no Brasil até a gestão do governo Lula e Dilma Rousseff tinha-se as casas provisórias em parceria com a Fundação CASA que ofereciam suporte psicológico, atividades culturais durante a fase de ressocialização dos jovens.

Figura 13 – Notícia de jornal 6



Fonte: Marília Notícias [online]. <https://marilianoticia.com.br/policia-prende-primos-que-vendiam-crack-na-vila-barros/>

Ocorrência de tráfico de drogas durante o início da manhã desta terça-feira (4), na rua Salvador Salgueiro, Vila Barros, zona norte da cidade. Raul Natali de Melo, de 19 anos, e seu primo Douglas Natali, de 24, foram presos na ação da Polícia Militar (PM). Segundo a polícia, uma denúncia indicou que Raul estaria vendendo entorpecentes na altura do numeral 1.225 do endereço. Equipes da PM entraram pelos fundos da favela e escondidos, observaram o jovem iniciar uma transação. Raul e o comprador da droga foram imediatamente abordados. Em revista, foram encontradas 22 porções de crack, 4 pinos de cocaína, 1 porção de maconha e 99 reais em dinheiro. Questionado, Raul confessou a venda ilegal e mostrou onde morava com o primo (nos fundos de um bar na mesma via). Os policiais revistaram a casa e lá localizaram mais 120 porções de crack, escondidas metade no quintal e metade no quarto de Douglas, que acabou sendo preso também. Um fato que chama atenção, são as fotos no perfil do Facebook de Douglas. Diversas imagens mostram o rapaz segurando dinheiro e fazendo alusão em estar bem financeiramente. A dupla foi presa em flagrante e agora fica à disposição da Justiça. **POLÍTICA** prende primos que vendiam crack na Vila Barros. **Marília Notícias**, Marília, 04 ago. 2015. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/policia-prende-primos-que-vendiam-crack-na-vila-barros/>).

Os dispositivos midiáticos exercem papel preponderante para a construção de identidades e como os sujeitos se vêem diante das relações estabelecidas consigo, com o outro e conseqüentemente como esse processo influenciará nas formas de construir narrativas e colocar-se no mundo. As reportagens acima (Figuras 12 e 13) mostram similaridade das faixas etárias, proximidade dos valores encontrados com os adolescentes e pequena quantidade de

entorpecentes⁶¹. A utilização das redes sociais como parte das provas que incriminam os adolescentes mostra a relevância e abrangência que esses dispositivos tem alcançado, pois ao mesmo passo que alguns indivíduos utilizam para reafirmar sua identidade e conquistar popularidade, e até mesmo de alguma maneira mostrar que esta bem sucedido (seja lá de qual forma), os aproxima de um padrão estabelecido por essa mesma lógica que o condena por compartilharem dessa lógica de acumulação.

Esses instrumentos atravessam outros dispositivos na atualidade, a exemplo das denúncias por meio de vídeos que mostram os extermínios cometidos e truculência policial, principalmente na periferia o excesso de visibilidade para esses acontecimentos trouxe a tona a materialidade do relato dos agredidos e contraprova às versões registradas por agentes que cometem esses crimes. Nestes últimos 10 anos notamos a mudança no comportamento do leitor de notícias, os jornais impressos tem dividido espaço com o avanço das mídias sociais, principalmente as independentes, pois além do acesso facilitado constroem uma identidade direta com seus leitores, a partir da denúncia de situações que os jornais impressos mostram desinteresse. Além disso, as mobilizações e articulação entre as diversas demandas sociais tomaram outras proporções, já que, neste momento histórico, as redes sociais têm sido um veículo essencial para a manutenção da saúde mental, comunicação entre os pares, denúncia e acesso a serviços de toda ordem. Esses dispositivos têm questões que são excessivamente explicitadas e por outro lado apaga obsessivamente outras questões, como a dificuldade de acesso as plataformas e mídias sociais, pelos mais pobres.

Ao retomar a proposta inicial que este texto se compromete, podemos identificar que aos jornais local exibem notícias que veiculam apenas determinado viés da comunidade. Nota-se que há pouco distanciamento do objeto, exposições de perspectivas unilaterais encontradas nos relatos da elite mariliense, que vêem a ocupação como um impecilho, causando assim, segundo eles, um atraso ao desenvolvimento do bairro e aumento da poluição, e maiores investimento em sistemas de segurança privada.

Isso quando alguém chega na portaria e eles, assim, eles não deixam entrar mesmo, eles avisa, eles estão em cima, outra segurança que eu tenho, eu tenho um problema, por que eu estou aqui e a Vila Barros, que é um... [apontando para o outro lado do “itambé”, ninguém é daqui de Marília, não é? [...]] **Então a Vila Barros é um antro hoje de droga, é o pior lugar daqui da cidade**, e eles estão bem na encosta, o pior, então eles aqui [a entrevistada aponta com a mão a área defronte de sua janela], então para encobrir, para encobrir o lixo deles, eles põe fogo, então eu tenho... Às vezes, na seca que é agosto e tal, eles põem fogo e as vezes o fogo vem, então assim, eu tenho... Eles, os rondas [segurança do loteamento que circulam de moto que passam, que

⁶¹ Tais estratégias são adotadas pelas organizações para que os “olheiros ou vapores” não sejam incriminados pela acusação de tráfico que traria uma condenação com muitos anos de reclusão.

ficam vigiando, que avisam, que fazem...[após tecer alguns outros comentários sobre o sistema de segurança, a entrevistada completa sua opinião sobre a Vila Barros]: Agora, nós nunca tivemos um problema aqui dentro de roubo, de nada, nada, mesmo. **Quando nós começamos a construir, eu fui a primeira a começar aqui, mesmo com essa Vila Barros, não é?** Nunca tive problema, nunca tive nada, nada, o aço enrolado [a entrevistada aponta para acerca de aço que isola o final da escarpa] foi colocado lá dois anos e meio atrás, mesmo antes disso não tinha problema, nunca tivemos problema de ninguém pular o muro, de ninguém, sempre foi muito tranquilo”. [Mercedes, 46 anos, dona de casa Marília]. (GÓES; SPOSITO, 2013, p.105).

Observa-se por meio do relato da moradora que além de todos os processos enfrentados pelos moradores da Vila Barros há também a manifestação de estigmas sociais, tentativa de afastamento referencial e até mesmo pontuar as condições de separação. Outras opiniões negativas são elaboradas por moradores, assim como a desvalorização imobiliária.

Ainda assim, a exposição da Vila Barros, apesar de tendenciosa, escancara problemas que o Estado ajuda a manter. A partir dos exemplos expostos aqui, percebe-se que as ações são direcionadas a determinado perfil de moradores, normalmente pretos ou pardos, sexo masculino, pobres e desempregados. Em decorrência da análise destas reportagens, percebemos que o *modus operandi* nas abordagens e conduta foram adotados para aniquilar os que estão mais vulneráveis e fragilizados dentro do sistema, e a estrutura que propicia essas situações e ainda assim mostra-se necessária para a garantia dos privilégios e manutenção da classe dominante. Sob a perspectiva institucional, “o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.” (ALMEIDA, 2019). O contexto da Vila Barros, não está distante de um contexto macro espacial, sendo assim, entende-se como situações afinadas e coerentes com as políticas implementadas historicamente nas sociedades contemporâneas.

Figura 14 – Notícia de jornal 7



Fonte: Marília Notícias [online]. <https://marilianoticia.com.br/47037-2/>

Um adolescente de apenas 13 anos foi apreendido com maconha durante a tarde desta quinta-feira (24), na rua Salvador Salgueiro, Vila Barros, zona norte de Marília. Segundo a Polícia Militar, uma viatura fazia patrulhamento de rotina no local (que é muito conhecido como ponto do tráfico de drogas), quando avistou o garoto em atitude suspeita. Ao perceber a aproximação dos militares, o adolescente saiu correndo. Ele tentou fugir pelas vielas da favela, mas acabou detido. O garoto carregava uma pochete com 8 porções de maconha prontas para a venda. Uma pequena quantidade em dinheiro também foi confiscada pelos policiais. O menino confessou que traficava pelo local e o dinheiro seria usado para comprar um tênis de Natal. Ele foi apreendido e fica à disposição da Vara da Infância e Juventude de Marília. (ADOLESCENTE é detido com maconha na zona norte. **Marília Notícias**, Marília, 24 dez. 2015. Disponível em: <https://marilianoticia.com.br/47037-2/>).

A exemplo das formas deplorativas da condição de vida dos indivíduos proporcionada pelo sistema, a reportagem acima (Figura 14) relata que, na véspera de Natal, um garoto de 13 anos apresentava atitudes suspeitas, (neste caso, ainda entende-se que as “atitudes suspeitas” são vinculadas as pessoas negras ou pardas e legitimam o Estado de Exceção⁶²) e que justamente com aproximação dos policiais o garoto tentou fugir, entende-se que a partir das experiências observadas e vividas no bairro, para ele, o certo a se fazer seria correr, pois ali existia uma lógica e normativa a ser seguida. Diversas literaturas antropológicas, sociológicas e das ciências políticas relatam que ações e comportamentos dos indivíduos não são isentas de

⁶² Estado exceção é quando o Estado utiliza tais justificativas para matar deliberadamente indivíduos dentro dos espaços segregados.

influências históricas, ou seja, diante do processo de animalização dos sujeitos é habilitado o repertório de experiências vivencidas e, diante deste processo, há necessidade de se olhar para este episódio como tantos outros que aconteceram na Vila Barros. A perseguição relatada na reportagem assemelha-se a uma “caça”, e essa apresentação “cênica” mostra-se importante para deixar uma mensagem para os demais, como se fosse uma lição a ser seguida, pois além de punir, há necessidade de se publicizar a desmoralização do indivíduo, na qual o desafio está em mostrar como o Estado lida com essas situações, ou seja, justificam a legitimidade das ações truculentas e ainda estão tutelados e amparados pelos protocolos de conduta determinadas, que os autorizam encurralar, imobilizar, espancar, asfixiar e até mesmo matar. Diversos exemplos similares a este já aconteceram em outros lugares, como em Paraisópolis (Anexo 4) onde um grupo de adolescentes com atitudes suspeitas foram perseguidos e encurralados no canto da favela e por ali mesmo foram exterminados⁶³. Normalmente, as versões dos representantes do Estado mostram inconsistências com os relatos dos demais envolvidos, mas afinidades com a conduta que acompanha em todos os espaços de atuação, desde a presença no campo de patrulhamento, alteração de depoimentos, camuflagem de espancamentos, até as estratégias de implantar provas que agravam determinados crimes, afetando diretamente na trajetória de vida dos indivíduos.

Segundo a reportagem, o valor de R\$ 55,00 foi suprimido ou melhor “confiscado” pelos policiais, pois a intenção do garoto, segundo o registro, consistia em vender as trouxas de maconha para comprar um tênis que seria usado no Natal. Sabemos que o valor de um tênis ultrapassa as cifras encontrada com o garoto e que teria um dia longo de trabalho para conseguir juntar o valor possível para a compra, a narração dessa história com apelo sentimental, doses de ação ao relatar perseguições e pitadas de infortúnios ao dizer que o garoto foi pego justamente quando era a sua vez de conseguir comprar um calçado. Voltando os olhos as intenções implícitas na elaboração deste texto, a maior inquietação neste momento é desvendar quais os contextos por trás dessa história.

Primeiramente a abordagem sensacionalista de ações mirabolantes conduzem o leitor a alguns cenários, sejam de repúdio a um espaço impiedoso que trata suas crianças de forma relapsa, pouco preocupada com a integridade física e emocional ou mesmo a um lugar que precisa de regras rígidas representadas pela a ação dos agentes. Durante o trabalho de campo

⁶³ Na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019, nove pessoas, de 14 a 23 anos, morreram durante uma ação da Polícia Militar do Estado de São Paulo no baile funk da DZ7, realizado na favela de Paraisópolis, que fica na zona sul da cidade de São Paulo <https://ponte.org/o-que-se-sabe-do-massacre-de-paraisopolis/> - reportagem em Anexo 5

observou-se espaços ocupados por mulheres e crianças, em que a maternidade são pontos fundamentais para entender a dinâmica da favela, em algumas entrevistas as moradoras que são mães dizem como enfrentam os desafios de educar seus filhos em um espaço que oferece pouca ou nenhuma oportunidade de lazer, esporte e cultura. Ainda assim, relatam que exercem uma maternidade solidária, uma cuida do filho da outra, já que muitas trabalham fora, normalmente, residem onde trabalham por muitas horas. Por fim existe determinado apelo religioso, a reportagem divulgada na véspera de Natal poderia causar certa comoção nas pessoas devido o moral religioso neste contexto, no entanto, certas contradições ainda permeiam essas questões, uma vez que entende-se que essa condição não esta isenta de acontecer nas favelas de Marília, quiçá do mundo, situações similares a esta, que, normalmente, acontecem o ano inteiro e obviamente que a comoção não é a mesma.

Com os passar do tempo as questões em relação as abordagens jornalísticas tomaram outros rumos, muitos acreditam que seja por conta da emergência de movimentos reivindicatórios, outros por conta do resultado da aplicação das políticas de ações afirmativas onde introduzem estudantes a novas perspectivas em relação a própria realidade.

Figura 15 – Notícia de jornal 8

Incêndio destrói casa em Marília e família pede doações

Casa pegou fogo na noite de quinta-feira (23) na Vila Barros; moradores precisam de roupas, alimentos, móveis e materiais de construção.

Por G1 Bauru e Marília

24/04/2020 16h23 · Atualizado há um mês



Fonte: INCÊNCIO destrói casa em Marília e família pede doações. G1, [Bauru; Marília], 24 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2020/04/24/incendio-destroi-casa-em-marilia-e-familia-pede-doacoes.ghtml>.

Nitidamente, percebe-se a mudança no foco das abordagens da reportagem acima (Figura 15). A composição das chamadas de notícias compõe abordagens fundamentalmente diferente das anteriores, o apelo sugerido no jornal, no entanto ainda exploram as ausências da comunidade e miserabilidade. Ainda nesta perspectiva, a notícia a seguir (Figura 16) traz o elemento da figura do Estado em Vila Barros de maneira positiva.

Figura 16 – Notícia de jornal 9

ABR. 20, 2020

Jovem é resgatado após cair em penhasco em Marília

Segundo Corpo de Bombeiros, jovem de 25 anos caiu de uma altura de mais de 60 metros de altura e teve múltiplas fraturas pelo corpo



O Corpo de Bombeiros de Marília (SP) e o helicóptero Águia, da Polícia Militar em Bauru (SP), se mobilizaram na manhã desta segunda-feira (20) para resgatar um jovem de 25 anos que caiu em um penhasco na Vila Barros.

Segundo a corporação, o jovem de 25 anos despencou de uma altura de mais de 60 metros de altura.

Os bombeiros informaram que a vítima foi resgatada com vida, mas apresentava múltiplas fraturas pelo corpo e precisou ser imobilizada. O rapaz foi retirado do local no início da tarde.

Fonte: JOVEM é resgatado após cair em penhasco em Marília. **Assis City**, [Paraguaçu Paulista, SP], 20 abr. 20. Disponível em: <https://www.assiscity.com/regiao/jovem-e-resgatado-apos-cair-em-penhasco-em-marilia-98764.html#:~:text=Segundo%20Corpo%20de%20Bombeiros%2C%20jovem,teve%20m%C3%BAltiplas%20fraturas%20pelo%20corpo&text=Os%20bombeiros%20informaram%20que%20a,local%20no%20in%C3%ADcio%20da%20tarde.>

Pode ser notado que a informação primeira trata das instituições como salvadoras tentam mostrar o aspecto de utilidade pública do Estado, no entanto há necessidade de se pensar a partir do que não se está dito nessas linhas acima. Os desafios em se pensar que diversas famílias foram prejudicadas por conta da ocupação próxima a falha geológica e em algum momento pontual a instituição aparece momentaneamente com a ajuda de helicópteros e viaturas. As notícias diferem fundamentalmente, e são marcadas pelo tempo e espaço em que foram elaboradas. De algo passa a ser vítima, a polícia antes truculenta, agora passa a ser parceira da comunidade para manutenção da ordem e disciplina, A preservação da identidade é algo importante e extremamente pertinente as demandas emergentes do fortalecimento das reivindicações dos direitos humanos e preservação das identidades.

A influência midiática tornou-se um ponto importante para a construção da opinião pública e ainda para um espaço onde se ofereça contrapontos e autenticidade criativa. Muitos municípios acreditam que os jornais descrevem a realidade vivida na cidade, juntamente com a transformação dos jornais tinha-se ao mesmo passo a pressão dos movimentos sociais, comunidade universitária e organizações não governamentais, entre outros.

A seguir, são apresentadas reportagens que ilustram essas mudanças (Figuras 17 e 18):

Figura 17 – Notícia de jornal 10



Fonte: VÍTIMA baleada na Vila Barros tem 17 anos. Diário de São Paulo, Bauru, 17 jul. 2017. Disponível em: <https://spdiario.com.br/vitima-baleada-na-vila-barros-tem-17-anos/>.

Figura 18 – Notícia de jornal 11

Evandro Galete reivindica a construção de sarjetão na rua Saad Baclini Chueiri



por Ramon Barbosa Franco — publicado 20/04/2020 07h07, última modificação 20/04/2020 07h07

Em outro requerimento, parlamentar municipal solicita a limpeza da rua Salvador Salgueiro, principalmente no trecho em frente ao posto de saúde da Vila Barros



Fonte: FRANCO, Ramon Barbosa. Evandro Galete reivindica a construção de sarjetão na rua Saad Baclini Chueiri. Camara Municipal de Marília, Marília, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.marilia.sp.leg.br/imprensa/noticias/evandro-galete-reivindica-a-construcao-de-sarjetao-na-rua-saad-baclini-chueiri>

Os marcos de mudanças são perceptíveis nas reportagens já que este ano é um ano eleitoral onde práticas populistas paliativas são adotadas para aproximação do eleitorado além de aproximação a imagem positiva, para que se tenha resultados importantes do pleito.

Figura 19 – Notícia de jornal 12

MARÍLIA GLOBAL

CIDADE POLÍTICA SAÚDE CULTURA EDUCAÇÃO SOCIEDADE NEGÓCIO

ÚLTIMAS > [25 de agosto de 2015] Professores contam com portabilidade, jornada especial na educação >

“Espaço da Criança” acontece neste domingo na Vila Barros

25 de setembro de 2015 Prefeitura de Marília - Cultura



Fonte: "ESPAÇO da Criança" acontece neste domingo na Vila Barros. Marília Global, Marília, 25 set. 2015. Disponível em: <http://mariliaglobal.com.br/25/09/2015/espaco-da-crianca-acontece-neste-domingo-na-vila-barros/?fbclid=IwAR0cs7sLKP0JUOiCVChq8mebN0i0TABOcsA5bskwqPpMNNBR4TvWIG7Rfkg>. (Repercutindo Agenda da Prefeitura de Marília. Disponível em: <https://www.marilia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/3311/%E2%80%9CEspa%C3%A7o-da-Crian%C3%A7a%E2%80%9D-acontece-neste-domingo-na-Vila-Barros>).

Acontece neste domingo, 27, mais uma edição do projeto “Espaço da Criança”, desta vez na Rua Salvador Salgueiro, 500 – Vila Barros, das 09h às 12h. Realizado pela Secretaria da Cultura, com organização da Turma do Palhaço Catatau, o evento completou um ano e meio, tornando-se permanente e com sucesso de público, oferecendo lazer e entretenimento para a garotada. Habitualmente o “Espaço da Criança” é realizado no Espaço Cultural, todos os domingos, porém tem percorrido distritos e bairros de nossa cidade para atingir as comunidades mais carentes. “Crianças, adolescentes, jovens, enfim, famílias inteiras poderão participar de toda a programação recheada de muita recreação, brincadeiras, atrações culturais, brinquedos infláveis e cama-elástica, além de distribuição gratuita de refrigerante, pipoca e algodão-doce”, disse Emerson Belo que é coordenador do Espaço Cultural e responsável pelo projeto. Segundo Catatau, “O público alvo deste projeto desde o início são as crianças carentes, e devido à dificuldade de acesso a programações de lazer e entretenimento, seja por conta de transporte, tempo ou até devido à situação financeira. Crianças carentes dos distritos e bairros acabam não tendo a oportunidade de participar, por isso vamos levar o evento até eles”. Grupos de dança, cantores, outras atrações que desejam se apresentar, podem entrar em contato com o Palhaço Catatau através do telefone 99704- 8500, com Denise Campos, na Secretaria da Cultura (3402-6600) ou ainda com o Coordenador Emerson Belo, no Espaço Cultural (3454 2502). (“ESPAÇO da Criança” acontece neste domingo na Vila Barros. Marília Global, Marília, 25 set. 2015. Disponível em: <http://mariliaglobal.com.br/25/09/2015/espaco-da-crianca-acontece-neste-domingo-na-vila-barros/?fbclid=IwAR0cs7sLKP0JUOiCVChq8mebN0i0TABOcsA5bskwqPpMNNBR4TvWIG7Rfkg>).

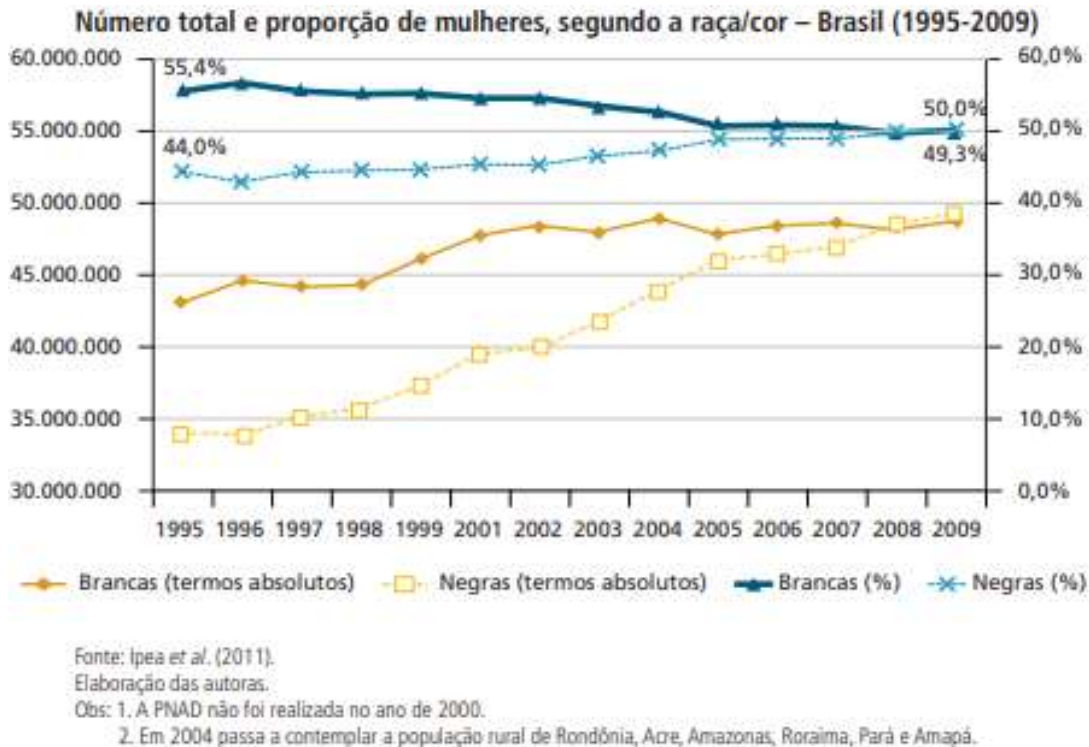
Ainda assim espaços pontuais de cultura e aproximação comunitária trazem à tona espaços e há necessidade de se publicizar as ações que são compromissos públicos atrelados com o investimento das verbas públicas, como exemplificado acima (Figura 19). Grande parte das pessoas mais afetadas com esse processo de políticas paliativas são as mulheres e crianças, devido ao alto índice de encarceramento e alto índice de mortalidade dos homens, principalmente em comunidades, dentre tantos motivos o ingresso a criminalidade e cultura da morte proporcionada pelo Estado.

2.3 Mulheres pretas, politizadas cientes de si

Atualmente acompanhamos pesquisas e levantamentos censitários que destacam as desigualdades sociais. Há disparates dos dados quando analisamos os indicadores referentes as mulheres pretas. Segundo Catarina Barbosa⁶⁴, em *Brasil de fato uma visão popular do Brasil e do mundo* a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base em dados de 2019, aponta que mais da metade dos brasileiros são de pretos ou pardos: 56,10% e ainda recebem os menores salários e mais da metade das mulheres pretas ocupam espaço abaixo da linha da pobreza.

⁶⁴ BARBOSA, C. Cor, gênero e classe: os desafios da mulher preta. **Brasil de Fato**, Belém (PA), 08 jul. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/cor-genero-e-classe-os-desafios-da-mulher-preta>. Acesso em 08 jul. 2020.

Figura 20 – Gráfico IPEA Total e proporção e mulheres, segundo cor/raça



Fonte: Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 2013.160 p. : gráfs., tabs.

O demonstrativo gráfico acima (Figura 20) aponta a proporção entre a população de mulheres negras e a quantidade de brancas no território nacional e, de acordo com o artigo Dossiê de mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil, as questões referentes a desigualdade de acesso aos espaços podem ser identificadas no mercado de trabalho, acesso à universidade além de aquisição de imóveis e bens durante a vida. Outro aspecto importante refere-se a elevada taxa de homicídio, pois “a cada 100 mil habitantes em 2017 era de 5,2 entre as mulheres brancas, isso duplica se comparamos às mulheres pretas ou pardas (10,1) e praticamente triplica quando falamos do homem preto ou pardo (185) quando comparado aos homens brancos (63,5)” (BARBOSA, 2020), isso quer dizer que pessoas pretas são as maiores vítimas de assassinatos e mortandade no contexto atual. Vale lembrar que essas escolhas intencionais de quem vive e quem morre adapta-se a realidade contemporânea econômica político-social, pois a nulidade das capacidades intelectivas perpassa inicialmente pelo engessamento das potencialidades humanas, fomento das iniquidades aquisitivas.

Em 2018, pessoas de cor ou raça preta ou parda tiveram rendimento médio domiciliar per capita de R\$ 934, quase metade do rendimento de R\$ 1.846 das pessoas de cor ou raça branca. Entre 2012 e 2018, houve ligeira redução dessa diferença, explicada por um aumento de 9,5% no rendimento médio de pretos ou pardos, ante um aumento de 8,2% do rendimento médio dos brancos. Mas tal redução não foi capaz de superar a

histórica desigualdade de rendimentos, em que brancos ganham o dobro de pretos e pardos. (IBGE, 2019).

Pesquisas recentes de acordo com o documento "Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil", em 2013, foram assassinadas 4.762 mulheres no país. Se por um lado a taxa de homicídio entre as mulheres brancas caiu de 3,6 por 100 mil em 2003 para 3,2 em 2013, a de mulheres negras, aumentou de 4,5 para 5,4 por cada 100 mil habitantes no mesmo período, ou seja, um crescimento de 19,5%. Isso significa que em 2013 foram assassinadas 66,7% mais negras do que brancas. Quanto maior o acúmulo de marcadores sociais que abarcam a luta de mulheres pretas o genocídio torna-se mais presente em suas vidas de acordo como artigo que cita a professora Zélia Amador de Deus, "Ela está sofrendo assédio pelo fato de ser mulher e negra. No primeiro caso é o gênero, no segundo, racismo e ainda por ser pobre, que é o terceiro caso, classismo. Ela sofre a partir desses três pilares".

Percebemos as diversas estratégias para invisibilizar as mulheres pretas, tais como as construções degradantes associadas ao imaginário feminino, a imobilidade ante as políticas públicas ou ações de fomento a preservação da população preta, a falta de empenho ao combate de violência sexual, doméstica e psicológica contra a mulher, além de estratégias de silenciamento e engessamento social para instaurar a morte social específico à mulheres pretas, pois o processo descrito registra a intencionalidade em desmoralizar, desacreditar e matar socialmente essas mulheres

[...] sem autonomia, neste caso, a mulher fica aprisionada em papéis que lhe foram atribuídos, reafirmando que a mulher é produto de uma estrutura de poder. A sua identidade coletiva é produto de uma mulher historicamente submetida a um poder de gênero, modo heterônomo, permanecendo numa "mesmice". (BARBOSA, 2015, p.89).

A realidade vivida por mulheres pretas em Vila Barros não difere da grande maioria registrada na pesquisa censitária, a exemplo dos relatos das mulheres de Vila Barros ocupam subempregos e suas trajetórias são marcadas por falta de oportunidades e segregação:

Nós somos a maioria que trabalha com reciclagem, a maioria da minha profissão mesmo, eu insisto nisso porque é o que eu sei fazer de melhor e sempre (acontece) alguma coisa para não tiramos outro serviço, eu tenho profissão. Então você tem que lutar para que você tá fazendo. Quando não tem outra opção... para aqueles que não tem opção... eu tenho várias opções, tenho duas carteiras de registro, sei fazer cargo de mecânico... eu sei tudo fazer, muita coisa então, alguma coisa... deixa! Bom... quem não tem muita especialidade, de emprego, para ele mais um portão na cara." Darlene, moradora da Vila Barros (Trecho da entrevista concedida à pesquisadora).

Quando falamos sobre trajetórias, é importante perceber que as narrativas dizem por si só as experiências vivências e que cada uma traz, diante disso, destaca-se a importância dos processos para entender quais são os entraves e obstáculos a serem superados por essas mulheres. A principal estratégia que utilizaram tem como base a união de forças, buscando superar as adversidades do lugar e as desventuras da vida, com a ajuda das semelhantes.

- Estudamos juntas e viemos do Bronx, lá no corredor da Morte...

Jaceguai: Mas como assim Bronx?,

- Como que é o Corredor da morte? Corredor da Morte é o risca faca... lá no Galera, nossa... lembra disso? qualquer coisa, já é motivo... lá não dá! Eu vou dizer, o que eles conseguirem fazer eles fazem. Facção... qualquer pessoa na rua, vocês duas eu não sei... mas a gente se uniram para não perder a mente.(Trecho da entrevista de Adriele, moradora da Vila Barros, concedida à pesquisadora).

Ainda assim, falam sobre suas trajetórias e o quanto essa situação precisa ser entendida a partir das particularidades da Vila Barros, a exemplo dos diversos problemas acerca da instabilidade do lugar em relação das intervenções policiais, principalmente no período noturno, configurando-se degradações de toda ordem, inclusive ambiental, já que entendem o ambiente como extensão de si.

- Quando entram aqui é mais o susto, né? é mais o susto... não é mais o susto é mais um susto qualquer...então eles entram sem avisar, os outros jogam coisa no meu quintal... e a gente vive assim... a minha vizinha ela fez assim... me ajuda e fica de olho. Precisamos sair daqui, mas é muito caro. (Trecho de entrevista concedida à pesquisadora)

A entrevistada explicou que precisava manter os cachorros no quintal para que inibam a invasão constante em seu barraco, sejam acometidas pelos policiais, ou mesmo os “nóias⁶⁵”, além disso, devido à proximidade ao córrego, as moradoras estão expostas ao lançamento de lixos, convivem com descarte de móveis, entulhos ou materiais de procedência ilegal. Segundo a entrevistada, apelidada por “Nininha”, diz que a extensão da rua está dentro da sua casa, pois segundo ela, não existe qualquer respeito acerca da intimidade familiar ou respeito as privacidades, principalmente quando acontecem as batidas policiais, sem regras e a qualquer

⁶⁵ Nóias [gíria] Pessoa que está sob o efeito de drogas, de entorpecentes, geralmente apresenta delírios, mania de perseguição e paranoia. www.dicio.com.br

hora do dia, quanto aos cachorros afirma que além da segurança ao barraco ainda fazem companhia a ela e as crianças (a entrevistada tem 4 filhos apenas 2 deles moram com ela).

Observando este cenário e ouvindo os relatos, percebe-se que os problemas estão diretamente ligados à atuação dos agentes do Estado. Entende-se que há presença da polícia, agentes de saúde e assistência social, no entanto, a atuação destes agentes se mostra insuficientes diante das necessidades que a ocupação apresenta. As questões colocadas pelas moradoras ainda possibilitam identificar diversos problemas em relação a estabilidade local e solução de determinadas questões, tais como o acesso à serviços de saúde, à moradia digna, à recolocação no mercado de trabalho, dentre tantas outras necessidades imediatas. Os enfrentamentos das famílias que ocupam a margem do córrego perpassam pela dinâmica das águas e inutilidade do Estado, pois justamente no período de cheias, em que há perda mobiliária, prejuízos com eletrodomésticos e o risco de mordeduras e infecções causados por roedores, pragas diversas além do risco constante a própria sobrevivência⁶⁶, não havendo planos de apoio e prevenção as famílias que ocupam essa área.

Em relação às condições de moradia, 56,2% (29,5 milhões) da população abaixo da linha da pobreza não têm acesso a esgotamento sanitário; 25,8% (13,5 milhões) não são atendidos com abastecimento de água por rede; e 21,1% (11,1 milhões) não têm coleta de lixo. Tanto em relação às inadequações habitacionais como em relação à ausência de saneamento, as proporções registradas são maiores entre pretos e pardos do que entre brancos. Entre pretos e pardos, 42,8% (49,7 milhões) não são atendidos com coleta de esgoto; 17,9% (20,7 milhões), não têm abastecimento de água por rede; e 12,5% (14,5 milhões) não têm acesso a coleta de lixo.” Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos. (NERY, 2019).

Diante deste contexto estrutural, as moradoras da Vila Barros, para manter a subsistência e condições mínimas de vida, adotam estratégias para driblar as diversas formas de assolamento e desassistência social empenhada pela intencionalidade estatal. Segundo Oliveira (2018), historicamente o Estado atua de forma intencional, direcionada, a fim de preservar os interesses e manutenção da classe hegemônica garantindo assim, estabilidade para preservação do poder e sucessão hereditária nos em espaços decisórios. Dito isso, há necessidade em se entender a leitura da própria realidade, as moradoras apontaram situações em relação ao olhar do outro para elas, em dado momento o olhar delas mesmas para as amigas e, por fim, a “auto-observação”.

⁶⁶ Há relatos de mortes causadas pelas enchentes, geralmente crianças, de acordo com as moradoras não há intervenções direta que ofereçam melhorias nas instalações locais e prevenção às enchentes.

L: Como mulher empoderada, não nada contra, mas eu vou criar minha filha sozinha! Eu não vou arrumar um marido para falar que eu tenho uma proteção? é para falar que eu tenho eu... só preciso de uma, minha filha. Eu criei sozinha [falas paralelas], a gente não depende de ficar vendo uma casa sofrendo bullying, sofrendo humilhação, sendo espancada, tendo o risco de feminicídio. Porque eu tenho três filhos que vai ser da minha vida para ficar colado no homem por causa de um arroz feijão, não pode... se tem três, quatro filhos, tudo se dá um jeito na sociedade. Tem sempre um recurso sempre tem uma saída, não quer ficar dentro da mesma casa sofrendo com um cara que só sabe judiar da família, mas temos que ficar de férias. Essa foi a minha reação foi isso que fez o que eu queria ficar sozinha e mostrar para muitas mulheres que ela não precisa ter medo, ela não precisa ter que aguentar o marido que judia⁶⁷ (sic) dos filhos, por causa de comida, eu sou uma prova viva. Minha filha tá com 23 anos para 24 tá? Hoje tá casada, porque tem a primeira netinha de seis anos, até 24 anos que ela era sozinha. Tô almoçando e nunca faltou nada para ela e nunca precisei nem fazer programa nem sair com homem e nunca dependi de r\$ 1 de homem. A não ser que ele pagasse por algum serviço que não entende nada.

Jaceguai: Como e quando começou essa conversa de empoderamento na sua vida?

L: Que que é isso! empoderamento para mim é você ser uma mulher que você consegue fazer muitas coisas, pode chegar em muitos lugares, pode ser tudo que eu quisesse. Ser boa ter a fé e a determinação de querer chegar e fazer tudo que aparece. Eu quero fazer, eu quero aprender, eu desenvolvo e eu vou para cima eu vou até o fim com garra [...] Depois eu conheci a Luciana aqui através de uma amiga minha que eu comecei, a Luciana tem uma pessoa que vai te ajudar, a menina comunidade aí andando com quem é mais sábio que a gente, mais inteligente, mais estudado, que vai adquirindo com a gente eu não sei o que eu tenho de experiência de vida...é que a Luciana, ela, não só de vida como diz você não tem muito estudo, mas é muito inteligente... eu já adquiri a experiência em cima da Inteligência dela, que ela aprendeu muito em livros eu aprendi muito na raça junto essas duas mentes e ela me ensinando que eu podia várias coisas, tudo posso naquele que me fortalece! E essa visão ampla de serem “ponderada” em tudo que aparecer. Se tu viesse na minha frente. Eu vou... consigo, eu sou capaz! Fez uma porta que eu abri, a outra não deu certo... aqui eu arrumo outro, mas sempre tem, mas se a porta fica fechada, ah! Ela não fica porque eu vou para cima, com meu Jesus, e a porta ela tem que ser aberta.

⁶⁷ O termo utilizado faz alusão à formulação etnocêntrica cristalizada na carga histórica que a palavra traz consigo, pois remete-se as dores sofridas no holocausto.

Jaceguai: Quanto tempo você conhece a Luciana⁶⁸?

L: Faz tempo, hein...ôh louco! Ai Lu... quanto tempo tem a União Brasileira de mulheres? é um conselho da mulher... tô desde 2015, mas a Lu sabe falar melhor, eu só sou participante...eu sou uma das integrantes... eu ajo e eu vou! Ai quando tem, eles me colocaram como membro.”

Jaceguai: O que é essa organização?

L: É uma coisa social dela, se ela se unir para resolver várias situações, várias partes. Porque geral pode ser político social trabalhista, o que faz para aparecer, mas lá tem a parte que fala muito sobre a mulher, eles vão muito em cima disso, sabe? Então, é um projeto das mulheres é União Brasileira de mulheres, ela se junta para vários projetos, várias coisas se juntando, para que isso venha acontecer em favor de nós, porque para gente que é com muita luta. Então as mulheres são lindo, né? Que eu entendo isso da União. Tá certo as mulheres se unem para conseguir um objetivo União Brasileira é um órgão social é um trabalho que ela se uniram para chegar no objetivo, porque uma, duas mulher falando no meio de 50... vai lá! porém no meio do planeta... E os marido... Aquele monte de votação, você acha que as três mulher mais ouvida no meio de mais de 50 anos para botar um propósito e o governo não vai ser ouvida, nunca! Então, conto mais vozes femininas, mas a força é assim hoje eu chego em você: “vai lá” eu vou lá para agregar... isso aí! quando alguém me chama eu vou lá, eu junto com ela, a gente vai na votação para reunião opiniões, eu vou lá para ver. Cê diz para somar essa força e dá opiniões e batalhar para cima e ajudar com que objetivo.

Jaceguai: Você acha que sua voz é ouvida lá ou não?

L: Sim. Através da Lu, quando eles precisam de mim, sim. Através da lu, tem o meu espaço lá, por causa do local onde eu moro, não é referente nada disso, mas através da Lu, ela consegue me colocar em vários lugar, que a minha voz é ouvida. Por que para você chegar em algum lugar tem que ser sempre alguém que está já, dentro do molho, dentro da situação que está acima de você para poder levar, você até vai lá, eu chegando sozinha, com a minha voz... eu não vou ser ouvida, nem na prefeitura, nem em lugar nenhum. Quem é você na visão deles? eu não sou ninguém... não tem isso, não tem faculdade, não sou dona disso (apontando para sua

⁶⁸ Luciana é nascida e criada na favela do Bronx (vizinha da Vila Barroa) formou-se em Ciências Sociais na Unesp de Marília atualmente trabalha na secretaria da cultura da cidade, desenvolve diversos trabalhos junto à comunidade e foi intermediária para viabilizar o acesso a área mais restrita e íngreme da favela o famoso “vermeião” fica dentro da falha geológica (entre um Itambé e outro) local onde moram as entrevistadas. Vide ANEXO.

moradia) não sou secretária, nem daquilo... daquilo outro... mas com uma ajuda que nem da Lu, e de pessoas que já estão lá, faz com que a minha voz seja ouvida, porque ele não ele tem que engolir... Eu encaixo! Porque é uma maneira deles ver que a gente existe, a gente é real, a gente existe aqui, em pessoas inteligentes, a gente não tem muito estudo igual muito deles tem, um bocado de foto, de oportunidade, condições financeiras... é, pobre não é defeito... ser pobre é por causa da falta de oportunidades que não dão para quem quer crescer, muito talento... (após uma pausa) que nem você já viu... é jogador de futebol, funkeiro... ninguém nunca deu nada! Aqui tem talento escondido. Jaceguai: Esqueci, você quer falar mais alguma coisa? Não, não... é só isso mesmo. Eu só queria assim para fechar com chave de ouro que a gente fosse mais reconhecido aqui não quer nos ajudar a melhorar o lugar, porque o lugar não é propício para ser melhorado que a gente tá abandonado, que ajuda... que nos ajude a conseguir nosso lugarzinho, casinha popular com baixa renda, nossas condições para a gente sair daqui, toda melhoria de vida, pode pelo menos tem um lugar uma qualidade melhor de vida, não a casa do seu local. Esse é o sonho de todo mundo pelo menos sair daqui, talvez a gente vai conseguir criar mais água e ser mais ouvido o local Periferia prejudicada muitas vezes.”(Entrevista concedida à pesquisadora).

Observando o cenário da favela e as interações presenciadas durante as entrevistas iniciadas em agosto de 2018, março e novembro de 2019 saltam aos olhos as mudanças ocorridas em mais de 10 anos de pesquisa. De acordo com a experiência vivida em campo, notoriamente, as transformações no cenário como composição das casas do bairro que antes faziam as casas com materiais reutilizáveis, hoje, utilização de alvenaria, somados a portões de metais e inúmeros comércio na Salvador Salgueiro levam a crer que as diferenças espaciais foram acompanhadas a mudança da mentalidade feminina, ou seja, parafraseando Luciano hip – hop “a favela não iria ficar parada te esperando voltar”. Com a finalidade de preservar o objetivo central dessa pesquisa, vale lembrar que se tem como preocupação o distanciamento de elaborações idealizadas de favela, direcionando o olhar de dentro para fora da favela, sendo assim, os esforços empenhados até aqui consistem em entender para além das diferenças imediatas. Para tanto, lanço mão de três instrumentos de análise das questões identitárias e marcadores de diferenças: a atuação do movimento político dentro da composição histórico social e cultural da Vila Barros, implementação de programas sociais na cidade e influência de novas frentes migratórias fixadas na cidade de Marília. Ainda como método comparativo utilizarei como referência as conversas, observações feitas durante a pesquisa de campo além

das entrevistas coletadas em 2005-2008 e 2018-2019, com o intuito de investigar quais são as distinções fundamentais para a composição identitária na Vila Barros.

De acordo com a observação de campo empenhada na pesquisa, desenvolvida entre 2005 a 2008, 70% das mulheres com idade entre 35 e 45 anos restringiam o cotidiano a afazeres domésticos, zelo e cuidado com crianças, pouco mais de 15% empenhavam alguma atividade remunerada para composição da renda, a exemplo das trançadeiras, costureiras e vendedoras de geladinhos⁶⁹. Concomitantemente, a esse trabalho, foram desenvolvidos estudos junto ao Programa de Educação Tutorial (PET) que identificava o processo de ressocialização dos egressos do sistema penal e em decorrência disso, detectou-se que a grande maioria das moradoras da Vila Barros entre 25 e 35 anos eram egressas do sistema penal⁷⁰.

Segundo o relatório de Relatório de Cadastro Individual documento expedido pelo Ministério da Saúde do Estado de São Paulo Município de Marília e Unidade de Saúde USF Vila Barros, o bairro é majoritariamente composto por mulheres jovens, sendo que, o público masculino é composto principalmente pela faixa etária de 15 a 24 anos, enquanto as mulheres estão na faixa de 35 a 39 anos. Podemos interpretar esses dados a partir de várias informações importantes, para pensarmos a nova configuração da favela, e neste momento, vale salientar, a população que constitui a Vila Barros tem o maior número de mulheres com 1518 trazem experiências diversas que, comumente assumem a manutenção da casa e a educação dos filhos, além de, outro agravante, mulheres tornarem-se mães durante a adolescência (entre 15-19 e 20-24 anos) e avós ou bisavós antes dos 39 anos.

As Figuras 21 e 22 demonstram estes números.

⁶⁹ Espécie de suco de frutas (natural ou artificial) congelado, similar ao sacolé, gelinho ou caicó.

⁷⁰ PERES, A. D. Uma proposta de educação: reflexão e prática pedagógica em um diálogo entre a universidade e uma organização não governamental. IV Congresso de Extensão Universitária - Educação. [Resumos...]. [s.d] Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/145071/2007-219-peres.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Figura 21 – Quadros com informações sócio demográficas e relação de parentesco com o responsável familiar

Informações sociodemográficas - Relação de parentesco com o responsável familiar		Informações sociodemográficas - Relação de parentesco com o responsável familiar	
Descrição	Quantidade	Descrição	Quantidade
Cônjuge / Companheiro(a)	459	Genro / Nora	14
Filho(a)	928	Outro parente	23
Enteado(a)	40	Não parente	3
Neto(a) / Bisneto(a)	98	Não informado	1201
Pai / Mãe	54		
Sogro(a)	2		
Irmão / Irmã	38		
		Total:	2860

Fonte: Ministério da Saúde – Município de Marília Unidade de Saúde – USF/ Vila Barros - Extraído em 28/02/2020 as 9:44am por Mariclaudia Damasceno Ribeiro

Sobre a composição por faixas etárias e sexo, temos:

Figura 22 – Quadro com identificação da quantidade etária e gênero

Identificação do usuário / cidadão - Faixa etária				
Descrição	Masculino	Feminino	N. Inf	Total
Menos de 01 ano	15	10	0	25
01 ano	24	32	0	56
02 anos	24	22	0	46
03 anos	21	32	0	53
04 anos	36	28	0	64
05 a 09 anos	110	115	0	225
10 a 14 anos	106	109	0	215
15 a 19 anos	117	114	0	231
20 a 24 anos	113	117	0	230
25 a 29 anos	90	110	0	200
30 a 34 anos	92	109	0	201
35 a 39 anos	98	124	0	222
40 a 44 anos	76	84	0	160
45 a 49 anos	74	84	0	158
50 a 54 anos	56	75	0	131
55 a 59 anos	75	93	0	168
60 a 64 anos	65	68	0	133
65 a 69 anos	57	75	0	132
70 a 74 anos	37	51	0	88
75 a 79 anos	32	30	0	62
80 anos ou mais	24	36	0	60
Não informado	0	0	0	0
Total:	1342	1518	0	2860

Fonte: Ministério da Saúde do Estado de São Paulo– Município de Marília Unidade de Saúde – USF/ Vila Barros - Extraído em 28/02/2020 as 9:44am por Mariclaudia Damasceno Ribeiro

De acordo com os dados as maiores partes dessas mulheres encontram-se desempregadas e enfrentam diversos problemas para a recolocação no mercado de trabalho, dentre as diversas justificativas para a não admissão, a mais usada relaciona-se a trajetória escolar, ou seja, a baixa escolaridade combinada a quantidade de filhos, que se tornaram argumentos para justificar o ostracismo dessas mães no mercado de trabalho. Segundo a leitura dos dados quase 80% das geram seus filhos durante a adolescência, evidentemente, as gestações interferem de diretamente na permanência e frequência escolar, muitas vezes condicionando as jovens a evasão escolar. Outra alternativa seria a retomada dos estudos por meio da educação de jovens e adultos (EJA), no entanto, segundo o relato das entrevistadas, a maior dificuldade estão no deslocamento noturno, nos gastos com passagem de ônibus, além de problemas em deixar as crianças sozinhas para estudar, já que de acordo com o Quadro – informações sobre o desconhecimento do nome da mãe/ pai/responsável familiar (Figura 23) o maior índice de abandono dos lares são cometidos pelos homens, sendo assim dificilmente as mulheres contam com a colaboração dos homens.

Figura 23 – Quadro com informações sobre o desconhecimento do nome da mãe/pai/responsável familiar

Identificação do usuário / cidadão

Descrição	Sim	Não	Não Inf.
Desconhece nome da mãe	7	2853	-
Desconhece nome do pai	470	2390	-
Responsável familiar	936	1901	23

Fonte: Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Município de Marília Unidade de Saúde – USF/ Vila Barros - Extraído em 28/02/2020 as 9:44am por Mariclaudia Damasceno Ribeiro

A Figura 24, a seguir, exemplifica a questão da escolaridade e dos cuidados com as crianças.

Figura 24 – Quadros com informações referentes a escolaridade e informações de quem cuida das crianças de 0 a 9 anos na ausência dos pais

Informações sociodemográficas - Qual é o curso mais elevado que frequenta ou frequentou		Informações sociodemográficas - Crianças de 0 a 9 anos, com quem fica	
Descrição	Quantidade	Descrição	Quantidade
Creche	113	Adulto responsável	410
Pré-escola (exceto CA)	83	Outra(s) criança(s)	1
Classe de alfabetização - CA	8	Adolescente	0
Ensino fundamental 1ª a 4ª séries	613	Sozinha	0
Ensino fundamental 5ª a 8ª séries	602	Creche	79
Ensino fundamental completo	171	Outro	62
Ensino fundamental especial	11	Não informado	2372
Ensino fundamental EJA - séries iniciais (supletivo 1ª a 4ª)	19	Total:	2924
Ensino fundamental EJA - séries finais (supletivo 5ª a 8ª)	31		
Ensino médio, médio 2º ciclo (científico, técnico e etc)	748		
Ensino médio especial	20		
Ensino médio EJA (supletivo)	11		
Superior, aperfeiçoamento, especialização, mestrado, doutorado	86		
Alfabetização para adultos (Mobral, etc)	10		
Nenhum	108		
Não informado	226		
Total:	2860		

Fonte: Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Município de Marília Unidade de Saúde – USF/ Vila Barros - Extraído em 28/02/2020 as 9:44am por Mariclaudia Damasceno Ribeiro.

Após a observação da Figura 24, referente às informações sobre a responsabilidade dos cuidados da criança na ausência do responsável legal, percebe-se que muitos entrevistados preferiram omitir a resposta, quando questionados, pois poderiam comprometer-se diante das esferas legais, a exemplo de explicações junto ao conselho tutelar ou mesmo à vara da infância e do adolescente. De acordo com os relatos de moradoras o grande problema gerado por esta situação consiste em combinar a conclusão dos estudos e a seguridade das crianças, pois constantemente a ocupação é surpreendida com abordagens e intervenções policiais violentas, muitas vezes ocasionado por confrontos locais que colocam em risco as crianças que eventualmente encontram-se sozinhas em suas casas. Diante deste cenário, muitas mulheres abandonam os estudos conforme a demonstração parte de escolaridade da Figura 24, que apresenta o ensino formal com índices próximos (Ensino Fundamental I, II e médio). No entanto, não observamos a mesma proporção entre os entrevistados egressos das categorias de ensino que não concluíram os estudos com a recolocação ao EJA, ou seja, há grande evasão escolar e a desistência de retomar os estudos após algum período de pausa.

A dinâmica na favela tem seus problemas e quanto mais próxima as casas estão da falha geológica maiores são os riscos ocasionados por fenômenos naturais ou em decorrência da

instabilidade relacionada as operações policiais, conforme o relato de Nininha, moradora do “Vermeião” e mãe de 3 filhos:

Jaceguai: Quando começou a morar na Vila Barros?

- Minha mãe já é falecida, mas antes fiquei mais nem um ano com ela, aí já arrumei marido e saí da minha casa. Ficava longe dela, aí fazia pouco tempo que nós tava morando junto, quando o Senhor a recolheu, então tipo, eu não tive muito da minha mãe como meu irmão. Foi eu que me afastei.

Jacqueline: Você casou novamente?

Não sou solteira ainda... não ainda não tenho vontade no momento não! Prefiro sabe, ficar bem longe disso, faz tempo... Verdade! [lembrando de alguma coisa] que eu separei do pai do meu filho... Se arredondar (faz) uns três anos, não foi que ele voltou para casa, mas a gente não tinha mais nada. Ele tinha ido embora porque uma pessoa é a pessoa, mas depois de uns 15 anos a gente (ele) começa a te maltratar e fazer as coisas... e vai te machucando chega uma hora que cansa e vai embora! O sentimento que foi que aconteceu, mas foi ele que o que a gente não toma uma família de cinco filhos e uma neta e você não quis nada com nada, ele foi embora... e com ele a bebida também. (Quando) a bebida chegar em casa era aquele segredo, se você já ficava em cima... porque eu não gosto, mas não comigo esse eu não põe a mão ninguém. Não vou admitir... ele já ia falar bravo com ele, ele queria sair na mão, eu já entrava na frente... não admito isso! eu não bato, você não bate... eu sou de corrigir falando. E começou a usar droga, aí mistura uma coisa com a outra, trabalhava para poder sustentar o vício e esquece de se sustentar. Eu não preciso disso, graças a Deus sempre trabalhei e ele me conheceu trabalhando. Então ele foi caçar o canto dele, eu fico com medo, mas cada um com a sua melhor, né? E eu [fui] cuidar dos meus filhos, ter que fazer eles terminar o estudo igual a minha menina, vai se formar agora no nome dela, mas ela não quer participar da formatura do nono, porque vou usar o que ela disse, não gostou da cor que termina porque eu estudei muito importante, eu não terminei o meu eu tive que parar de estudar e trabalhar. Eu não quero eu pego no pé dele. Eu não quero isso para o que eu passei que foi para mim. Eu não quero para vocês. De jeito maneira, eu quero que vocês estuda vocês tem uma profissão que vocês goste igual eu amo essa cabelo você se você quiser adquirir a produção do seu pai dele, porque o seu pai com todos os defeitos dele, então profissão muito bonita. Então você que ele faz, ele é serralheiro metálicas, entendeu? Eu falei abrindo que foi de bom para vocês, mas não deixa de escutar.

Jaceguai: Qual é a sua relação com os seus filhos?

- *Eu pego muito no pé, eles me chamam de chata, fala que eu sou muito chata que não pode faltar porque um dia que aprender se você não falta você vai estar aprendendo, esse é gostoso amável para escola, só que eu não tinha oportunidade que vocês têm hoje. Eu quero a minha mãe, minha mãe tem que fazer tudo e a gente tem que fazer junto que não dava quando eu fazer sozinha então a gente tinha que sair da escola, por dentro da mãe entendeu às vezes eu falo para as pessoas que era dessa forma, eu passei por isso várias vezes, [para] eu poder ajudar minha mãe, porque no centro então tinha carnaval.*

Jaceguai: Como era o trabalho?

- *Então eu fazia mais de 20 cabelo num dia, às vezes eu parava, não na última hora, que acaba o desfile. Então se acabar uma hora, uma hora nós termina de fazer a última, que a gente ia para acima de 60 braços. Você ficar o dia inteiro ali, tramando eu tinha que rolar, né? Cada um cortar e ponhando, uma cor, uma então pode falar e lá tem bastante, com seus conhecimentos que se alguém perguntar eles falam o que era correria o dia inteiro... a gente precisava toma um banho, no banheiro, pegar, respirar um pouco... aí já era tarde da noite, quando não era esse final de semana, numa sexta para o sábado, fim dos melhores... até dormir em casa, porque eu não aguentava por ser um pouco menor eu ia dormir e acordar fazer assim. Ah, já ia ajudar minha mãe porque minha mãe dava conta sozinha, quando era muito corrido, aí aqui jamais assim mais sossegado, né? Aqui tem umas brigas, de vez em quando, eu faço uns cabelo e graças a Deus vou fazer ela só que lá é diferente era muita correria a semana toda mais 10...15... 20 dias depois os cabelos... aqui que demais [apontando para o cabelo trançado de uma adolescente]! De ser menina, mas tem hora que vai com saudade porque naquela época você não sabia o que era faltar r\$ 1,00 [era Cruzeiro ...ainda cruzado] aí hoje em dia, senão você fica de cabeça quente! Eu já tenho que sair correndo fazer as coisas e como é só eu por ele [apontando o filho mais novo] e Deus por nós... meu, o pai deles nem tá pensando, tá chegando então a gente vai mantendo do jeito que tá não pode deixar passar.*

Jaceguai: Deixa eu fazer uma última pergunta tem algum desejo, ou tem alguma coisa que você gostaria que mudasse na sua moradia?

É melhor você saber... [olhando para baixo evitando o contato visual] depois que vim morar aqui, meu banheiro caiu..[o banheiro foi construído nas bordas do rio, destacado da moradia, durante a enxurrada o banheiro desabou com o deslizamento de terra] perdi minha caixinha de ar [bombinha de asma] na descarga...tomar banho? a gente toma banho na borracha, agora

na casa do meu irmão da minha irmã, isso é uma coisa que para mim assim eu olho, tá? Tá dando para usar, mais não é isso que eu queria. (Entrevista concedida à pesquisadora).

As entrevistadas relataram questões importantes e que nos ajuda a entender quais são os dilemas e enfrentamentos que compõe o cotidiano dessas mulheres. Todas elas relataram estratégias de sobrevivência e engajamento político, influenciando, de alguma maneira, outras mulheres no bairro. Ainda durante a entrevista, as mulheres revezavam para o cuidado com as crianças, além disso, em cada quatro famílias ocupante das bordas do córrego, três são organizadas pelas mulheres, ainda contam com a principal e única fonte de renda. A ocupação profissional diz muito do que essas mulheres conseguem suportar para garantir o trabalho e afastar o fantasma da demissão.

A Vila Barros abriga 2860 moradores, dentre eles mais de 60% são mulheres, então a organização da favela, majoritariamente, está sob a égide das mulheres, ainda assim há diversos enfrentamentos, tais como o abandono familiar pelos seus companheiros, a pauperização das famílias, o desemprego (cerca de 80% da favela não tem trabalho formal ou está desempregada)⁷¹ e os riscos acerca de desabamentos, escorregamentos e enxurradas. As questões relacionadas a violência doméstica, presença de adictos convivendo com os moradores das casas ou mesmo as crianças ocasionam sobrecarga para essas mulheres que, ainda assim, organizam grupos de debates, pautas reivindicatórias para a participação nas reuniões municipais e organização de amigos do bairro. Pensar a identidade na Vila Barros, consiste em pensar os reflexos da conjuntura global diante da configuração da favela, que não é estática e não existe um fim em si mesma. Entender consiste em fazer os exercícios de observar, ouvir e, principalmente, planejar o suprimento das demandas, a partir do fomento de ações que viabilizem a aplicabilidade de políticas públicas, e afinar a gestão pública, objetivando da busca por equidade social e reparação histórica, que subverte a ordem aristocrática e mentalidade colonialista para a busca por equidade social destinada a determinados grupos econômicos.

⁷¹ Fonte: Ministério da Saúde do Estado de São Paulo – Município de Marília Unidade de Saúde – USF/ Vila Barros - Extraído em 28/02/2020 as 9:44am por MariClaudia Damasceno Ribeiro.

Parte II

Capítulo 3 – Relações raciais e a Vila Barros.

3.1. “Ela é como se fosse da família....”

A ocupação profissional da grande maioria das moradoras da Vila Barros está ligada ao setor informal de atividades para geração de renda, muitas vezes, quando empregadas em vagas que exigem pouca especialização, apresentam condições precárias para instalação de maquinário, equipamentos improvisados, horas excessivas de trabalho, falta de garantias trabalhistas além da utilização de instrumentos obsoletos para a execução de trabalho. Existe casos de mulheres que ingressaram em atividades ilícitas para suprir as necessidades imediatas, no entanto, diante das diversas circunstâncias e adversidades, muitas permanecem nessa condição.

Tendo como base a População Economicamente Ativa (PEA), a Vila Barros, até 2009, era composta majoritariamente por homens de idade entre 29 e 40 anos, sendo o único responsável pelo sustento familiar, a grande maioria, empregada como carroceiros. Atualmente esta atividade perdeu espaço para a reciclagem formal e institucionalizada, já que instalaram postos de recolhimento e dias determinados para o pagamento e troca destes materiais. Muitas mulheres ingressaram neste ramo acumulando diversas outras funções para manutenção da renda familiar. Isso não quer dizer que o subemprego e atividades com baixa remuneração foram extintas da Vila Barros, ao contrário disso, mulheres e homens concorrem a essas vagas em postos de trabalho com salários cada vez mais baixos e condições deplorativas de trabalho. Para além disso, a expropriação absoluta da mais-valia em muitos casos é justificada pela implantação das inovações tecnológicas no processo produtivo, que transferem os custos empenhados no processo produtivo, gastos e taxações aos trabalhadores, haja visto o pagamento de valores irrisórios aos catadores.

Observa-se a transição de contextos vividos pelos carroceiros através das marcas que a favela registra, uma delas pode ser observada na composição estética do bairro: as carroças desapareceram das garagens. A dinâmica da catação acontece de acordo com as regras impostas pela empresa, que exige o agendamento para a entrega dos materiais, ainda assim, há o domínio de privilégios para a acumulação de capital destinada aos empresários e elites que se beneficiam com a hiper exploração da capacidade produtiva dos trabalhadores, e em contrapartida, o

pagamento de valores irrisórios pela matéria prima, bloqueio da concorrência e o fomentando de cartéis⁷².

Segundo o levantamento de 2019 feito pela Unidade de Saúde da Vila Barros as atividades profissionais mais frequentes são:

Tabela 1 – Atividades profissionais mapeada até março de 2020⁷³

Atividade profissional	%
Pedreiro	9,7%
Empregados domésticos diaristas	6,5%
Empregados domésticos de serviços gerais	3,8%
Motorista de caminhão	3,2%
Servente de obras	3,5%
Empregado doméstico faxineiro	2,9%
Catador de material reciclável	2,9%
Pintor de obra	2,6%
Total	35,1%

Fonte: Ministério da saúde do Estado de São Paulo no município de Marília – Unidade Básica de Saúde da Vila Barros.

A partir do mapeamento das atividades profissionais e o cruzamento de dados das informações constantes nas figuras e tabelas anteriores, entende-se que a maior parte da população da Vila Barros exerce atividades e serviços diretamente ligados aos condomínios e residenciais vizinhos a favela. A relação de dependência entre os moradores da ocupação e os condôminos de luxo traz à tona diversas marcas do racismo estrutural e herança colonialista, pois ainda destaca-se como principais relações trabalhistas e fonte de renda da população favelizada a satisfação das necessidades de determinada classe, a higienização dos ambientes majoritariamente brancos, além da atividade negada pelo narcisismo da branquitude em que destina postos de trabalho degradantes com baixa remuneração e pouco prestígio social à população preta e seus descendentes. De acordo com os dados, 34% de 2860 moradores da Vila Barros entrevistados, não trabalham ou estão desempregados, 10% dos que trabalham não tem garantias previdenciárias ou carteira assinada, apenas 18,25% dos moradores trabalham com carteira assinada. Sabemos que 53% da favela da Vila Barros é composta por mulheres e mesmo que 40,36% dos moradores autodeclaram pretos ou pardos, 57% brancos e 2,5% amarelos escancaram os agravantes de acordo com esses resultados.

⁷² Cartel é um acordo explícito ou implícito entre empresas concorrentes para, principalmente, fixação de preços ou cotas de produção, divisão de clientes e de mercados de atuação[1] ou, por meio da ação coordenada entre os participantes, eliminar a concorrência e aumentar os preços dos produtos, obtendo maiores lucros, em prejuízo do bem-estar do consumidor. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cartel>

⁷³ A Tabela 1 foi atualizada, contemplando dados de 2020.

O processo de autodeclaração referente da composição étnica presente na favela mostra algumas contradições que precisam ser pontuadas, pois a partir de uma leitura desvinculada do olhar apurado e conhecimento do campo nos incorre a alguns deslizes, como desconsiderar o processo de auto ódio e negação de si a qual a população negra tem sido submetida, historicamente. A beleza padronizada e referenciada ao modelo europeu traz como aporte subsídios estruturados com a intenção de consolidar no imaginário popular o fenótipo branco associado ao sucesso, afetividade, bondade e honestidade, já ao retratar indivíduos fenotipicamente pretos os associam ao fracasso, frieza, maldade, desonestidade (o arquétipo do malandro, normalmente retratado como trapaceiro). Tais referências foram introduzidas no cotidiano das pessoas, assim como esse processo de negação da população negra, ainda nos dias atuais, concretiza-se processo construído para garantir que as pessoas aceitem o espaço de subalternidade construído e constantemente reafirmado que esse é o papel que deve ser incorporado, introjetado e aceitado sem qualquer contestação. A exemplo disso, em Marília, inúmeras campanhas publicitárias são amplamente divulgadas com os marcadores que associam raça, gênero e classe ao lugar de inferioridade, garantindo assim, os privilégios atribuídos aos brancos. A exemplo disso a rede de supermercados Tauste em Marília utiliza propagandas (Figuras 25 e 26) divulgadas nas redes sociais que mostram nitidamente a construção desse imaginário.

Figura 25 – Promoção + de 1 milhão em prêmios



Fonte: site G1 - divulgada em 20/09/2019 as 9:52

Figura 26 – Campanha corrente do bem Tauste



Fonte: redes sociais Facebook - Tauste Supermercado divulgada em 09/12/2020 as 09:01

Estas figuras exemplificam os critérios estabelecidos para atingir o público alvo e de alguma maneira demonstrar como entendem os papéis sociais e lugares ocupados nas relações com a comunidade. Ao utilizarem essas referências explicitam a ideia de hierarquização étnica reforçada por induções publicitárias, assim como demonstrada nas imagens, as roupas utilizadas em cada modelo demonstram qual a relação que uma mulher branca e que uma mulher preta tem com o supermercado. Na Figura 25 exibe uma mulher branca, com cabelos soltos e lisos, com postura ligeiramente inclinada, posicionada o centro da imagem oferecendo destaque ao formato do seu corpo, utilizando vestuário formal e braços cruzados – para os fotógrafos corporativos essa pose representa status e poder⁷⁴. Entende-se que diante das pautas do movimento feminista desde a década de 1970 traz no bojo de sua formação o empoderamento e equidade às mulheres para que possam ocupar postos de trabalho de forma equânime e ganhar os mesmos salários, pois mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda não há equivalência salarial entre os gêneros. Para além disso, a representatividade da mulher no centro de uma propaganda reconhece e identifica o seu maior público consumidor, sendo assim, cria um diálogo com a intenção de estabelecer proximidades e identificação a partir do instante em que essa cliente se vê representada consumirá mais neste estabelecimento. Já quando se trata da mulher negra, posicionam no canto da imagem e o vestuário é justamente o avental usado pelos funcionários da empresa, além disso, está com os cabelos amarrados, regra determinada aos funcionários do supermercado, além do uso dos equipamentos de segurança. As mãos estão posicionadas uma sobre a outra como quando se pede permissão a alguém, a Figura 26 retrata a imagem de uma mulher que trabalha servindo com roupas simples e informal, ombros ligeiramente encurvados em direção ao solo.

A Figura 25 e a Figura 26 não dizem diretamente a intencionalidade ou a que propósito servem, mas explicita a mensagem construída a partir dos pressupostos ou conceitos discriminatórios repercutidos durante séculos. Notadamente, as duas imagens trazem conceitos distintos que evidenciam o posicionamento da empresa diante da diversidade identitária. De acordo com a mensagem passada por meio desta propaganda, caracteriza-se a mulher preta como alguém que tem que servir e esse é o lugar de subserviência que lhe cabe.

Analisando o contexto da construção da cidade de Marília e a forma como as representações racistas tem ganhado espaço, além de apresentar garantias de que esse

⁷⁴ AFINAL, braços cruzados em fotos oficiais é bom ou ruim?. **Instituto Wbr**, 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.universonaoverbal.com.br/post/afinal-bra%C3%A7os-cruzados-em-fotos-oficiais-%C3%A9-bom-ou-ruim>. Acesso em: 30 nov. 2020.

pensamento reverbera nas próximas gerações, ainda garantem que as crianças pretas sejam retratadas de forma pejorativa em relação as crianças brancas, assim como as mulheres brancas são empresárias visionárias, enquanto as mulheres pretas continuam como empregadas domésticas subservientes. A proposta de aproximar a empresa ao mercado consumidor através da ideia de empoderamento feminino, neste caso, reforçou os estereótipos e acirrou as questões relacionadas ao racismo, já que anulam a mulher negra enquanto ser plural, para disso, há o empenho em colocar a mulher negra em posição de desvantagens. Quando se fala em potencialidade feminina e equidade de gênero, nestes casos, exemplificados nas Figuras 25 e 26, mostra nitidamente que há necessidade em superar-se as representações racistas, pois diante de possíveis mudanças sociais quais são as garantias que a questão racial constará em pauta.

As plataformas virtuais, redes sociais e aplicativos tornaram-se um instrumento importante para a divulgação de grupos culturais que auxiliam na captação de recursos, exposição mundial do trabalho e muitas vezes a remuneração por trabalhos na mídia são pagos por meio das redes sociais, seja com crédito ou moeda virtual. As empresas por sua vez; utilizam-se desta ferramenta para expandir seus negócios e aproximar-se do mercado consumidor. Obviamente que as campanhas publicitárias abrangem o espaço cibernético, televisivo, além de painéis nas vias pública e diante disso, os objetivos que a empresa quer obter perpassam pela maior quantidade de público prospectado por meio das ações fomentadas pela propaganda do supermercado, sendo assim, os consumidores (inclui-se os moradores da maior e mais antiga favela de Marília Vila Barros) inclui-se neste processo. A negação de si, e o auto ódio está diretamente ligado ao como as relações se colocam no meio social, ou seja, podemos identificar a formação de sua identidade a partir de três momentos cruciais: como o indivíduo se vê ademais, como considera sua etnia a partir do que acredita, e como se assume e identifica; segundo ponto, como os outros o veem, ou seja nesta fase questiona-se a existência da identificação com a comunidade negra que esse indivíduo pertencente e como lida com esse grupo étnico, ou mesmo as outras pessoas pretas identificam-se ao mesmo que é identificado por esse indivíduo?; e ainda há um terceiro ponto importante, que refere-se a relação e proximidade deste indivíduo com a cultura preta e de que maneira traz em si essas características, e entende que a afinidade com os seus ancestrais, cultura, posicionamentos político está para além das questões imediatas, mas está relacionada ao sentido ontológico de ser, e entende que é essas ações muitas vezes são urgentes ao passo que sua própria sobrevivência depende de seus posicionamentos.

Dito isso, a construção da identidade desses indivíduos negros da Vila Barros está de certo modo, diretamente ligada a forma como a cidade os trata, como se veem nas propagandas

e como entendem que são aceitos a partir das suas origens. O levantamento censitário relacionado à questão racial mostra-se distante do que pode ser percebido durante a pesquisa de campo, pois, a partir da observação local, constata-se que há predominância negra, ainda assim ao combinarmos essa constatação visual ao processo histórico de ocupação da favela, majoritariamente composto por negros e migrantes das regiões norte nordeste do país, entendemos que há conflitos relacionados a auto identificação.

A tentativa de afastar-se do fenótipo preto pode ser percebida em diversas formas que, a princípio, parecem sutis, no entanto revelam o quão profundas são as marcas deixadas pelo racismo estrutural, refletido na Vila Barros. Comumente, observa-se mulheres, principalmente as mais velhas, alterarem quimicamente a textura capilar (por conta da manipulação improvisada de substâncias nocivas à saúde, muitas apresentam queimaduras no couro capilar, calvícies e alopecias), outras utilizam cremes que clareiam a tonalidade da pele e compram roupas similares as usadas por protagonistas de reality show ou novelas, que podem ser encontradas em revistas catálogos de entrega rápida providenciada pelas revendedoras das marcas mais famosas Hermes, Avon, Demillus, ou podem ser adquiridas no camelódromo da cidade, bastando solicitar a peça pelo nome da personagem ou celebridade.

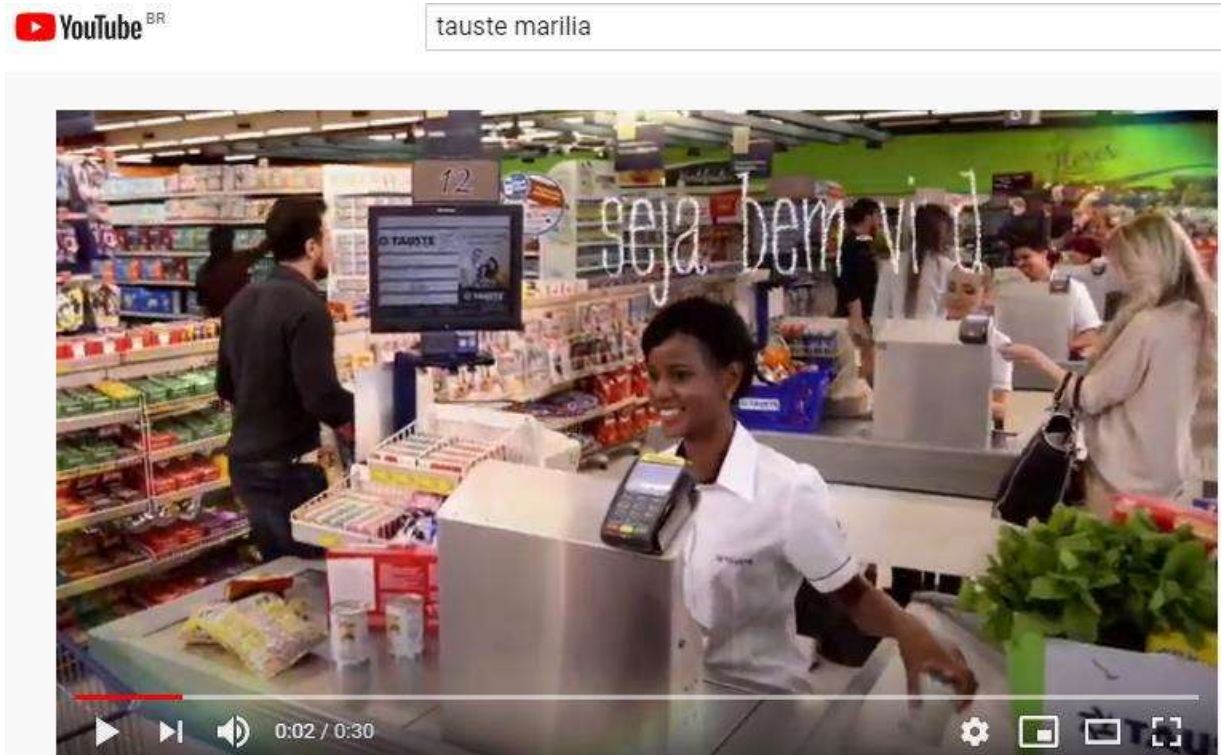
Durante alguns anos, o racismo estrutural vem sendo representado nas propagandas e publicidade de Marília, especificamente do Supermercado Tauste, que se empenhou em retratar os indivíduos negro em situações de subserviência, empregados em postos de trabalho com pouco prestígio e status social, sugestionando assim, a inferioridade dos negros em relação aos brancos e sua utilidade em apenas servir, como pode ser identificado nas Figuras 27, 27A, 27B e 27C.

Figura 27 – Balconista padaria do supermercado negra servindo a mão branca



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

Figura 27A – Atendente do caixa negra e todos os clientes brancos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

Figura 27B – Atendente do açougue negro servindo o cliente branco



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

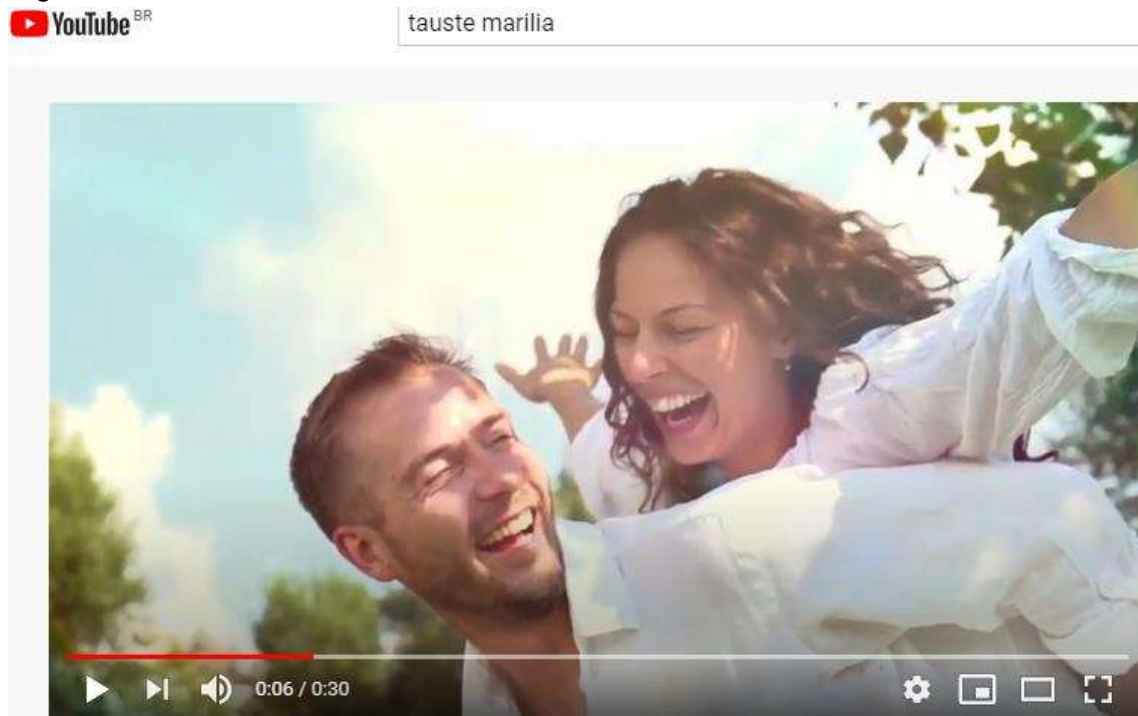
Figura 27C – Atendente negra carregando taboa com frios



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

Por outro lado, temos as Figuras 28 e 28A e 28B com a representação de pessoas brancas em situações diferentes das pessoas negras retratadas anteriormente.

Figura 28 – Casal branco ao ar livre



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

Figura 28A – Cliente branca fazendo compras



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

Figura 28B – Família branca ao ar livre



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6NeDuuxC30s>

As imagens foram extraídas do vídeo inauguração Tauste Sorocaba - Breve⁷⁵, tem duração total de 0:30 segundos e foram extraídas várias cenas em momentos diferentes para que tivesse a possibilidade de analisá-las, ainda assim foram organizadas a partir da enumeração por ordem crescente e ordem alfabética que mudará para a subsequente apenas quando mudar o tema. Esse vídeo institucional encontra-se divulgado no site do YouTube e demonstra indivíduos com traços negroides, utilizando o vestuário comum aos funcionários do supermercado, posicionados atrás do balcão de atendimento e durante o desenvolvimento do vídeo os negros atendem e entregam mercadorias a pessoas brancas posicionadas no lado oposto do balcão. Devido a essa disposição e ações observadas no vídeo pode-se inferir diversas interpretações e abranger os assuntos, no entanto, o foco dessa dissertação centra-se na construção identitária dos moradores da comunidade Vila Barros, sendo assim buscamos entender como as construções de arquétipos influem na vida desses indivíduos.

Dito isso, a intencionalidade do vídeo busca conquistar consumidores e clientes, definiu qual o público alvo, quando no vídeo institucional selecionou atores brancos para representar seus clientes, contrariamente a isso, os atores negros foram representar, exclusivamente, os funcionários. Outro aspecto que chama atenção são as representações exclusivistas, definidas e marcadas para determinar qual o lugar reservado a cada uma delas.

⁷⁵ Esta propaganda foi veiculada na rede de supermercado de Marília.

Em decorrência disso, o trecho do vídeo referente a Figura 27 exibe uma mulher negra, utilizando roupas padronizadas, toucas a fim de esconder seus cabelos (medidas de higiene e prevenção segundo as regras do departamento de segurança no trabalho) e concluindo o atendimento ao oferecer a mercadoria a/ao cliente representada por uma mão branca. Na Figura 27A consta uma mulher negra trabalhando como caixa, também uniformizada e neste mesmo cenário todas as pessoas representando os clientes são brancas. A Figura 27B apresenta um homem negro usando touca atendendo cliente branco, enquanto a Figura 27C exibe uma mulher que utiliza touca nos cabelos, avental carregando nas mãos uma bandeja de frios similar aos funcionários que oferece frios para degustação dos clientes, já a Figura 28 exibe um casal heteronormativo, utilizam roupas brancas e estão ao ar livre, cabelos soltos esvoaçantes, a Figura 28A exibe uma mulher branca, cabelos loiros e lisos, portando flores e utiliza uma camisa formal tom pastel, por fim a Figura 28 exibe uma família mononuclear⁷⁶, heteronormativa⁷⁷, branca, ao ar livre e criança ocupando o centro do cenário. A descrição detalhada se fez necessária para que pudéssemos identificar os pontos de maior aproximação entre as referências, dito isso, a diferenciação mostrada na forma de transmitir a mensagem influencia diretamente na compreensão de si e a forma como as pessoas negras se relacionam com o estabelecimento. Tais situações acirram o processo de inferiorização e o cenário propício para a manutenção dos privilégios aristocráticos.

No ambiente de trabalho as relações de subalternidade se colocam a todo instante, desde os trabalhos descartados por indivíduos brancos, sendo assim, os mesmos são oferecidos aos negros, até a classificação do fenótipo em anúncios de trabalho de forma velada, a exemplo da descrição das atribuições e por fim utilizarem a palavra “alto padrão”, temos determinadas “regras ou política interna de funcionamento”. Essa esfera hostil permanece cotidianamente no interior das empresas e espaços de trabalho, dificilmente os trabalhadores envolvidos rebelam-se, já que a sobrevivência depende dos salários pagos nestes espaços. Para muitos autores, os trabalhos domésticos remunerados são releituras dos trabalhos no período colonialista, pois muitas vezes as empregadas domésticas tem horas de trabalho estendidas sem pagamentos extras por ultrapassar o horário de trabalho, a precarização nas condições de acomodação dos empregados é análoga ao período escravocrata (pouca iluminação, umidade intensa, pouco espaço para movimentação), além da falta de registro e garantias trabalhistas.

⁷⁶ Família Mononuclear • Famílias formadas por mãe, pai e filhos.

⁷⁷ (do grego hetero, "diferente", e norma, "esquadro" em latim) é um termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade>

Sendo assim, entende-se que há necessidade em se repensar os processos que acirram os aspectos da segregação raciais, um povo mais consciente de si e engajado em entender-se como participante e agente transformador do processo histórico. O entendimento dos moradores da Vila Barros em relação a sua construção identitária e leitura de mundo sofre influência direta das ações que o coloca numa condição de subalternidade, ao mesmo passo que o enxerga como imprescindível para produzir riquezas destinadas ao abastecimento da classe dominante, importantes para servir, produzir as mercadorias a serem apropriadas pelas elites locais.

Os indivíduos atribuem determinada importância ao julgo coletivo e diante da tentativa de se ajustar socialmente estratégias de toda sorte foram empenhadas, algumas inclusive com a anuência e financiamento estatal. A política de mestiçagem trazia polos antagônicos acerca da mistura de raças para diluição da marca africana no território, além disso, muitos utilizaram instrumentos da arte e literatura para repercutir e instaurar a hierarquia entre as raças como principais.

Para que possa construir novos pilares que fundamente uma sociedade contra o racismo, há necessidade que ele se pense dentro de processos antirracistas, utilize as inovações tecnológicas, a educação para promover melhora econômica, mudanças sociais e uma maior participação política. O engajamento para formulações de currículos antirracista, canais de denúncias que entenda a dinâmica da cidade. A presença majoritária de negros nos espaços torna-se importante para a ampliação da representatividade e ocupação em postos de decisão juntos as instituições, pois há necessidade de se promover condições dignas e que garantam a equidade nas propagandas publicitárias, além da busca por fomentos e programas voltados a formação política e cidadã, combinadas a promoção de políticas públicas e ações afirmativas.

Como ponto de partida importante para a condução de políticas antirracistas pensadas ao longo do século XX, diversas teorias foram refutadas, parte das teorias que foram utilizadas vieram com propostas para a desconstrução das verdades absolutas reverberadas e fomentadas pelas iniquidades sociais, devido os enfrentamentos vividos pela população negra, que ainda não a libertaram totalmente do pensamento construído e difundido durante o século XIX.

As concepções que defendem a hierarquia das raças (superiores e inferiores) tomaram força, para que o Brasil melhorasse havia necessidade em ter certa prevalência, e adotou-se a políticas de branqueamento, que depois foi alicerçado pela vinda dos imigrantes europeus e asiáticos. Para que esta política fosse empenhada, pensou-se no financiamento para vinda destes imigrantes, a criação de sociedades e associações com empresários, personalidades poderosas e latifundiários como protagonistas neste processo, e, sendo assim, garantir a continuidade do financiando do projeto dos imigrantes ao Brasil. A sociedade atual apresenta o trabalho

assalariado, o olhar voltado a equidade democrática socioeconômica e a participação política e cidadã. Uma sociedade republicana contribui em construir caminhos sólidos para a manutenção de conquistas e direitos sociais.

3.2 Racismo Ambiental

Desde o processo de desenvolvimento industrial, concomitante ao crescimento das cidades, intelectuais e a comunidade científica debruçam-se sob as questões ambientais, com a finalidade de compreender as mudanças sociais e os contextos políticos que a sociedade apresenta ao longo de sua formação. Com o fortalecimento dos movimentos reivindicatórios, em meados de 1960, sob a influência de líderes mundiais Martin Luther King (1929 - 1968), Al Hajj Malik Al-Shabazz, conhecido por Malcom X (1925 - 1965), a influência dos Panteras Negras (1966 - 1982), Steve Biko (1946 - 1977) na África do Sul, Lélia Gonzalez (1935 - 1994) no Brasil e tantos outros, o movimento negro fortaleceu-se e impulsionou internacionalmente organizações negras pulverizadas pós-diáspora.

A partir da organização dos movimentos reivindicatórios, sistematiza-se pautas que questionam os entraves econômicos, acesso a políticas públicas e o fomento de investimentos socioambientais, que afetam principalmente a comunidade negra, que ocupa os espaços historicamente segregados e aponta os desdobramentos das disparidades sociais. As principais demandas consistem em reivindicar políticas ambientais específicas, representatividade nas discussões ao longo do tempo, ademais, questionam quais são os reflexos dessas ações nas comunidades periféricas, majoritariamente negras.

Benjamin Franklin Chavis Jr., destacou-se durante a articulação política ao lado de Martin Luther King, participou da marcha do milhão e liderou manifestações importantes do movimento negro estadunidense. Além disso, empregou pela primeira vez a expressão racismo ambiental que, segundo ele, consiste em efetivar a discriminação racial por meio das políticas ambientais, a exemplo da instalação de indústrias e lançamento de rejeitos tóxicos nas comunidades negras, e seus mananciais ou vias de abastecimento. Para além do silenciamento institucional, há sanções oficiais que tutelam e garantem a continuidade destas práticas que evidentemente ameaçam a vida dos moradores. O racismo ambiental configura-se com maior veemência nos países pobres, que apresentam determinadas fragilidades de articulação da população negra, inconsistência do debate político acerca do racismo ambiental, investidas ao descrédito e silenciamento dos pesquisadores, assim como, militantes que integravam o movimento negro.

Segundo Chavis Jr., após a implementação de políticas ambientais restritivas a situação dos países mais pobres agrava-se, pois seriam foco do despejo de inúmeras cargas com rejeitos tóxicos, oriundos das grandes indústrias, além de atividades poluentes. Pode-se pensar em generalizar o foco desta ação a comunidade pobre em geral, no entanto, o que se trata aqui são práticas discriminatórias que além de exterminar a população negra ocupante deste espaço, inviabilizam a presença de pessoas negras nos principais grupos de discussões e posições decisivas em relação as políticas ambientalistas. Outro autor importante é Kenule "Ken" Beeson Saro-Wiwa, que liderava o movimento de sobrevivência do povo Ongoni contra a degradação ambiental das terras e águas da Nigéria usurpada pelas indústrias petrolíferas. Outra contribuição importante de Joan Alier, que ressalta aspectos importantes do ecologismo, protagonismo feminino, além de relacionar a atual sociedade do consumo capitalista além das relações de produção que o ecologismo dos pobres traz como perspectiva para as lutas ambientais nos países subdesenvolvidos.

De acordo Bullard (2005), mobiliza-se elementos importantes que fomentam o debate acerca da dicotomia entre a justiça ambiental e o racismo ambiental, segundo ele trata-se da correlação direta entre a exploração da terra e a degradação de pessoas, mas dista-se das especificidades que atinge a comunidade negra, historicamente prejudicada por este processo.

De forma geral, os indígenas são a parte da população que se defrontam com algumas das piores formas de poluição, entre elas a do mercúrio usado nos garimpos e as populações marginais que vivem perto dos lixões e aterros sanitários, incineradores e de outros tipos de operações perigosas praticadas pelas empresas mineradoras. A poluição industrial se manifesta também no aleitamento materno das mães das grandes cidades como São Paulo ou Nova Iorque. (BULLARD, 2005).

As principais linhas teóricas contribuíram para construir caminhos históricos determinados por referenciais depreciativos direcionados aos negros, que estão longe de serem uma realidade equânime, a exemplo dos países que passaram pelo processo de neocolonização nos séculos XIX e XX, contribuindo para consequências desastrosas enfrentadas por seus descendentes. Autores positivistas como Cesare Lombroso (1835 - 1909) contribuiu para a interpretação criminológica a partir dos traços fenotípicos, que determinava por meio dos traços, geralmente negroides, as tendências à marginalidade, às psicopatias e até mesmo a tendências subversivas, sejam através da medição do crânio, formato nariz ou atitudes consideradas “delinquente” que poderiam aproximar os indivíduos à marginalidade. Outro autor contemporâneo, Arthur Goubeineau (1816 - 1882), em sua obra “*As desigualdades das raças humanas, 1835*”, trabalho pioneiro sobre a eugenia no Brasil, segundo o qual as relações

interraciais estariam fadadas ao fracasso nos aspectos física e intelectual, pois acreditava que superioridade e pureza branca.

As literaturas contemporâneas, apesar de salientarem a relevância de autores positivistas, alertam para as limitações de análise contida nas obras, obsolescência conceitual e necessidade em ressignificar concepções ideológicas que cancelaram o racismo e o definiram como legítimo. Diferentemente das impressões imediatas e pouco aprofundadas, os paradigmas etnocêntricos distam de estar relegados ao esquecimento, facilmente constatado em tempos de fragilidades políticas e instabilidade democrática. A exemplo dos movimentos nacionalistas de extrema direita, também as organizações eugenistas resgatam e instrumentalizam as linhas positivistas, que se mostram atrativas e convenientes à manutenção dos interesses das classes hegemônicas. Há necessidade em se estabelecer certos distanciamentos narrativos, a fim de desnaturalizar determinadas ações, como racismo ambiental.

Sendo assim, o racismo dificulta o diálogo e cria fronteiras tangíveis e simbólicas, a oposição composta pelo entendimento do ser branco (bom, passível de credibilidade imbuídos de confiança). O paradoxo descrito em polos antagônicos afere aspectos negativos a indivíduos negros, formulam estigma incrustado nessas trajetórias, mostrando que a cor da pele se tornou um elemento fundamental para o processo de estereotipação, importante para a manutenção da estrutura racista, que se distanciam dos discursos que prioriza a pluralidade cultural, acesso a espaços de decisões políticas e histórica, geralmente resulta no acirramento da criminalização negra, a sua desumanização. Sobre esta questão, Sueli Carneiro diz que:

São produto de algum momento dessa luta permanente, à qual as pessoas negras estão condenadas para assegurar o direito à vida, sempre ameaçado, para alcançar a igualdade de oportunidades de direitos, sempre negados; para ter o direito a uma representação justa e para alcançar reconhecimento e justiça social. (CASTRO, 2019)

Tomando como ponto de partida as abordagens imediatas, incorremos em alguns equívocos ao acreditar que o Estado não está presente em locais periféricos, favelas e comunidades segregadas, ao contrário disso, há presença do Estado na forma mais truculenta e danosa possível. Existe intencionalidade em naturalizar-se as perseguições, torturas, assédios e outras ações violentas promovidas em locais periféricos, facilitando a crença da não presença no território, no entanto há necessidade de questionar esse tipo presença e sua finalidade. As representações ostensivas das suas instituições marcam o território, a exemplo das ações policiais em comunidades periféricas, a precarização dos posto de saúde, a convivência para instalação de indústrias poluidoras, a assistência social restrita, além de escolas margeando os córregos, geralmente invadida por ratos e afetada com os alagamentos, eis as formas de

representação refinada da presença do Estado na sua versão mais violenta, sucateadas, obsoleta e limitadas, onde aspectos qualitativos são suprimidos para que volte-se a iniciativa privada, desonerando então as agências públicas.

Ao discutirmos a instauração do racismo ambiental entendemos que tais ações, baseiam-se na estrutura necropolítica, que determina quem vive e quem morre, há a escolha deliberada acerca das trajetórias, primeiramente ocorre a morte social e posteriormente, a morte física. Por meio dessas ações nega-se a humanidade desses moradores, retiram-lhe a dignidade, e os expõe ao mais refinado grau de incertezas e descrédito diante das instituições. Segundo Mbembe (2018) os lugares subalternizados são costumeiros cenários para a atuação da necropolítica, há nítida licença para matar onde concentra-se a maior densidade de população negra, contrariamente do que ocorre nos espaços elitizados.

A instrumentalização da necropolítica no território traz como pano de fundo articulações importantes para instauração do racismo ambiental, racismo estrutural e nulidade das ações coletivas. O racismo ambiental apresenta-se na sofisticação desses artifícios, com a finalidade de invisibilizar os sujeitos, ademais suprir e engessar as suas potencialidades, acompanhados por uma estrutura que garante essa intencionalidade, e finalmente o intuito dessas políticas centram-se em calar, suprimir, aniquilar qualquer forma emancipatória dos sujeitos ao se reconhecerem ou mesmo ter ciência das possíveis articulações.

Tal realidade dista-se de qualquer passividade ou conformismo comunitário, pois o coletivo reivindica seus direitos junto às instituições, apesar de todos os artifícios para marginalizá-los. A presença de condomínios fechados trouxe maior visibilidade o bairro, além de ocupar os espaços nas mídias, diante disso pensa-se projetos e ações conjuntas para impulsionar os movimentos populares com representatividade para além da falha geológica.

Pensar a superação do racismo ambiental consiste em articular a comunidade para além dos enfrentamentos pontuais e imediatos, deve-se ressignificar as subjetividades, redefinir o olhar e identificar as potencialidades que a favela abarca, incentivando narrativas plurais, afinal vidas negras e periféricas importam.

Desde o rompimento oficial com a exploração compulsória da mão-de-obra negra, a maior parte da população ocupou espaços improdutivos em morros e cortiços. Em decorrência disso, a única possibilidade para a manutenção da sobrevivência deu-se através da improvisação de moradias, diante da ausência de políticas públicas ou subsídio destinado aos negros livres era impensável.

Além da instauração do racismo estrutural, percebemos a que o racismo ambiental se constituiu concomitantemente ao desenvolvimento econômico e social, a população negra foi

invisibilizada no desenvolvimento industrial, foram as principais vítimas das práticas ambientais criminosas consentidas pelo poder público.

A escassez de debates voltados à problemática do racismo ambiental tornou-se conveniente, pois existem interesses hegemônicos imbricados nessas relações e, diante da passividade crítica, a hierarquia racial permanece intocada. A exemplo dos movimentos reivindicatórios dos Estados Unidos, a generalidade do termo justiça ambiental não daria conta das ações discriminatórias destinadas a população negra.

A construção de um conjunto habitacional, majoritariamente negro (cerca de 75%), em regiões de contaminação do solo foi uma ação propositada e intencional, que reafirma as estruturas racistas cunhadas historicamente, sendo assim, a definição racismo ambiental expressou as demandas negras.

De acordo com os dados do IBGE, comparativamente, a população cidade – campo expressa: 87% dos habitantes são de área urbana e 13% dos campos, já o mapa de racismo ambiental elaborado pela professora Tania Pacheco aponta que existe cerca de 571 conflitos relacionados ao racismo ambiental. Conflitos como da Ilha da Maré (BA), que envolve a construção do Porto Aratu, Aracruz Celulose em Espírito Santo, moradores da Baía de Todos os Santos, além da construção da Barragem de Brumadinho, interferem diretamente na lógica de ocupação do espaço, discriminação por meio da nulidade das demandas locais, além de omitirem qualquer intervenção para minimizar os efeitos danosos a saúde e bem estar comunitário.

O conceito racismo ambiental carrega imbricado em si os marcadores sociais, essas representações criam significados distintos e conforme o envolvimento e engajamento de movimentos reivindicatórios, voltados a transformação das coisas, ganha-se ou perde-se visibilidade. Essa determinação está diretamente ligada às narrativas hegemônicas, formulações que representem determinado grupo social, em detrimento de outros, ótica eurocêntrica consenso entre normalidade e anormalidade, a exemplo da padronização do homem, branco, heterossexual e os indivíduos que não corresponde a este padrão são lidos como desviante, rotulados como adjetos e tornam-se excluídos socialmente. Assim acontece com os moradores da Vila Barros, vizinhos atribuem a eles os roubos, condutas violentas, córregos mal cheirosos, enchentes, descarte inadequado de lixos, além da poluição visual do bairro.

Ainda assim, podemos relacionar a raiz desta questão por meio dos marcadores sociais resultantes da desumanização negra repercutidas do século XIX, as inquietações sentidas diante das incertezas e ameaças da construção de certas subjetividades pode relacionar-se com o racismo ambiental, ou seja, as marcas produzidas pela diferenciação social estabelecem lugares

distintos entre os sujeitos, configurada por uma estrutura social em que prevalece hierarquias hegemônicas.

Para negar a essa realidade o caráter de Racismo Ambiental, teríamos que deixar de lado bem mais que nossas críticas às condições de saneamento, acesso à água potável e à coleta de lixo, à falta de equipamentos urbanos adequados, incluindo escolas e postos de saúde, e aos sempre presentes riscos de deslizamentos ou de contaminação química, entre outros, que caracterizam esses aglomerados populacionais. Muito mais que isso, teríamos que esquecer a História. (PACHECO, [2017]).

Ainda apoiada nesta discussão existe a necessidade de se questionar, em grande medida, a ocupação negra nos espaços, problematizar historicamente este processo, além de mapear as manobras e estratégias impeditivas, que muitas vezes o desenho dessas subjetividades aparece camuflados e diluídos pelo “emaranhado de sutilezas” (Nascimento, 1978) e o comportamento amplamente difundido pelo “pacto do narcisismo da branquitude” (Bento, 2002). A estratégia de delimitar os espaços e marcar simbolicamente como espaços brancos, deixa subentendido quais são os posto e quais são os lugares que negros podem acessar e, mais que isso, em quais lugares permanecer.

Para Hall (2006), quando negros conseguem ocupar os espaços, há o contraste explícito no ambiente, proporcionando determinado desconforto e constrangimento aos brancos, muitas vezes, desacostumado com a democratização dos espaços com indivíduos negros, situação essa, propícia para a negociação permanente acerca da ocupação dos espaços que se tornou corriqueira, assim como relatado por alguns moradores Vila Barros que são descartados dos empregos quando dizem que moram na favela.

O entendimento do corpo negro, na ocupação do espaço, traz consigo um histórico social para a construção de si que não fora formada exclusivamente por ele mesmo, ou seja, as percepções formativas perpassam por subjetividades brancas, que trazem referências calcadas nas relações de subalternas, racializadas, de manutenção dos interesses, de privilégios sociais, do status quo, e das garantias econômicas que favorece e viabiliza o processo de racismo ambiental.

As estratégias para a efetivação do racismo ambiental, muitas vezes contam com os veículos de informações, literaturas, igualmente as relações que acontecem no meio social retratam o corpo negro com repulsa, assemelhando-os ao execrável imaginário configurado pelas práticas etnocentristas, desde o século XIX, e seus resquícios são vividos na atualidade. Contrariamente a este fato, as inferências voltadas ao corpo branco, os valorizam intelectualmente e os padrões são elevados a máxima expectativa. A atribuição moral corrobora para a construção de representações que definem a pureza como branca, o padrão de beleza

caucasiano, pensamento científico eurocêntrico, referências e aproximações às questões angelicais, quando citadas ou retratadas pessoas brancas (facilmente identificado nas literaturas, certas mídias e livros didáticos).

As abordagens que enfatizam as identidades estereotipadas podem desenvolver o auto ódio nos indivíduos negros além do afastamento e compreensão de si. Gomes (2002) aponta que as reproduções estereotipadas referente a inferiorização do corpo negro assemelha-se ao regime escravista que justifica a reificação do homem negro, encobrindo as questões econômicas e políticas. Neste contexto, o autor ainda aponta as características descritivas que tem a finalidade de marcar e inferiorizar culturalmente negro, como coisificar os indivíduos negros de determinada maneira, para justificar a degradação dos espaços, políticas públicas insuficientes, em certa medida tentam anular os qualquer potencialidade dos espaços de resistência e aproximá-los ao corpo branco europeu, o que serviu para formular um padrão de beleza, saúde e virilidade, tais situações perseguem grupos étnicos até os dias atuais.

Para entender a construção da identitária negra há necessidade em aproximar-se das reflexões acerca da hierarquização social, pois está dentro do processo construção social. Além disso, o imaginário coletivo influencia diretamente nas relações entre negros e brancos da sociedade brasileira. A questão do pertencimento e o reconhecimento faz parte de um processo no qual o imaginário social étnico racial negro diferem do grupo racial branco, paradigma de inferioridade que se contrapõe ao exótico ou ruim a superioridade, universalidade especificações para o branco. As intenções e desenvolvimento deste tema desnuda a necessidade de fomentar alternativas que tenham ação direta sob as iniquidades sociais, por meio de políticas públicas e tomadas de ação ante o racismo ambiental.

Capítulo 4 – Necropolítica e suas facetas

Neste capítulo faremos uso dos registros presentes no diário de campo com as primeiras impressões colhidas em campo, a opção por utilizar este recurso tem a finalidade em traçar uma linha coerente entre as primeiras colidas em campo e a atual perspectiva. Esse exercício alinha-se com a proposta metodológica desta pesquisa, além de oferecer o parâmetro geral acerca dos passos de desenvolvimento e maturação do trabalho.

Dentro deste contexto, além dos relatos, há necessidade em aproximar as questões colhidas e observadas a conceitos que aludem o cotidiano da favela, um deles é a necropolítica. Um dos temas mais debatidos desde o final do século XIX são as relações de poder e o caráter empregado neste paradigma. Segundo o autor camaronês Mbembe (2018), a autonomia individual e a busca pela liberdade trazem o conceito da morte presente nela, ainda assim, tendo em vista que a soberania tem como expressão de continuidade o poder e a capacidade de decisão sob aqueles que merecem que suas vidas sejam preservadas e quais são passíveis de morrer.

Na necropolítica, o poder está relacionado a capacidade de decisão de quem morre e de quem vive. Sabemos que o cotidiano está repleto de disputas por poder e quanto maior a influência de decisão e soberania sob os outros, melhor é sua posição social. Dito isso, a favela da Vila Barros constituiu-se em um campo de disputas, afirmação do poder e que determina o campo de influência e domínio. Neste sentido, existem diversas marcas para tutelar essa hegemonia, a partir das conquistas simbólicas e os elementos de diferenciação. A exemplo de bens exclusivos (como carros, joias e imóveis), domínio bélico e/ou armamentista, poder aquisitivo e a conquista do poder de comando (seja por meio da hereditariedade ou confrontos vencidos ao longo do tempo).

O poder soberano torna-se inquestionável quando há a correlação de elementos materiais e subjetivos, pois a estabilidade no processo de mandos e desmandos está diretamente ligada a legitimidade que os aliados aferem e garantem a sua estabilidade e permanência neste lugar de soberania, assim define-se o que é passível de descarte ou que pode ser validado. Vale salientar que essa discussão, apesar de trazer conceitos desenvolvidos pelos clássicos das ciências políticas Nicolau Maquiavel, Vico e Gramsci, tornou-se tema recorrente a conjuntura contemporânea e estudos que abordam a relação estrutural entre o Estado e políticas públicas.

A intenção aqui é estabelecer um paralelo, ou melhor, “ligar as pontas” tecidas neste texto, o empenho em criar aproximações entre as particularidades da Vila Barros, descritas durante o passeio pelos capítulos contidos nesta dissertação, e as facetas da necropolítica tem como pressuposto seguir a rigor a proposta metodológica sugerida inicialmente, já que neste

contexto inevitavelmente há o movimento de análise micro e macro espacial, necessária para entender os contextos sem descolar da realidade vivida ali.

4.1 “Tá tranquilo, tá moiado” – A ação do Estado na Barros e seus reflexos

Durante o processo de pesquisa, foi identificada a presença do Estado no cotidiano da favela, em diversas formas de intervenção precarizada, apresentadas por meio das instituições, influenciando determinantemente nas dinâmicas e nas ações que foram apontadas e refletidas na construção da identidade dos indivíduos. Por meio dos registros, entrevistas, imagens, conversas e tantas outras estratégias, essas ações foram discutidas e apontadas no corpo desta dissertação. Os relatos a seguir referem-se à observação em campo que foram construídas ao longo do trabalho, sistematicamente registrado em um diário etnográfico, após o regresso a cada investida ao campo, que aconteceram aos finais de semana, muitas vezes aos feriados que compreenderam os anos de 2006 à 2008 e posteriormente, em 2019, a escrita do diário normalmente era apontada imediatamente após a saída diária no campo, frequentemente algumas indicações durante o trajeto no transporte público (para evitar esquecimento de algum detalhe) e complementada nos momentos de estudos.

A publicação dos registros tem o intuito de compartilhar as etapas seguidas para a construção do trabalho e a identificação de transformações sofridas no território e os impactos refletidos no todo. Sendo assim, algumas partes específicas do diário foram exploradas nesta pesquisa.

Primeiro dia...

Quando cheguei em Marília, não me encontrei na universidade, me senti deslocada, não tinha os mesmos costumes dos outros estudantes e além de não conseguir me enturmar.

Senti uma dificuldade em desenvolver pesquisas referentes à questão teórica, mesmo porque a minha intenção sempre foi estudar questões comuns ao cotidiano.

Resolvi em um final de semana de 2005 conhecer Marília, fui até o terminal de rodoviário urbano da cidade e iniciei a conhecer a cidade. Andei bastante de ônibus, já que não pagava integração e minha condição de estudante não me permitia gastos com condução.

Conheci todos os itinerários, no entanto não desci do ônibus. Com o auxílio dos cobradores e motoristas fui conhecendo os bairros, as histórias e a “fama” de cada região.

Quando conheci a Vila Barros, me encontrei percebi que ali estava o motivo da minha inquietação e mais do que isso, ali estava o que eu procurava quando ingressei na universidade.

Resolvi descer do ônibus apesar da relutância do cobrador, me alertando que ali era um lugar muito perigoso “uma bocada”, que eu estaria correndo risco de morte se ficasse por ali. Apesar de todo receio dos meus novos amigos (cobrador e motorista) desci, e fui andar pelas ruas da Vila Barros e conhecer o cotidiano na favela.

Era domingo - estava quente ainda - apesar do entardecer, cerca de 18 horas, tinha muita gente na rua, particularmente homens adultos. Uma fileira de carros bloqueava a passagem, apesar de ficar um pouco receosa com os olhares e os cochichos entre eles permaneci na minha caminhada, eis que um homem -posteriormente descobri que se chamava Bagdá (um dos homens mais respeitados da favela – assassinado recentemente) me interpelou com questionamentos de caráter investigativos. Ele queria saber porque eu estava lá, aonde ia, quem eu conhecia na favela e onde eu morava. Tentei explicar que estava ali para conhecer o lugar e estava a fim de desenvolver uma pesquisa, pois sentia a necessidade em se discutir assuntos sobre a região e entender as contradições expressas ali. Na verdade, ele não se convenceu com essas explicações, perguntou se eu era do Conselho Tutelar ou mesmo informante da polícia. Neste momento senti necessidade em abrir o jogo mais agressivamente, pois essa explicação “suave” não fazia sentindo precisava criar um elo de aproximação tinha que sensibilizá-los para que eu sáísse da favela segura e com a certeza que voltaria para casa com vida, pois estavam armados e tensos – e eu mais ainda!

Resolvi contar a minha trajetória até o ingresso à universidade (rapidamente, pois o momento não permitia firulas academicistas), disse que eu também morei em periferias em São Paulo (Jardim Mitsutani, Valo Velho, Ipiranga, Taboão da Serra e Jardim Nossa Senhora do Carmo -Zona Leste) e pelo que me constava até o momento ninguém escrevia ou estudava as questões periféricas. Disse que ninguém melhor do que uma moradora para contar nossa própria história.

Bem, depois de tudo isso ele já estava irritado de me ouvir falar, disse para eu “queimar o chão” pois os “gambés” já estavam por vir, então fui embora, antes de ir perguntei se eu poderia voltar, então ele disse sim, mas que fosse em um horário cedo (aí

eu percebi que de fato precisaria adotar algumas posturas que preservassem a minha segurança e a continuidade do trabalho formulei, junto com meu orientador, uma postura de trabalho pautada em uma rotina, e condutas que possibilitaram a conclusão deste trabalho).

Fui depressa para o ponto de ônibus – na verdade quase corri, mais aliviada e bastante confusa, não sabia ao certo o que estava acontecendo. Felizmente minha condução não demorou, e então sentei no banco do ônibus, próximo ao cobrador e então engatei um papo.

Durante a conversa me senti à vontade para perguntar se tinha acontecido algo diferente na favela naquele dia. Expliquei tinha acabado de sair de lá e me deparei com a suspeita de moradores que me olhavam ressabiados.

Então, o cobrador me explicou que houve um tiroteio que durou bastante tempo e que houve algumas mortes. Não me mostrei surpresa, para que a nossa conversa não fosse rompida. Bem, voltei para a moradia estudantil, pensativa.

No dia seguinte...

No domingo levantei animada e fui para a Vila Barros, cheguei ao meio dia, a favela estava a todo vapor, pois era dia de campanha de vacinação. Os postos eram improvisados em cadeiras e mesas plásticas na rua, próximos a figuras de candidatos a vereador (muitos envolvidos com crimes de pedofilia, corrupção, e homicídios), achei no mínimo interessante...

Andando pelas ruas debaixo daquele sol escaldante vi várias crianças descalças jogando futebol nos campinhos improvisados, com uma bola também improvisada (na verdade quase tudo por lá é improvisado). Muitas crianças corriam pelas ruas em zigue-zague - simulando aviões, outras duas crianças passeavam em cima de um cavalo, havia muitos cachorros pelas ruas, mulheres sentadas nas calçadas olhando cabeças de crianças, fazendo as unhas. Os homens concentravam mais nos inúmeros botecos espalhados pela favela, enquanto passava percebi que as mulheres sentadas nas calçadas me olhavam e faziam comentários entre elas, provavelmente sabiam que eu não era de lá.

Resolvi pedir algumas informações para as mulheres, primeiramente comecei perguntando onde era a favela da Vila Barros (no começo da avenida Salvador Salgueiro) elas me respondiam que a favela era mais pra frente, depois da curva, decidi ir até o local indicado, chegando lá, perguntei a uma moradora onde ficava a favela então respondeu dizendo que era no começo da rua de onde eu havia acabado de descer...Fiquei bastante confusa, mas depois

de pensar como as pessoas se reconhecem e entender o fenômeno de estigma, preconceito e segregação proferido aos moradores de favela, entendi os motivos para tal ocultamento.

Posteriormente decidi mudar de tática (já que esta não me aproximava das pessoas). Como vi muitas meninas com os cabelos trançados, perguntei as moradoras onde ficava a mulher que trança os cabelos, então consegui diversos nomes, várias indicações e mulheres concorrendo entre elas pela cliente.

Consegui o contato da Dona Helena que nem estava na calçada, e ela foi a minha escolhida, para não causar mais conflito entre as mulheres que me deram a informação. Fui até o local indicado, chegando lá fui atendida pelo seu filho que conversamos bastante, ele disse ser atleta, e muito esforçado. Disse que a mãe estava em um lugar muito próximo a casa dele, era só esperar uns 3 minutinhos para ele vestir a camisa e me levar até lá. Fiquei bastante receosa, pois estava em um lugar desconhecido e as pessoas percebiam que eu era de fora.

Finalmente chegamos até a casa onde estava a Dona Helena, parei no portão e o rapaz disse para eu descer (literalmente, pois o terreno era íngreme). No quintal vários cachorros, muitos corroidos pela sarna, com carrapatos. A presença dos ratos era presente, pois jogavam comida para as galinhas e os ratos disputavam os restos.

Conheci a Dona Helena, e toda a sua família que prontamente colocaram uma bacia de quibe para ser enrolado para a festa que estava convocada para participar (detalhe: não sabiam o meu nome, nem mesmo o que eu tinha ido fazer lá). As pessoas conversavam assuntos relacionados a família, a festa, e a expectativa para juntar todos.

Quando menos esperava fui questionada quanto o trabalho, minhas ocupações, e como era “mundo universitário”. Conte algumas experiências na universidade e as diversas oportunidades dentro da universidade, alguns adolescentes ficaram empolgados e queriam saber como fariam para ingressar na faculdade, então começamos a conversa sobre o acesso à universidade.

Em meio aquelas paredes úmidas, os blocos pretos de tanto bolor, cachorros sarnentos, ratos por todo lado, água armazenada em baldes, cheiro de esgoto a céu aberto, falatórios, senti muito bem aceita, sentia algo prazeroso, mesmo diante de tanta precariedade, estava feliz em estar tranquila e perfeitamente inserida no ambiente festivo.

Tentava entender por que aquelas pessoas me receberam tão bem, abriram as portas de suas casas, na verdade ela (dona Helena) não precisava me receber, mas tinha algo no ar que eu não sabia, mas tal solidariedade me aproximava das pessoas e me fazia entender qual é a dinâmica nesta favela.

À tarde já se findava, estava preocupada com o horário, então resolvi dar uma desculpa e pegar o caminho de casa. Depois de enrolar quibes, beijinhos, brigadeiros, ajudar a confeitaria o bolo, decidi ir para casa, mesmo diante de tanta insistência.

O filho dela me levou até o ponto de ônibus e sempre olhando para o chão me cumprimentou perguntando quando eu voltaria a casa deles, eu prontamente respondi: - semana que vem! Este dia foi o começo de uma duradoura amizade entre mim, e a família de Dona Helena, então fui para Moradia estudantil onde a realidade é bem diferente.

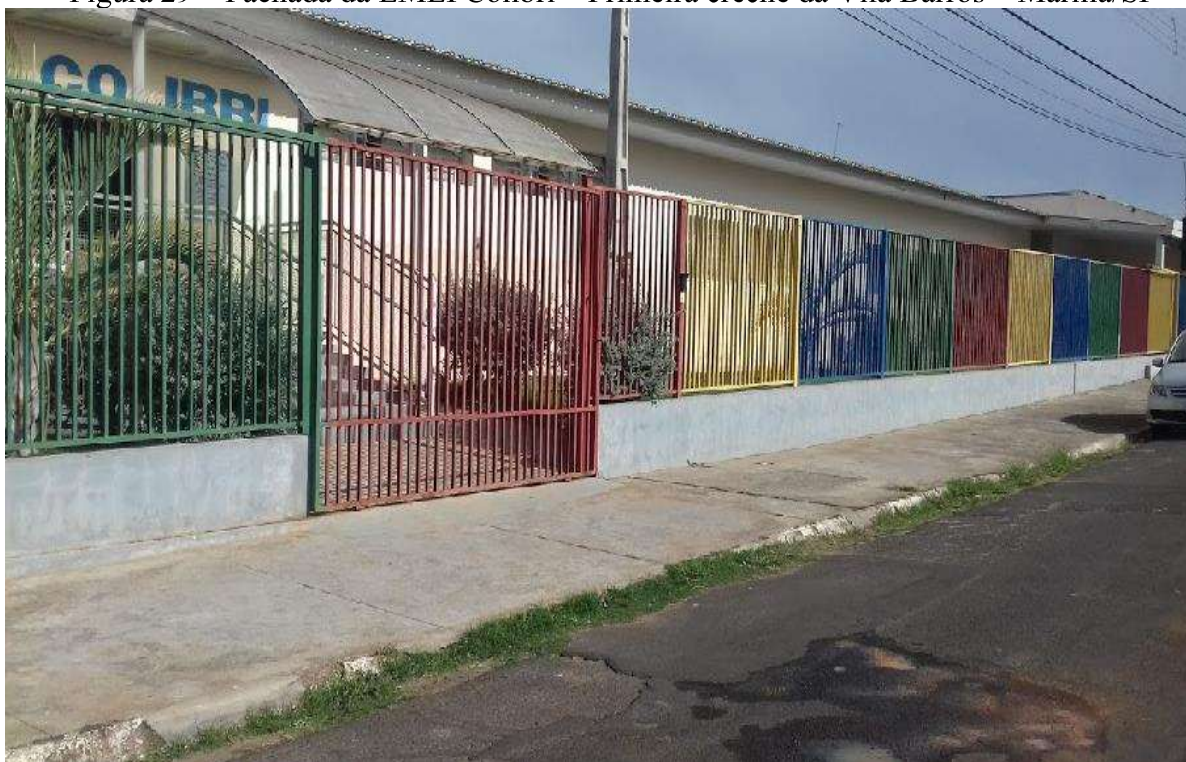
...

Em 2019, após o retorno à Vila Barros, o cenário encontrado mostrava-se diferente daquele descrito anteriormente, as casas diferem das confeccionadas com madeiras ou sucatas, agora se via na Rua Salvador Salgueiro poucas casas improvisadas, a maioria construída com alvenaria, as famosas carroças já não compunham a paisagem, ao invés disso, muitas garagens apresentam automóveis e portões de materiais que ocultam o interior das casas. Dessa vez, durante o campo, não houve a interpelação ou interrogatório feito por moradores ou mesmo agentes públicos.

O retorno ao campo foi marcado por reencontros (os antigos carroceiros lembraram-se do meu ingresso à universidade, saudaram os velhos tempos com longas conversas e retomada de memórias). Durante a compreensão dessa nova favela, as observações que insistiam em saltar aos olhos centram-se na modernização dos estabelecimentos, tais como bares, lanchonetes, a construção de uma creche.

A creche (Figuras 29, 30 e 31) é a principal conquista das mães da favela da Vila Barros, já que esta era uma das principais reivindicações e demandas locais, e está localizada onde anteriormente o espaço era ocupado por um campo de terra para práticas de lazer, conforme relatado no início do diário. Esta conquista representa a garantia do direito à educação infantil formal, bem como o acolhimento das crianças enquanto as mães trabalham.

Figura 29 – Fachada da EMEI Colibri – Primeira creche da Vila Barros – Marília/SP



Fonte: Fotos tiradas pela autora. Jun. 2019

Figura 30 – Placa de inauguração da Sala de Amamentação para as mães lactantes



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

Figura 31 – Sala de amamentação na creche



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

Observando a dinâmica dos moradores da Vila Barros durante a pesquisa de campo, tornou-se nítida a compreensão de que o ato de repensar a formação da favela também reforça a ideia de repensar a si próprio, ou seja, a favela não está distante de quem a ocupa, cada um carrega dentro de si e ressignifica o seu sentido constantemente.

A mescla de negligências históricas e o silenciamento das favelas marilienses exercido pelo discurso oficial (dentre tantos exemplos selecionaremos apenas dois: ocultamento dos dados oficiais e isolamento espacial) o refinamento das práticas de segregação e a necropolítica acirram-se no contexto neoliberal. De acordo com o levantamento histórico a abolição da escravatura, formação da República liberal traz como consequências a formação das cidades interioranas e os reflexos sociais vividos pelos seus descendentes.

As dualidades entendidas nos eventos históricos, como a Proclamação da República, evento relevante a vida das cidades brasileiras, e em outro extremo a incerteza quanto às perspectivas de vida dos mais miseráveis, a pauperização daqueles grupos mais segregados e a tortura e violência forçada sobre o corpo evidenciam os contrastes entre a perspectiva de progresso as grandes conquistas e feitorias liberais e retrocesso referente ao paradigma escravocrata vivido nas favelas e relações raciais no Brasil. A discussão em torno dos desdobramentos da favela considera o símbolo que ela carrega consigo, pois ao mesmo tempo

que expressa a resistência de um povo escravizado quando lançado a própria sorte, ainda se vê vulnerável aos reflexos da lógica escravista permanente até atualidade.

Vale salientar que a discussão sobre necropolítica nas favelas centra-se em entender a estrutura do Brasil pós - escravista, especificamente no final XX, no contexto em que se desenvolve o capitalismo global, já explicitado nos capítulos anteriores. No contexto contemporâneo as dinâmicas fabris⁷⁸ não comportaram a mão-de-obra negra, tampouco ofereceu-lhes qualquer subsídio, e vale lembrar que Marília destaca-se pela concentração industrial, o que nos remete as condições de trabalho precário imposta a população negra ao longo do tempo, que foram elementos fundamentais para o trabalho informal e ocupação as margens do município além de não ser inserido como um cidadão dentro da estrutura da cidade. Referenciando as literaturas da cidade, o processo de favelização acontece ao mesmo passo que que a indústrias de desenvolve e ganha fôlego, ou seja, enquanto há modernização e desenvolvimento da cidade por um lado, por outro os segregados ocupam espaços alheios aos investimentos do período. A industrialização mariliense privilegiou a mão de obra imigrante e seus descendentes, que ocuparam postos de trabalho e aproveitaram as garantias que ofereceram a eles.

A periferia de Marília consolidou-se a partir do processo de ocupação intensa em regiões neocolonizadas (antigas fazendas que foram loteadas), estabelecendo-se às margens da urbanização, causando assim maior concentração de segregados nessas áreas. O cenário para instauração da necropolítica acontece na macro ou micro esfera, a pensar nos contextos próprios da lógica neoliberal, na qual as grandes potências detêm a soberania do meio circulante, hegemonia dos capitais mundiais além da concentração do poder bélico e científico. O efeito da segregação social, o racismo e o acirramento da miserabilidade favorecem que segmentos sociais (negros, pobres, LGBTQIA⁷⁹⁺, ciganos, comunidades tradicionais, portadores de deficiências físicas ou intelectuais e as mulheres) propiciam a essas camadas uma maior vulnerabilidade social, facilitando assim a invisibilidade dos sujeitos, o apagamento histórico e por fim sua nulidade completa.

⁷⁸ O contexto do desenvolvimento fabril contou com a inserção da mão-de-obra imigrante sob a influência de italianos, japoneses (colônia significativa em Marília) além das principais correntes de migração interna oriunda da região sul, e nordeste do Brasil. MOURÃO, P. F. C. A industrialização do Oeste Paulista: o caso de Marília. Presidente prudente. 1994. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista.

⁷⁹ VON HUNTY, R. O Orgulho LGBTQIA+ não é sobre amor, nem sobre consumo. **Carta Capital**, [São Paulo], n. 1161, jun. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-orgulho-lgbtqia-nao-e-sobre-amor-nem-sobre-consumo/>. Acesso: 13 jun. 2021..

Diante disso o morrer na sociedade moderna inicia-se nas representações simbólicas e toma corpo nas disputas de poder diluídas nas relações sociais. O conceito de uma cidadania plena atribui ao sujeito dotado de alma os seus direitos e privilégios sociais e estrutura-se a partir da herança colonial etnocêntrica que sustentam o caráter soberano e necropolítico do Estado, que por sua vez escolhe quem morre e quem vive. Sendo assim, a coesão social mantém-se a partir da estrutura de poder e uma política permanente do Estado que se constitui a partir da política da morte como instrumento controle social.

As discrepâncias do sistema se fazem presentes graças ao comprometimento do Estado em garantir que a maioria morra, ou seja, a aliança entre a classe dominante e as instâncias de poder voltam-se contra os setores mais vulneráveis, a exemplo desta dissertação, o foco é população negra e favelizada.

4.2 “A periferia chora... Deem minhas rosas em vida porque morto não sentirei o seu perfume” – genocídio do povo preto, pobre periférico.

Neste capítulo, utiliza-se uma parte do diário de campo específica, a fim de apontar passagens significativas que aconteceram no campo, que também aconteceram em outros pontos do Estado de São Paulo, como na própria capital. Há também, por exemplo, a descrição dos ataques incentivados por organizações e facções presentes na favela.

A partir das referências mobilizadas nesta dissertação, sabe-se que o processo de criminalização das comunidades cresce afinada e em consonância com a organização e alinhamento das instituições a partir da perspectiva necropolítica, como discutidos nos capítulos anteriores. Desde a publicação inicial desta pesquisa, atentou-se para um modo de fazer ciência, e entende-se que a pesquisa traz como mote principal a aproximação das vivências, construções dos espaços, além da busca por melhores condições de vida por parte da população estudada.

A pertinência em mostrar parte da organização das facções consiste em seguir a proposta inicial de manter um olhar crítico e próximo às questões e acontecimentos vivenciados na favela. Neste processo, entende-se a necessidade de refletir as dinâmicas existentes no interior da favela a partir dos elementos que são oferecidos por ela. Apesar da favela se apresentar como um espaço plural, itinerante e múltiplo às diversas influências que a construíram, questiona-se como os aspectos referentes às debilidades, às segregações, às opressões e à miserabilidade influenciam na construção e produção das identidades presentes no espaço. Sendo assim, o distanciamento emocional e afastamento valorativo foram intencionalmente empenhados com esforços incondicionais durante o contato com o campo.

Ações significativas, quanto a suspensão do juízo de valor, foram buscadas a maior parte do tempo em que houve contato com o campo. No entanto, há de se convir que as subjetividades compõem o processo formativo de cada pesquisador e o olhar voltado a formação multidirecional, e suas apreensões críticas em relação ao entendimento de si, do outro e do mundo.

As descrições a seguir ocorrem no mesmo período em que as ações beligerantes incentivadas pelo do primeiro comando da Capital (PCC) e pelas instituições policiais dominaram as manchetes de jornais, programas especializados em temas que usualmente exploram as fragilidades dos indivíduos⁸⁰, com a intenção de causar comoção aos telespectadores, utilizando teor sensacionalista, e, de forma ilimitada, utilizam também outros recursos para inflar o apelo popular e a construção de narrativas que tendem a extremos. Diante disso, os relatos registrados no diário etnográfico retomam os episódios presenciados em campo e como estes momentos influenciaram o todo (a cidade, a pesquisa, a pesquisadora, os moradores e a favela).

Durante o ano de 2006 fui a favela da Vila Barros, finalmente tive a oportunidade de conhecer o marido da Dona Helena, o José (Zé) – caminhoneiro nascido na VB, que se mostrou disposto a nos apresentar os limites da favela (onde só se entra com autorização e um conhecido, a Mônica minha companheira de trabalho) disse ter terminado o seu trabalho ali. Então Zé e eu marcamos um dia para irmos até esses lugares. Numa quarta-feira pela manhã, já percebi um zum- zum no ônibus, as pessoas estavam agitadas preocupadas com alguma coisa que não consegui descobrir naquele momento. Logo que desci do ônibus descobri o que estava acontecendo, descobri que os responsáveis pelos ataques do PCC na cidade estavam escondidos na favela. Muitos subiam do buracão com armamentos que eu nunca tinha visto na vida, eram sofisticados como nos filmes. Então fui abordada pelo marido da Dona Helena (que estava muito adoentada) e me alertou para voltar outro dia, porque estava muito perigoso. Depois descobri que na noite anterior houve troca de tiros, entre a polícia e os traficantes, haviam muitos mortos na favela, e os ânimos estavam agitados.

Na noite dos ataques os policiais a fim de vingar a morte de um dos colegas ocasionado pela facção, assassinou dentro de um barraco na Vila Barros um dos líderes do PCC. O traficante recebeu mais de 15 tiros dentro do barraco e teve seus pés amarrados na

⁸⁰ Conforme os exemplos citados na subseção 2.2. “Preto e dinheiro são palavras rivais?” – Análise dos discursos contidos nas notícias de jornais da cidade de Marília referentes à Vila Barros, os indivíduos que tem suas imagens exploradas são pobres, pretos, periféricos ou mesmo flagelados em situação de vulnerabilidade social.

traseira da viatura, os moradores ouviam os gritos dos filhos ao ver aquela cena. Os filhos corriam atrás da viatura que arrastava o corpo do traficante pela Salvador Salgueiro, isso mostrava a luta pelo poder local, mais do que isso a crueldade com que o recado foi mandado pela população.

Os carros institucionais (CACAM, Conselho Tutelar) eram impedidos de entrar, então ficaram com medo de me confundirem e a partir daí estaria correndo risco de morte. Nunca corri tanto na vida! Fui imediatamente para o ponto de ônibus, esqueci de me despedir do pessoal, mas acho que entenderam...

Demorei a voltar na Vila Barros depois deste episódio. Fiz algumas entrevistas com carroceiros no centro da cidade e nas instituições sociais que trabalhei. Mas quando retornei à Vila Barros tive uma notícia arrebatadora.

Depois da tempestade é melhor juntar os cacos e recomeçar...

Os moradores da favela da Vila Barros continuavam mais estigmatizados do que nunca. Muitos foram demitidos dos empregos, aumentou-se os índices de investidas policiais, além de constantes espancamentos feitos por policiais.

Cheguei à casa de Dona Helena e ela não estava o filho dela disse que por conta do agravamento de sua doença causada por problemas cardíacos ela foi internada no Hospital das Clínicas, mas que passava bem, imediatamente pedi uma caneta e uma pedaço de papel e então escrevi uma cartinha para levarem à grande amiga e responsável por esta pesquisa Dona Helena.

Recebi, com muita tristeza, a notícia do falecimento de Dona Helena na mesma noite. Bom, após este episódio decidi paralisar as pesquisas de campo por um tempo, levando-se em consideração a importância da Dona Helena nesta pesquisa e o luto da família.

...

A partir das agruras sofridas por mulheres pretas, assim como aconteceu com Dona Helena, precisa-se entender para além das patologias biológicas e diagnósticas focadas em apenas uma dessas vertentes, pois combiná-las às questões que tem origens distintas, muitas vezes causadas por questões sociais, políticas e econômicas, poderia respeitar a construção de suas identidades, e resguardar a dignidade dessas, quanto ao acesso à serviços públicos e a melhoria no acesso aos direitos sociais adquiridos.

Para estabelecer uma análise a partir das práticas dos sujeitos, ou mesmo relevando as identidades, são definidos, neste caso, códigos sanitários e médicos, a fim de marcar e excluir determinada classe, gênero e etnia (DAVIS, 2019).

Além dos códigos sanitários, há os códigos jurídicos que legitimam e garantem historicamente o lugar de pretos e pobres na subalternidade e subserviência. Recorremos a apresentação de [Martins \(2020\)](#), que relaciona o processo presente com relação ao que houve no período da escravidão no Brasil, quando a população negra foi largada própria sorte ou revés.

Após o período de abolição da escravatura e a transformação do negro em sujeito social, o mesmo será colocado à margem da sociedade e constitui-se dentro da favela, pois não há absorção da sua mão de obra ou qualquer subsídio para produzir insumos agrícolas ou mesmo começar a vida fora das porteiras da fazenda escravocrata.

A comunidade recém-alforriada busca um lugar e pretende construir-se a partir do processo de construção da sua identidade a depender deste lugar há proximidades desta definição aos sujeitos sociais. Segundo [Martins \(2020\)](#), o debate sobre as raças humanas e a responsabilidade penal toma fôlego e ocupa o cenário intelectual devido a abordagem considerada por Raimundo Nina Rodrigues (1862 - 1906), que é médico e psiquiatra. Os temas se interrelacionaram e estabelecem pontos de conexão entre a discussão na área de medicina e o direito, a fim de estabelecer referenciais importantes dentro dessa temática.

A associação temática entre o campo da saúde e a criminalidade faz uma discussão sobre as raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. De acordo com os discursos racistas, que sustentam a segregação e desigualdades, norteiam até os dias atuais referências que estigmatizam e influenciam as trajetórias de seus descendentes.

Sabe-se que historicamente negros foram associados às tendências criminosas, e há a defesa que ações duvidosas são inerentes às “raças inferiores”, ou seja, o ato criminoso para esses grupos configura como regra, indicando que aos selvagens é natural o crime e, conseqüentemente, não se deve penalizar o africano e o indígena da mesma maneira que o branco criminoso. Para Rodrigues, de acordo com o professor Martins, há uma diferença racial que estabelece formas de penalizar; essa discussão não prossegue, mas é marcante no campo da medicina e do direito no final do século, desumanizando este segmento da população.

Apesar de todos serem cidadãos, no discurso do médico psicológico de Raimundo Nina Rodrigues ou de Artur Ramos, que era também médico sanitarista, Afrânio Peixoto de outro médico sanitarista, e o próprio Oswaldo Cruz, mesmo tendo trazido uma discussão racializada, estabelecem que sujeitos negros e indígenas são naturalmente perigosos, desta forma, cabe ao Estado, à sociedade, à própria Igreja um certo tipo de tutela, que decide o que eles podem ou não fazer. Então essa classe perigosa que começa a se configurar após a abolição, vai ganhar um certo corpo, certas características e, principalmente, vai ganhar no lugar social imaginado, num território geográfico, um lugar de segregação para que esses sujeitos estejam

confinados, para o bem da sociedade. A fala do professor Hidelberto Martins indica como a formação das favelas, passando por discursos científico, que desumaniza pessoas, é intencional e busca relegar aos pobres e pretos um lugar precário.

4.3 “Eu só quero é ser feliz andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar” – Movimento de base e articulação política

Decepção

Depois de seis meses voltei na favela da Vila Barros, as coisas estavam bem diferentes, as frequentes reclamações dos moradores referentes aos abusos policiais, agora tinha toque de recolher (22 horas era o tempo limite para estar nas ruas), ou seja, tudo havia mudado na favela.

Os carroceiros sentiram dificuldades em fazer o seu trabalho, pois tinham horários estabelecidos para voltar para casa, isso limita as possibilidades de lucro. A atuação de partidos políticos e funcionários de instituições com o intuito de promover indústrias privadas passaram a frequentar a favela da Vila Barros. Vejo essas interferências como um reflexo da política elitista vigente na cidade onde prioriza as políticas de voluntarismo ao invés de medidas sérias comprometidas que tenham como meta a política habitacional de caráter abrangente a toda a comunidade da favela.

Entrei na universidade para fazer trabalhos como este, que de fato lidam com os problemas vividos pela maior parte da população e que parecerem invisíveis dentro da academia. A minha decepção está na falta de comprometimento com o que está exposto nas periferias do país, falta entender que o Brasil é feito de quebradas.

...

A aparente desordenação, decorrente do crescimento urbano, pode ser vista na irregularidade exposta entre os espigões e as ocupações concentradas em itambés apontam formas dispares em relação à ocupação do solo.

Essa impressão de desordem ainda se agrava quando conhecida a realidade que não consta no mapa oficial da cidade, mais de 2000 famílias moram nesta ocupação clandestina, conforme **Figura 28**. Segundo o mapa oficial da cidade, a Vila Barros é subdividida em setores, o Complexo Palmital e Vila Nova, e alguns moradores nomearam a região de acordo os antigos proprietários os Barros, que eram donos da fazenda (hoje atual favela da Vila Barros).

Esta forma de disposição espacial, especificamente na favela feitas com sucata, explicita a condição limite e precária de moradia. A consolidação das disparidades por meio do

processo segregador onde as relações de discrepâncias servem de subsídios para a manutenção do desenvolvimento capitalista.

Para Kowarick (2000), a construção da periferia de São Paulo se deu historicamente a partir da transição das vilas operárias, na década de 1930, o início do processo de industrialização, para loteamentos clandestinos a partir da década de 1960, onde o sonho da casa própria passou a ser o mote publicitário dos especuladores.

O colapso das políticas habitacionais foi expresso na desarticulação dos movimentos populares (controlados pelo Estado), os interesses de apropriação privada estavam cada vez mais em questão, em detrimento das necessidades coletivas que transcendem a lógica do processo de acumulação do capital.

A classe trabalhadora é utilizada como um mero instrumento produtivo a serviço da expansão do capital. A força de trabalho não é o motivo dilapidador na vida dos grandes centros, mas sim o capital. Neste sistema que tem como prioridade o capital, a relação entre a cidade e a classe trabalhadora tem como finalidade a exploração, mais que isso a ampliação dos ganhos por meio da ultra exploração dos trabalhadores. Já para os trabalhadores a cidade é o espaço propício para o desenvolvimento de suas potencialidades coletivas, portanto, estas distinções aguçam os antagonismos que permeiam a luta de classe e artifícios próprios do processo de dominação instaurado e legitimado no cerne do processo capitalista.

Comparada com outras cidades do interior de São Paulo, Marília, têm um número elevado de favelas, cerca de 20 consolidadas em 2014. No entanto houve a remoção de algumas famílias com cerca de 1000 pessoas.

Figura 32 – Número de favelas concentradas em Marília/SP
Favelas em Marília

Zona Sul	Zona Oeste	Zona Norte	Centro-Leste e Centro Norte
1. Homero Zaninoto 2. Jardim Marajó 3. Jardim Santa Paula 4. Toffoli 5. Parque Das Azaléia 6. Vila Real 7. Jd. Planalto 8. Parque Dos Ipês	9. Jardim Universitário 10. Parque Das Vivendas 11. Argolo Ferrão 12. Jardim América (Piolho) 13. Jardim Eldorado (Bronks) 14. Eldorado (Bugrinho)	15. Santa Antonieta I (Linhão) 16. Santa Antonieta II 17. Parque Das Nações 18. Janio Quadros	19. Vila Altaneira 20. Vila Barros
8 Favelas zona Sul	6 Favelas Zona Oeste	4 Favelas Zona Norte	2 Favelas -leste

Em negrito, as favelas que foram eliminadas

Fonte: Plano Local de Habitação de Interesse social (PLHIS). Disponível em: <https://www.visaonoticias.com/noticia/22264/prefeitura-anuncia-fim-de-mais-duas-favelas> postado em 13/08/2016.

Especula-se algumas explicações para justificar a ocupação na Vila Barros, uma delas é que a área ocupada é pouco aproveitável, já que se trata-se de espigões caracterizada por rochas sedimentares e que configuram regiões de altitudes consideráveis. Além disso, locais íngremes derivados de itambés, pouco apropriada para construção de casas. Outra explicação para a favela da Vila Barros centra-se na baixa possibilidade de valorização por conta da instabilidade do terreno, sua composição irregular, além da umidade do solo.

Especificamente em Marília, as ocupações acontecem em meio aos significativos itambés, que configuram uma cadeia de espigões presentes em grande parte da periferia da cidade de Marília, onde os moradores da favela constroem suas casas e ocupam estes espaços. A predominância destes declives acentuados ocasiona diversos problemas, que são agravados por conta dessa combinação: desassistência pública e geografia desfavorável.

“O relevo de Marília é composto por um grande compartimento de topo (espigão divisor de águas da bacia hidrográfica do Rio do Peixe e da bacia hidrográfica do Rio Aguapei) interligado a topos secundários de menor extensão, que acabam por delimitar seis bacias hidrográficas. O domínio das vertentes se caracteriza por separar os topos das escarpas (delimitadoras do Planalto de Marília), e tende a ficar mais acidentado, quanto mais se aproxima dos Itambés (nome popular dado as escarpas)”.(SANTOS; NUNES, 2008)

A apreensão das características do relevo de Marília explica em partes as formas de articulação existentes no território, além de diversas ações importantes quanto à constituição e consolidação da favela.

A existência marcante das bacias hidrográficas é garantida pela topografia da região, onde há escoamentos pluviométricos, por exemplo, incidindo enchentes e alagamentos nas regiões margeadas por esses espaços, no caso da Vila Barros há um grande agravamento por tratar-se do escoamento de dejetos e substâncias sanitárias, além das perdas significativas ainda se volta a atenção acerca dos resíduos danosos à salubridade e vitalidade humana.

Figura 33 – Os itambés e a ocupação da favela da Vila Barros Marília/ SP



Fonte: Google Mapas

A instalação de casas nesses lugares (Figura 32) coloca em risco moradores e comunidade no entorno, pois de acordo com os relatos ouvidos durante a pesquisa de campo, muitas famílias trazem marcas profundas de desastres vividos no local. As narrativas perpassavam por perdas materiais e humanas causadas pelas enxurradas, tais como escorregamentos de casas durante fortes chuvas, perdas de móveis seja em temporadas de enchentes ou mesmo por conta do abafamento causado por altas temperaturas, perda de vestuários, pois as casas localizadas ao lado do esgoto localizado na região mais baixa desses paredões que compõe a região. Além disso, muitos animais domésticos de médio e pequeno porte, normalmente, são levados pelas fortes chuvas, não obstante disso, há registros de mortes

Como podemos observar a Rua Salvador Salgueiro é a avenida principal da região e serve como passagem da Vila Barros para o restante da cidade. As ruas abertas e nomeadas pelos moradores não constam no mapa oficial, conseqüentemente existe a ausência de benefícios pulverizados nesta região.

Por meio desta ilustração podemos perceber a disposição organizada das casas ao longo do bairro e a ocupação caótica. A estrutura desorganizada e que se tem o imprevisto se faz presente ao longo desta ocupação.

Os lotes “legais” destacam-se pela forma de organização peculiar. Como podemos observar de acordo com esta imagem a ocupação da Vila Barros mostra-se segregada na disposição e na forma de ocupação, as bordas são literalmente os espaços para ocupação da favela.

As casas nas vias adjacentes têm uma forma de organização por meio da divisão em lotes uniformes e pavimentados, na favela não percebemos esta linearidade, as casas são feitas de formas irregulares, as vias não são asfaltadas. Como podemos observar nas imagens captadas por satélite os materiais utilizados são os mais diversos possíveis desde placa de madeira até lonas de plásticos.

As áreas destacadas na Figura 34 são as regiões consolidadas da favela. O espaço arborizado contrasta com a favela, isto é bastante comum na maior parte destas ocupações, pois espaços como estes são conhecidos pela instabilidade do seu terreno e pela irregularidade do terreno.

Na imagem a seguir a presença do Itambé marca as formações de altas estruturas, pois as escarpas acidentadas predominam a paisagem natural da região e influenciam nas determinadas características de ocupação do solo. Sendo assim, as tendências habitacionais distam da concentração de moradias confortáveis nas regiões escarpadas e acidentadas, ao contrário disso, há presença massiva de casas precarizadas e poucos recursos para voltados a manutenção familiar.

A ocupação nessa região dá-se pelo crescimento de condomínios fechados, conjuntos habitacionais de padrão médio, além da invasão de empreiteiras e construtoras alinhadas com a lógica especulativa do solo urbano. Diante dessa realidade, as populações mais pauperizadas fixam-se nessas regiões de maior vulnerabilidade, devido à falta de políticas habitacionais promovidas pelo Estado.

Figura 35 – Favela da Vila Barros – Imagem satélite 1 – Escarpas acidentadas



Fonte: Google Mapas.

Esta passagem indicada pela fecha (no canto direito da figura) mostra-se como alternativa de passagem que interliga o bairro a outro. A Vila Barros tem várias rotas estratégicas para saída rápida da favela, como descrita anteriormente, muitas vezes criadas e utilizadas em momentos de confrontos entre as frentes armadas (legais e ilegais).

A região circulada na Figura 35 é conhecida pelos moradores como um espaço crítico devido à disposição espacial e difícil acesso. Ao combinar os dados empíricos com os registros de acidentes fatais na Vila Barros, percebe-se que essa área concentra grande parte dos declives propiciando deslizamentos de casas, acidentes antrópicos e mortes de animais domésticos. Além disso, essa área ainda pouco ocupada por moradias e de difícil acesso às autoridades, o que facilitam as ações ilícitas e também uma vista panorâmica privilegiada, pois localiza-se em regiões de altas elevações.

Figura 36 – Favela de Vila Barros – Marília/SP – Imagem satélite 2 – Área de escoamento



Fonte: Google Mapas

As ações individuais dos moradores e as formas de organizações isoladas mostram a necessidade de pensar-se, articuladamente a ações coletivas que incentivam movimentos reivindicatórios, a luta para a conquista de moradia popular e para políticas habitacionais acessíveis a população favelada de Marília.

As dificuldades encontradas na Vila Barros foram acompanhadas por mim de 2005 a 2007, períodos em que fiz a pesquisas de campo, durante a graduação, e registrei todas as visitas à favela e deixo aqui algumas impressões mais significativas. Além disso, há ilustrações relevantes das ruas do bairro nos Anexos 18 a 51.

5 Considerações finais

A dissertação elaborada nestes capítulos procurou aproximar-se aos estudos apresentados com consistência teórica e mobilização de instrumentos metodológicos com a finalidade de adentrar em questões capilares no Brasil: os conflitos nas relações raciais e os processos na formação identitária, que resultaram da dualidade do lugar e não-lugar, conforme o pertencimento da maioria de pretos e pobres, especificamente na Vila Barros, na cidade de Marília-SP. Procurou-se aproximar as questões raciais à produção de identidades a partir das conjunturas e ainda estabelecer-se dentro de determinados contextos sociais. A partir dos ditames político - sociais e lógica dominante na composição hegemônica de grupos sociais que se referenciam por meio da métrica etnocêntrica, os moradores de favelas ainda se encontram desvalidos de qualquer equidade social, lançados à própria sorte vulneráveis à morte social e artificios construídos ao longo da história, afim de preservar privilégios históricos, sociais, econômicos e manutenção do poder.

Antes de especificar quais são os caminhos escolhidos e seus desfechos nessa pesquisa, vale salientar que o lugar que o cientista ocupa influencia diretamente no modo de fazer ciência, além disso, entende-se como mostram-se a partir de categorias adotadas e mobilizadas durante o processo de feitura da dissertação. As ideias mobilizadas nesta pesquisa, analisam as categorias conceituais com o aporte da análise do discurso que entendem as disfonias existentes no conceito de raça e consistem em apontar a construção de um campo dialógico, discursivo e prático ao mesmo tempo que se reifica.

A configuração desse modo de fazer ciência traz como preocupação primeira explicitar a forma como os sujeitos sociais se relacionam em determinados espaços e lugares sociais. Pensar o indivíduo negro como produtor da sua própria história traz a sua relevância alicerçada em determinadas desconstruções historicamente cunhadas como verdades absolutas indissolúveis. Afim de desconstruir essa ideia absoluta ventilada como tautologia inexorável, para atender essa demanda aplicada à pesquisa, lançou-se mão de discussões empenhadas desde o século XIX até meados do século XX estabelecendo paralelos entre eles.

Dito isso, nessa pesquisa foram mobilizados conceitos para que as questões fundamentais apresentadas na favela da Vila Barros fossem entendidas em sua complexidade ao mesmo passo em que os problemas vividos pela a sociedade brasileira atual reformula-se. Nitidamente, temos espectros as questões da escravidão nos dias atuais, além do massacre enfrentado pelas comunidades tradicionais e o processo de ocupação do interior paulista. Essa lógica de exploração configurou-se no funcionamento repleto de limitações e sucateados

empenhados à favela, sendo assim, a Vila Barros reconfigura-se e expõe suas marcas, além de repensar o “sobre viver” para “sobreviver” no espaço.

Outro ponto importante abordado na pesquisa centra-se nos moradores, principalmente as moradoras que formam identidades forjadas a partir dos contextos de suas mazelas diárias, como forma potente de ocupar e reinventar o lugar onde vivem. Essa questão, como tantas outras pautas reivindicatórias faz parte da formação identitária, já que a identidade não é um fim em si mesma, tampouco estática e passível de métricas pré estabelecidas, ao contrário disso, sabemos que a formação da identidade perpassa por diversos atravessadores, dentre eles o processo histórico de formação política do próprio indivíduo, concomitantemente, a consolidação do território, como acontece em Vila Barros.

Neste momento de considerações finais da dissertação de mestrado torna-se necessária uma retrospectiva avaliativa acerca dos passos propostos neste trabalho, ou seja, o que foi desenvolvido durante a elaboração dessa pesquisa, quais foram as questões levantadas e por fim os resultados obtidos.

Inicialmente a intenção do trabalho consistiu em entender como o processo de construção da identidade fora construída na favela, acreditou-se na necessidade em se estabelecer um paralelo entre as origens da Vila Barros e a construção da cidade, com a intenção de localizar o leitor, ademais a essa intencionalidade fora identificadas influências históricas para a permanência de legados na favela que comporiam a identidade daquela da favela. A partir da retomada histórica pode-se afirmar que alguns resquícios históricos influenciaram diretamente na produção de identidades na favela, bem como na construção de memórias pertinentes a identificação do lugar.

No capítulo 2 em que fora abordada as questões raciais existentes na Vila Barros trouxe uma abordagem em que se mobilizou autores importantes à discussão racial e as diversas formas de entender como essas representações influenciam no processo de formação da identidade. Além disso, no capítulo 3 há discussões sobre a influência nas mídias impressas e sociais, entende-se que o processo de construção identitária é diretamente influenciado pelo olhar do outro após o movimento que deve ser processado com as demandas do indivíduo com ele mesmo e durante as pesquisas analisou-se que muitas mulheres veem esse processo a partir dele mesmo conflitante com o meio, já que são retratados de forma indigna a ponto de negarem a própria existência. Há necessidade de esforços coletivos, tais como movimentos sociais que constroem espaços de luta e inspiração destinado à população negra, a exemplo do movimento hip hop e movimento de mulheres mapeados durante a pesquisa.

Conforme a proposta inicial, abordamos questões étnico-raciais e salientamos a relação entre o racismo ambiental e a construção da identidade, pois esta perspectiva está ligada diretamente a vulnerabilidade social vivida no território e a tentativa de reafirmar-se a diante de todas as agruras expostas o todo o momento na favela. Tomando como base os capítulos apresentados durante a dissertação o racismo ambiental apresenta-se em diversas formas, o despejo de esgoto a céu aberto, construção de lixões e mais que isso, uma forma de gestão destinada à população pobre, preta, indígena ou mesmo a migrante a exemplo das comunidades migrantes como a haitiana vulnerabilizada historicamente assim como a comunidade preta brasileira. Alguns apontamentos realizados durante a produção da pesquisa nos levam a várias interpretações dentre elas, entende-se que a interseccionalidade mostra-se presente no cotidiano da favela e no processo de formação da identidade dos indivíduos e território, pois influenciam diretamente na forma como se veem e são vistos e como se relacionam com o próprio território.

Os diversos olhares e perspectivas trazem informações importantes quanto as condições da população pobre, preta e moradora de favela. Nos casos, especificamente citados nesta pesquisa, amplia-se as formas de interpretar as ações situadas na macro esfera como fundantes aos rumos que a sociedade vem traçando, especificamente, ao analisarmos a atuação do Estado que adota políticas truculentas e práticas que incidem diretamente na favela e acirra as distâncias sociais garantindo assim, que os extremos permaneçam quanto as desigualdades econômicas, raciais, sociais. A pauperização da população moradora de favela, traz como mote inicial a intencionalidade em se manter as condições de vida neste espaço como o mais precário possível, vimos na construção do texto da dissertação percebemos que a população do entorno incorporou o olhar estereotipado em relação à ocupação da Vila Barros, mais que isso, a necropolítica incentivada e promovida pelo Estado mostra-se relevante ao incorporar demandas.

Por outro lado, população mostra-se organizada e feminina completamente diferente do perfil levantado na primeira pesquisa, pois a favela era majoritariamente masculina e composta por catadores, atualmente a atividade remunerativa centra-se nas atividades doméstica empenhada e desenvolvida por mulheres que atuam para substituir a ausência e abandono do homem.

Sendo assim, este estudo abre caminhos para que se possa futuramente aprofundar nas discussões com recorte de gênero, por exemplo, para entender como homens e mulheres estão expostos e respondem às questões sociais e formatam suas identidades e os impulsionam ou estagnam.

Referências

- BARBOSA, C. Cor, gênero e classe: os desafios da mulher preta. **Brasil de Fato**, Belém (PA), 08 jul. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/cor-genero-e-classe-os-desafios-da-mulher-preta>. Acesso em 08 jul. 2020.
- BARBOSA, E. E. **Na militância para o reconhecimento: um estudo de mulheres negras ativistas na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2387043. Acesso em: 30 nov. 2020.
- BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BULLARD, R. Ética e racismo ambiental. **Eco 2**, Rio de Janeiro, edição 98, jan. 2005. Disponível: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=996>. Acesso em 30 nov. 2020.
- CALDEIRA, T. P. R. C. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.
- CARVALHO, E. **Mapa da exclusão/inclusão social e qualidade de vida de Marília**. Marília: Unesp, 2003.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CASTRO, A. Sueli Carneiro: “Organizem-se, porque não há mais limite para a violência racista”. **Sul21**, [Porto Alegre], 30 abr. 2019. Disponível em: <https://geledes.org.br/sueli-carneiro-organizem-se-porque-nao-ha-mais-limite-para-a-violencia-racista/>. Acesso em: 08 jun. 2020.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GÓES, E. M.; SPOSITO, M. E. B. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Unesp, 2013.
- GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG Brasília: Unesco, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri : Puc-Rio, 2016.

IBGE. Agência IBGE Notícias. 11,8% dos jovens com menores rendimentos abandonaram a escola sem concluir a educação básica em 2018. **Agência IBGE Notícias**, 06 nov. 2019. Disponível em: [MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25885-11-8-dos-jovens-com-menores-rendimentos-abandonaram-a-escola-sem-concluir-a-educacao-basica-em-2018#:~:text=Em%202018%2C%20o%20rendimento%20m%C3%A9dio,essa%20hist%C3%B3rica%20desigualdade%20de%20rendimentos. Acesso em: 15 jun. 2020.</p></div><div data-bbox=)

KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARTINS, H. 1 vídeo (1:24 - 1:30). Aula 1. **Necropolítica e o genocídio negro nas favelas brasileiras**. Publicado pelo Canal do CACO. 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWf3-MjIBGM&feature=youtu.be>. Acesso em: 17 jul. 2020. [Anotações do trecho]

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 33, p. 109-117, 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010.

NASCIMENTO, E. P. **"Literatura marginal"**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 74.

NERY, C. Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos. **Agência IBGE Notícias**, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PACHECO, T. **Racismo ambiental urbano: a violência da desigualdade e do preconceito**. Blog: Racismo Ambiental, [S.l.], [2017]. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/racismo-ambiental-urbano/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

RATTS, A. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.

OLIVEIRA, D. O combate ao racismo é uma luta anticapitalista. In: OLIVEIRA, Dennis de (Org.). **A luta contra o racismo no Brasil**. São Paulo: Fórum, 2017. p. 23.

OLIVEIRA, D. Frantz Fanon, racismo e pensamento descolonial. **Revista Cult**. São Paulo, 10 maio 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/fanon-racismo-e-pensamento-descolonial/>. Acesso em: 19 dez. 2020.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP : Pontes, 2008.

SANTOS, C. A. M. O relevo e o sistema de afastamento e tratamento de esgoto da cidade de Marília-SP. 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96676>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SOARES, L. E.; BILL, MV; ATHAYDE, C. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia**: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014. Disponível em: https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/2/2018/02/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

Bibliografia

- ALAMBERT, Z. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. Nobel: São Paulo, 1986.
- ALBERTI, V; PEREIRA, A. A. (org). **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.
- ALMEIDA, L. C. **A Cor da Desigualdade e Ação Afirmativa no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.
- ALVAREZ, S. E., DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Metrópole e Cultural no meio do Século XX**. Bauru, EDUSC, 2001.
- ATHAYDE, C. Bill, MV, SOARES, L.E. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2005.
- AZEVEDO T. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1955.
- BAIROS, L. **Nossos Feminismos Revisitados**. Revista Estudos feministas, nº2\95, v. 3, 1995.
- BAIROS, L. Lembrando Lélia González, 1935 – 1994. **Afro-Ásia**. Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, Salvador, n. 23, p. 347-368, 2000.
- BARBIERI, T. Sobre a categoria de gênero: uma introdução teórico-metodológica. Tradução de Antonia Lewinsky. **SOS Corpo**, Recife, p. 2-19, set. 1993.
- BARBOSA, M. **Frente Negra Brasileira: depoimentos/ entrevistas e textos; organizador Quilombhoje**. São Paulo, 1998.
- BARRETO, R. de A. **Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez**. 2005. Dissertação (Mestrado em História). PUC-Rio, 2005.
- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- BAUMAN, Z. **A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, [S.d.].
- BENTO, M. A. S. A mulher negra no mercado de trabalho. **Estudos Feministas**. São Paulo, n. 2, ano 3, p. 479-488. 1995.

BENTO, M. A. S.; CARONE, I. (Org.). **Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

BERNARDO, Terezinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BEVERLEY, J. **Subalternity and Representation: Arguments in Cultural Theory**. Duke University Press Durham and London, 1999.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

BONDUKI, N. G. **Habitat : as práticas bem sucedidas em habitação, meio ambiente e gestão urbana nas cidades brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

BOURDIEU, P. **Dominação masculina**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, 3ª edição, Bertrand Brasil, 2000.

BORGES, R; CARNEIRO, S. **Retratos do Brasil Negro**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

CALDWELL, K. L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Revistas Estudos Feministas**, vol. 8, nº 2, 2000.

CALDWELL, K. L. Look at Her Hair: **The Body Politics of Black Womanhood in Brazil**. Transforming Anthropology, vol. 11, Issue 2, pp. 18-29. 2004.

CALDWELL, K. L. The Black Women's Movement. Politicizing and Reconstructing Collective Identities. In: **Negras in Brazil**. British Library. 2007.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 2005. Ed. UFRJ.

CANTO, V. S. **O dever “mulher negra” subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), PUC-Rio, 2009.

CARDOSO, R. C. L. Movimentos sociais na América Latina. **Revista brasileira de ciências sociais**. n. 3, vol. 1, fev. 1987.

CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados 17**, (49) 2003.

CARNEIRO, S. Identidade feminina. **Cadernos Geledés**, São Paulo, n. 4, 1993.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CARVALHO, J. Jorge de. & SEGATO, Rita. **Uma proposta de cotas para estudantes negros na Universidade de Brasília**. Série Antropologia, nº 314. Brasília. Departamento de Antropologia \ UnB, 2002.

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar Etnográfico e a voz subalterna**. Série Antropologia, n. 261. Brasília. Departamento de Antropologia\UnB, 1999.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. Geografia: ciência da complexidade (ou reconciliação entre a natureza e cultura). **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 83, p. 141-162, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1994.

CHARF, Clara. (coord.). **Guerreiras da paz: Projeto 1.000 mulheres**. Ed. Contexto, São Paulo, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, and the politics of empowerment**. 2ª edição. Series Perspectivas on gender, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Black sexual politics: African americans, gender and the new racism**. New York: Routledge, 2004.

CONTINS, Marcia. **Lideranças negras**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2005.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política**. Labrys, estudos feministas/ études féministes. Janeiro/julho 2005.

COSTA Pinto, Luiz. **O negro no Rio de Janeiro: relações raciais numa sociedade em mudança**. Rio de Janeiro, Ed. Da UFRJ, 2ª edição, 1998.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins: Interseccionalidade, identity politics, and violence against women of color**. Source: Stanford Law Review. Vol. 43, nº6, jul. 1991, pp. 1241-1299.

CURIEL, Ochy. **Identidades Esencialistas o Construcción de Identidades Políticas: El dilema de las feministas negras**. Revistas Otras Miradas, Grupo de investigación em Gênero y Sexualidad – GIGESEX. Vol.2, nº 2. 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, M. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**. Tradução: Amarylis Eugênia F. Miazzi. Ed. Melhoramentos, 4ª edição, SP, 1986.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Movimentos sociais: a construção da cidadania**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, nº 10, pp. 24-30, out. 1984.

EVARISTO, Conceição. **Da representação auto-representação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares. Cultura Afrobrasileira. Ano I, nº I – agosto, 2005, ISSN 108 7280.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, (coleção polêmicas do nosso tempo; vol. 33), 1989.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ed. Ática 1978.

FIGUEIREDO, Angela. **Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil**. In: Raça Novas Perspectivas antropológicas. Orgs: Osmundo Pinho e Lívio Sansone. 2ª edição ABA EDUFBA, Salvador, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Power/knowledge: selected interviews and other writings**. New York: Pantheon, 1980

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao Reconhecimento/Dilemas da Justiça na era pós-socialista. in Jessé Souza (org.) **Democracia hoje: Novos desafios para teoria democrática contemporânea**. 2001. Ed. UnB.

FRASER, Nancy. **Redistribuição ou Reconhecimento? Classe e status na sociedade contemporânea**. Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinar. UERJ, RJ. Ano 4, nº 1, p. 7 -32. jan.\jun. 2002.

FREDRIK, Barth. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação brasileira sob regime da economia patriarcal**. 1977. 18ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**, 1968. 4ª edição. 2º tomo. Rio de Janeiro, José Olympio.

FRY, Peter. **O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a política racial no Brasil**. Revista USP. São Paulo (28), 122-135, dezembro – fevereiro, 95 \ 96. 1996.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Profissão mulata: natureza e aprendizagem num curso de formação**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ UFRJ, 1992.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

GIACOMINI, Sônia Maria. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. Ed. Loyola. 2007, 6ª edição.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos movimentos sociais**. Ed. Loyola. 2008.

GOLDBERG, Anette. **Feminismo no Brasil Contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político**. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, ANPOCS, nº 28, 1989).

GOMES, J. B. B. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social**. A experiência dos EUA. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, Luis Augusto. ANPOCS, 1983. (ciências sociais hoje, nº 2).

GONZALEZ, Lélia. **Mulher Negra. In: Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente**. Nascimento (Org). São Paulo: Selo Negro, (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3) 2008.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1985.

GUHA, Ranajit. **"On some aspects of the historiography of colonial India"**. Subaltern Studies 1: Writings on South Asian History and Society. Delhi: OUP, 1982.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo, Ed. 34. 1999.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Políticas públicas para ascensão dos negros no Brasil: argumentando pela ação afirmativa**. Salvador, Afro-Ásia, nº 18, 1996.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; Huntley, Lynn. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2000.

HANCHARD, Michael. **Americanos, brasileiros e a cor da espécie humana: Uma resposta a Peter Fry**. *Revista USP*, São Paulo, (31) 164-175. Setembro\ novembro, 1996.

HANCHARD, Michael. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. Tradução Vera Ribeiro, RJ. EdUERJ, 2001.

HARDT, Michael e NEGRI Antônio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Tradução de Clóvis Marques. Revisão Técnica de Giuseppe Cocco. Editora Record. RJ. SP 2005.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. RJ. Ed. Graal. 1979.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Vale. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**. RJ, Rio Fundo Ed., IUPERJ, 1992.

HENRIQUES, Ricardo. **"Desigualdade Racial no Brasil: Evolução nas Condições de Vida na Década de 90"**. *Jornal do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Jul. 2001, nº

807. Jornal do IPEA. _____. “Pobreza atinge mais os negros e reflete desigualdade no País”. Março de 2002, ano I, nº5.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos feministas. Nº2/95. vol.3. 1995.

HOOKS, Bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8ª ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2005.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

LANDIM, Leilah (org). **Ações em sociedade: militância, caridade, assistência etc**. Rio de Janeiro, NAU, 1998.

LEMOS, Rosália de Oliveira. **Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro:UFRJ. Departamento de Psicologia, 1997.

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras. **Estudos Feministas**. Ano 3. Nº 2 \ 95.1995, p. 489-495.

LORD, Audre. “**The Transfomation of Silence into Language and Action**”.In. Sister outsider. 1984, The Crossing Press Feminist Series.

MACHADO, Elielma A. **Desigualdades raciais e ensino superior: um estudo sobre a introdução das leis de reserva de vagas para egressos de escolas públicas e cotas para negros, pardos e carentes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia\ IFCS, UFRJ, 2004.

MAFFESOLI. Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre, Sulina, 1997.

MAFFESOLI. Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3ª edição. Editora Vozes, Petrópolis 2005.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada** Print version ISSN 0102-4450. vol.21 no.spe São Paulo 2005.

MAIO, Marcos Chor. O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 14 nº 41 outubro/1999.

MAQUIAVEL, N. O príncipe e escritos políticos. São Paulo: **Folha de São Paulo**, c2010.

McCALLUM, Cecília. . Women out of place/ A Micro-historical Perspective on the Black Feminist Movement in Salvador da Bahia, Brazil. **J. Lat. Amer. Stud.**, n.39, pp. 55-80, 2007 Cambridge University Press.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Seleção e introdução Celso castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso Castro. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2009.

MIRANDA, Claudia. **Narrativas subalternas e políticas de branquidade: O Deslocamento de Afrodescendentes como Processo Subversivo e as Estratégias de Negociação na Academia**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, 2006.

MOHANTY, Chandra Talpade. **Bajo la mirada occidental: la investigación feminista y los discursos coloniales**. Tradução de Pilar Cuder Dominguez. U. de Huelva. Original em língua inglesa publicado originalmente in: Chandra Mohanty, Ann Russo and Lourdes Torres, edd. *Third World Women and the Politics of Feminism*. (Bloomington: Indiana UP, 1991).

MOHANTY, Chandra Talpade. **Bajo los ojos de occidente**. Academia Feminista y discurso colonial. a Publicarse en Liliana Suárez Navaz y Aída Hernández (editoras). *Descolonizar el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. traducción de María Vinós. Esta es una versión actualizada y modificada de el artículo publicado en *Boundary 2* 12 no. 3/13, no. 1. (primavera / otoño 1984), y reimpresso en *Feminist Review*, no. 30 (otoño 1988).

MORAIS, Maria Lygia Quartim de. **Vinte anos de feminismo**. Tese de livre docência apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH da UNICAMP. 1996

MOREIRA, Núbia Regina. **Representação e identidade no feminismo negro brasileiro**. Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Agosto de 2006 na UFSC. 2006.

MOREIRA, Núbia Regina. **O feminismo negro brasileiro**. Um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2007.

MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro**. Série Fundamentos 34. Ed. Ática. São Paulo. 1998.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **A industrialização do Oeste Paulista: o caso de Marília. Presidente Prudente**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Unesp, 1994.

MOUTINHO, Laura. **Razão, cor e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul**. São Paulo:UNESP, 2004.

- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo. Ed. Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3ª edição. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.
- NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.** vol.18 no.1 Porto Alegre, jan./apr. 2006.
- NASCIMENTO, B. O quilombo do Jabaquara. **Revista de Cultura.Vozes 3**, 1979, p. 176-178.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. SP, Summus, 2003.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, (**Sankofa**: matrizes africanas da cultura brasileira; 3) 2008.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- NEGRI, Antônio. **Cinco lições sobre império**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.
- NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco**: estudos das relações raciais. São Paulo. T.A Queiroz Editor., 1991.
- NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca**: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador/Bahia. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. 2008.
- PAIVA, Angela R. Cidadania, desigualdade e acesso à universidade. Mimeo. **XXX Encontro da Anpocs**. Caxambu, 2006.
- PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajatória e perspectivas do movimento negro brasileiro**. Comissão de Combate às Discriminações e Preconceitos de Raça, Cor, Etnia, Religião e Procedência Nacional da ALERJ – Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (organizadores). **Movimento negro brasileiro**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.
- PINTO, Celi Regina. **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, SP, 2003.
- PINTO, Luiz Aguiar Costa. **O negro no Rio de Janeiro**: relações de raças numa sociedade em mudança. 2ª edição. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 1998.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. 34 ed. São Paulo: USP. Curso de Pós-graduação em Sociologia, parte II. 1999.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274.

PRADO Junior, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 2000. Editora Brasiliense, Publifolha, SP (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

QUEIROZ. **Variações sobre a técnica de gravador no registro de informações de vida**. São Paulo. CERU e FFLCH\USP (col. Textos 4), p.47. 1983.

QUINTAS, Fátima. **Sexo à moda patriarcal: “O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre**. Ed. Global, SP. 2008.

RAGO, Margareth. **Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global**. Labrys, estudos feministas. Nº 3, janeiro\ julho 2003.

RAMOS, Arthur. **O negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro. Ed. Casa do Estudante do Brasil. 1956.

RAMOS, Sílvia. **Resposta brasileira à violência urbana no campo da segurança pública: os movimentos sociais e as organizações não governamentais**. Tese de Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2008.

RATS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

REYNOLDS, Tracey. Re-thinking a black feminist standpoint. **Ethnic and racial studies**. Vol.25, nº4, july, 2002, pp. 591-606.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. **Revistas estudos feministas**. Vol. 3, nº2, 1995.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. **Estudos feministas**, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres Negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Rev. Estud. Fem.** [online]., vol.16, n.3, pp. 987-1004. 2008.

RIBEIRO, Matilde. Análises e propostas: as políticas de igualdade racial no Brasil. **Fundação Friedrich Ebert Stiftung - (FES)**. Nº35, abril de 2009.

RIBEIRO, Matilde. **Antigas personagens, novas cenas**: mulheres negras e participação política. Site: empreende.org.br/artigoprogramas.htm. Acessado no dia 20 de maio 2010.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Geografias insurgentes**: um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano através das práticas do movimento hip hop. Dissertação de mestrado -

universidade federal do rio de janeiro, programa de pós- graduação em geografia, Rio de Janeiro, 2005.

ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: HUNTLEY, Lyn e GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2000.

RUFINO dos Santos, Joel. **A inserção do negro e seus dilemas**. Parcerias Estratégicas, nº 6, março 1999.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

SAID, Edward. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993**. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**. Ed. Brasiliense, 1984.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra homem branco: um breve estudo do feminino negro**. 2004, RJ. Ed. Pallas.

SANTOS, J.J.C. **A quebrada: o processo de autoconstrução na favela Vila Barros – Marília/ SP**. São Paulo. Monografia, 2008

SANTOS, Marcio André de Oliveira. **A persistência política dos movimentos negros brasileiros: processo de mobilização à 3ª Conferência Mundial das Nações unidas contra o Racismo**. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; RJ. 2005.

SANTOS, Sales Augusto. De militantes negros a negros intelectuais. VI Congresso Português de Sociologia. [Anais] Nº de série: 71. jun 2008.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.

SCOTT, J. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril/2005.

SCOTT, J. **A cidadã paradoxal – as feministas francesas e os direitos do homem**. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SCOTT, J. “Experiência”. In: SILVA, A. et all. **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed Mulheres, 1999. (p.p.: 21-55)

SEBASTIÃO, Ana Angélica. **Memória, imaginário e poder: práticas comunicativas e de ressignificação das organizações de mulheres negras**. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado em Comunicação – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura. **Revista da ABPN**, v.1, N.1, mar-jun de 2010.

SCHUMAHER, Schuma e BRASIL, Érico. **Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, nº 2. RJ, p. 215-235. 2003.

SILVA, Joselina da. **União dos homens de cor (UHC)**: uma rede do movimento social negro, após o Estado Novo. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ, 2005.

SILVA, Joselina da. Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Artigo apresentado no **XXV Congresso de Sociologia (ALAS)** – Grupo: Gênero, Desigualdades e Cidadania, [Anais] Porto Alegre, 22 a 25 de agosto de 2005.

SILVA, Joselina da. Vozes Soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no pós-1945. **Revista da ABPN**. V.1, Nº1, mar-jun de 2010, p. 28-38.

SILVA, Eliane Borges da. **Para além do próprio umbigo**: as mulheres negras militantes de Salvador e a construção do imaginário feminino. Dissertação de mestrado apresentado a Universidade Federal da Bahia. 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro. Petrópolis, Vozes, 3ª edição, 2004.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri C. "**Can the Subaltern Speak?: Speculations on Widow Sacrifice**". *Wedge* 7 (8), 1885.

STOLCKE, Verena. **Sexo x Gênero como raça para etnicidade?** *Estudos Afro-asiáticos*, nº20, pp. 101-119, junho de 1991.

STOLCKE, Verena. **O enigma das interseções**: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

STUART, Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. DP&A editora, 7ª edição, Rio de Janeiro, 2002.

SUÁREZ, Mireya. As categorias "mulher" e "negro" no pensamento brasileiro. UnB. XV **Encontro anual da ANPOCS**. Outubro de 1991, Caxambu, Minas Gerais.

SUDBURY, Júlia. **Outros tipos de sonhos**: organizações de mulheres negras e políticas de transformação. Ed. Selo Negro. Summus, SP. 2003.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. RJ. Ed. Paz e Terra, 1976.

STUART, Hall. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaide La Guardiã Resende ... {et al}. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. 2003.

TAYLOR, Charles. **Argumentos filosóficos**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. Edições Loyola. SP, 2000.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1999.

THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade**: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis, RJ Vozes, 1998.

VELLOSO, Mônica P. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, V. 3, nº6, 1990.

VICO, G. **Ciência nova**. São Paulo : Hucitec, 2015.

VIGOYA, Mara Viveiros. **La sexualización de lar aza y la racializacion de la sexualidade en el contexto latinoamericano actual**. Disponível em: www.wie.im.ufba.br/pub/Main/LivioSansone/Texto_de_Mara_viveros.doc. Acesso em: 15 abr. 2010. pp.1-20.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. São Paulo: Marco Zero, 1986.

WARE, Vron (org). **Branquidade**: identidade branca e multiculturalismo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

WEBER, Max. **Ciência e política**: Duas Vocações. 2ª edição. Tradução Jean Melville. Editora Martin Claret Ltda. SP, 2008.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. **Revisão técnica de Gabriel Cohn**. Brasília. Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2004, 4ª edição, v. 1.

WERNECK, Jurema. **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. (org.) Jurema Werneck, Maisa Mendonça, Evelyn C. White; (tradução) Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília Macdowell dos Santos, 2ª edição. RJ. Ed. Pallas/Criola, 2002.

WERNECK, Jurema. **O samba segundo as Ialodês**: mulheres negras e cultura midiática. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**. V.1, N.1, mar-jun de 2010.

WERNECK, Jurema. **Mulheres negras brasileiras e os resultados de Durban**. In. **Caminhos convergentes**: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Organizadoras: Marilene de Paula e Rosana Heringer. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, ActionAid, 2009.

WILLIAM, Foote Whyte. **Sociedade de esquina**. {Street Corner Society}. A estrutura social de uma área urbana pobre degradada. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Apresentação: Gilberto Velho. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 4ª edição, 1993.

YOUNG, Robert J. C. **Desejo colonial**: hibridismo em teoria, cultura e raça. Tradução Sérgio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ZANETTI, Julia Paiva. **Jovens feministas**: um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, RJ, 2009.

SITES:

Criola. www.criola.org.br

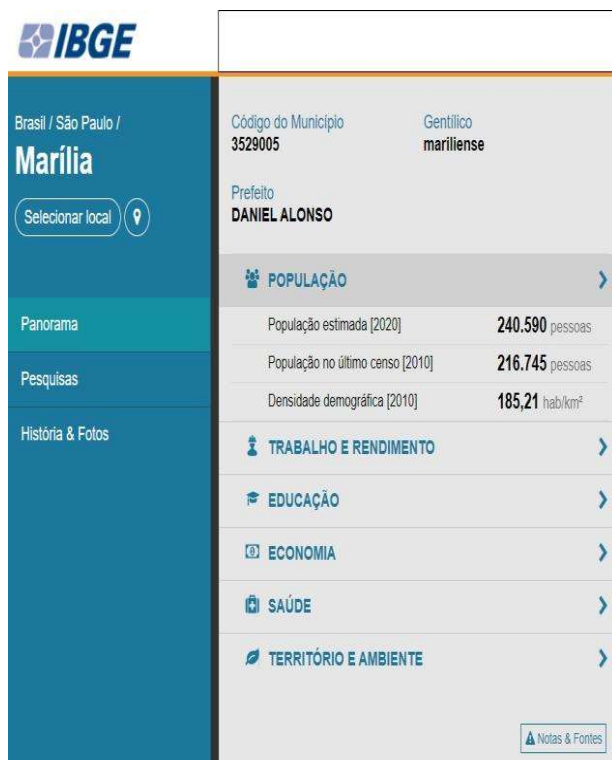
Geledes. www.geledes.org.br

Coisa de Mulher. <https://www.facebook.com/ONG-Coisa-de-Mulher-670425296389123/>

Articulação de Mulheres Negras Brasileiras. <https://amnb.org.br/>

Anexos

Anexo 1 – Dados sobre a Cidade de Marília/SP



IBGE

Brasil / São Paulo / **Marília**

Selecionar local

Código do Município
3529005

Gentílico
mariliense

Prefeito
DANIEL ALONSO

POPULAÇÃO

População estimada [2020]	240.590 pessoas
População no último censo [2010]	216.745 pessoas
Densidade demográfica [2010]	185,21 hab/km ²

TRABALHO E RENDIMENTO

EDUCAÇÃO

ECONOMIA

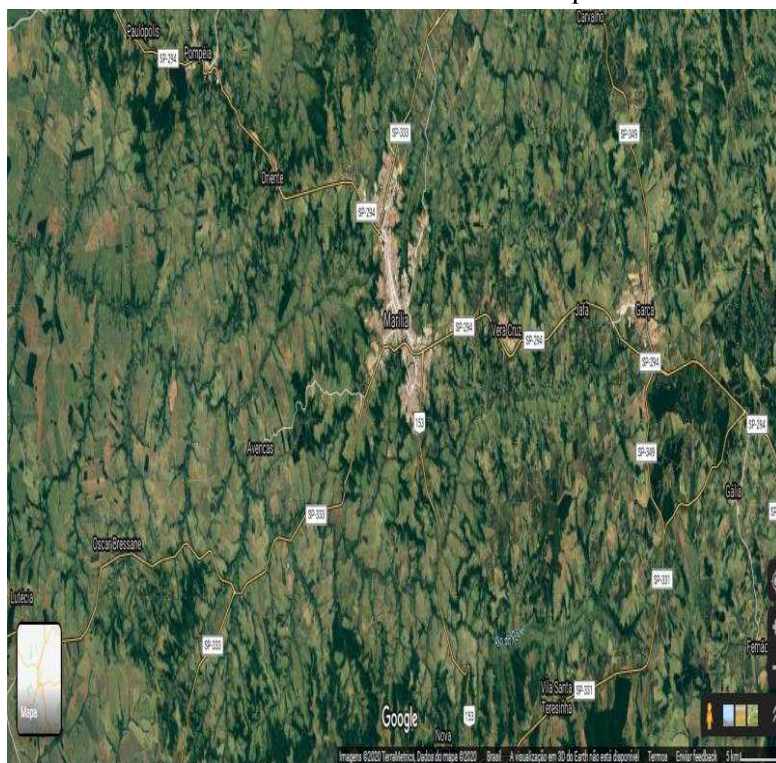
SAÚDE

TERRITÓRIO E AMBIENTE

Notas & Fontes

Fonte: IBGE

Anexo 2 – Mapa Cidade de Marília



Fonte: Google Maps.

Anexo 3 – Dados sobre a Cidade de Marília

Meio Ambiente [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

Marília tem um Horto Florestal de 554 hectares; um Bosque Municipal de 17,36 hectares; uma área reservada ao reflorestamento de 2 000 hectares e uma área de 7 400 hectares de vegetação natural.

Clima [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

O clima do município é *subtropical*, apresentando uma temperatura mínima absoluta de -3,6 °C e uma temperatura máxima absoluta de 39,4 °C. Com as seguintes características:

Dados climatológicos para Marília													[Esconder]	[Esconder]
Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	
Temperatura máxima média (°C)	28,6	28,5	27,8	26,3	23,6	22,6	23,2	25,1	26,1	27,0	28,0	28,4	26,3	
Temperatura mínima média (°C)	17,2	17,4	16,1	13,9	10,6	9,1	8,9	10,7	12,7	15,0	16,0	17,0	13,7	
Precipitação (mm)	220	210	130	62	57	58	38	26	59	137	120	180	1 291	
<i>Fonte: [1] Climate Data</i>														

Hidrografia [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

- Rio do Peixe
- Rio Aguapeí

Fonte: Wikipedia – Marília.

Anexo 4 – Como foi o massacre em Paraisópolis: o que se sabe até agora

Paraisópolis: o que se sabe até agora

12/12/19 por Arthur Stabile e Maria Teresa Cruz

Compartilhe este conteúdo:



O que aconteceu entre a saída dos jovens de suas casas e a ação policial que deixou 9 mortos em um baile funk na segunda maior favela de São Paulo



Names dos nove mortos grafados na via pública em que sete morreram | Foto: Arthur Stabile/Ponte Jornalismo

Na madrugada do dia 1º de dezembro de 2019, nove pessoas, de 14 a 23 anos, morreram durante uma ação da Polícia Militar do Estado de São Paulo no baile funk da DZ7, realizado na favela de Paraisópolis, que fica na zona sul da cidade de São Paulo. Mas o que aconteceu, de fato, entre o final da noite de sábado (30/11), quando os jovens se deslocaram de diversas regiões da capital paulista e Grande São Paulo para curtir o baile, e a manhã do domingo (1/12), depois do massacre?

Na versão dos PMs, tudo começou com uma suposta perseguição a uma moto com dois suspeitos que teriam atirado nos agentes e tentando se esconder no fluxo. Esse teria sido o motivo para atuarem na dispersão do baile funk. Mais de uma semana após as mortes, a PM não apresentou provas que sustentem essa versão alegando sigilo das investigações. Testemunhas negam a presença de uma moto na aglomeração e apontam para uma ação truculenta dos policiais, registrada em vídeos. Além disso, sobram dúvidas sobre o horário e o local exato das mortes, e como elas, de fato, aconteceram.

Confira o levantamento dos fatos:

19h (30/11) – Viaturas da PM começaram a chegar e se aproximar de algumas entradas da favela de Paraisópolis para fazer blitz. Segundo moradores ouvidos pela Ponte, o movimento, até aquele momento, não aparentava nada de anormal, já que os policiais sempre ficam nesses pontos da favela em dia de baile funk para tentar, de alguma forma, monitorar a entrada e controlar os acessos. De acordo com o relato, os policiais fazem pequenas ações de dispersão, os frequentadores desaparecem, quando a PM sai, tudo volta; esse fluxo de “gato e rato”, como disse um morador, permanece ao longo de toda a madrugada.

21h (30/11) – Os amigos Bruno Gabriel dos Santos, 22 anos, e Gabriel Rogério de Moares, 20, deixam a cidade de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo, e viajam até Paraisópolis. A viagem dura cerca de três horas entre a linha 12 – Coral, dos trens, e linha 4 – Amarela, do metrô, e um ônibus. Na DZ7, comemorariam o aniversário de Bruno, mesmo Gabriel não sendo muito fã de funk.



As nove vítimas do massacre em Paraisópolis | Foto: Facebook/Montagem

21h30 (30/11) – Horário aproximado em que Dennys Guilherme dos Santos Franco, 16 anos, pega o metro da Linha 3 – Vermelha na Vila Matilde, zona leste de São Paulo, para colar no baile. Também por volta desse horário, Eduardo Silva, 21 anos, pai de um filho de dois anos, se arruma e ruma de Carapicuíba, cidade na Grande São Paulo, para a segunda maior favela de São Paulo.

22h (30/11) – O estudante Denys Henrique Quirino, 16 anos, terceiro de quatro filhos, que pretendia se alistar no Exército em 2020, pega um ônibus em Pintuba, zona oeste da cidade de São Paulo, onde sua família, originária da Brasília, morava havia duas semanas. Ele não avisou aos pais que iria ao baile da DZ7.

22h20 (30/11) – Marcos Paulo Oliveira dos Santos, 16 anos, sai de casa para comer uma pizza, como informou aos familiares. Na verdade, ele deixava o Jaraguá, bairro na zona norte da cidade de São Paulo, junto de amigos para ir no baile de Paraisópolis.

22h30 (30/11) – Vendedor de produtos de limpeza, Mateus dos Santos Costa, 23 anos, deixa Carapicuíba para viajar até Paraisópolis. No mesmo horário, o estudante Gustavo Cruz Xavier, 14 anos, se encontra com amigos no Capão Redondo, na zona sul da capital paulista. Ele não avisou os pais que ia à DZ7.

23h (30/11) – Sai do Jardim Primavera, na região do Grajaú, a estudante Luara Victória de Oliveira, 18 anos, em direção à DZ7. A garota perdeu pai e mãe e, há cinco anos, morava com os avós. Ela sempre informava que ia aos bailes, ainda que a família pedisse que ela diminuísse as idas e focasse nos estudos e na busca por um emprego.

0h (1º/12) – Hora em que o Baile da DZ7 tem início. Frequentadores montam caixas de som, têm em mãos seus drinks e ouvem a batida do funk para se divertir.



Primeira edição do baile da DZ7, na rua Ernest Renan, após o massacre ocorrido na comunidade | Foto: Sérgio Silva/Ponte Jornalismo

1h30 (1º/12) – Relato de testemunhas apontam para uma primeira ação policial, que teria dispersado parcialmente o fluxo do baile com o uso de bombas.

2h (1º/12) – Apesar de a PM intervir, a festa é retomada na rua Ernest Renan, com música alta e os passinhos. Donos de bares que, sempre que a polícia chega, fecham as portas e tentam colocar o máximo de pessoas para dentro, também tomam coragem de retomar as atividades com vendas de bebidas, porções, sanduíches.

2h30 (1º/12) – Moradores relatam que mais duas ações pequenas aconteceram neste horário, com movimentação de viaturas e motos da polícia em travessas da rua Ernest Renan, uma das vias que corta a comunidade e onde acontece a principal concentração do baile.

3h40 (1º/12) – De acordo com a versão da PM, registrada em boletim de ocorrência, é o início da ação que culminaria nas mortes. Segundo os policiais, uma moto fura bloqueio feito pelos policiais na avenida Hebe Camargo, entra em Paraisópolis e atira em sua direção. Ao entrarem, começam a jogar bombas no grupo de aproximadamente 5 mil pessoas que estavam no baile naquela noite, segundo os PMs, após frequentadores do baile investirem contra ele jogando garrafas e pedras. Ali começa o tumulto, ocasionando um pisoteamento e nove pessoas morreram. "Uma pessoa acabou tropeçando e caiu, outras pessoas tropeçaram nessa pessoa e caíram em uma viela e nesse momento outras pessoas estavam tentando sair e acabaram pisoteando", declararia algumas horas depois do massacre o porta-voz da PM, tenente-coronel Emerson Massera.

3h40 (1º/12) – Um grupo de frequentadores do baile que não moram em Paraisópolis, sem conhecer exatamente as rotas de fuga da favela, entra na Viela Três Corações, travessa da Rua Ernest Renan, que tinha tido a saída bloqueada por viaturas. De acordo com testemunhas foi neste local que as vítimas ficaram encurraladas.



3h49 (1º/12) – Imagens de câmera de segurança registram a chegada de uma viatura da PM em alta velocidade. Algumas pessoas que estavam no meio da rua saem correndo para se proteger. Alguns segundos depois, um grupo corre na direção contrário e é possível ver, pelas imagens, pequenas explosões que parecem ser disparos. Segundo testemunhas, os policiais “chegaram de uma vez só” e atuaram para encerrar o baile.

3h55 (1º/12) – Jovens são fendos. Informação do atestado de óbito indica que pelo menos dois deles morreram por asfixia. Especialistas ouvidos pela Ponte afirmam que gás pode ter contribuído para as mortes pela associação de traumas físicos com substâncias químicas.



Ponto da Viela Três Corações onde, de acordo com testemunhas, os policiais teriam bloqueado e impedido a passagem de pessoas | Foto: Caê Vasconcelos/Ponte

4h (1º/12) – Imagens de um trecho da Rua Ernest Renan, onde às 3h49 uma viatura chegou em alta velocidade, mostram uma viatura dando marcha à ré, parando próximo da pintura “escola” no chão, e lançando uma bomba na rua vazia. Um rapaz sozinho caminha pela calçada e leva um susto. Moradores descrevem que os próprios policiais resgataram as vítimas do massacre. Testemunhas apontam que parte delas já havia morrido, o que interfere diretamente na perícia da morte.



Vieira Três Corações, onde jovens foram encurralados e morreram | Foto: Caê Vasconcelos/Ponte Jornalismo

4h09 (1º/12) – Mesmo com a rua vazia, imagens de câmeras de segurança mostram um PM lançando uma bomba. Na sequência, uma mulher aparece correndo, procurando se proteger. As duas viaturas que tinham ficado pelo menos 10 minutos estacionadas, saem em comboio pela Rua Ernest Renan.



Esse é um ponto de escape saindo da Rua Ernest Renan sentido Hebe Camargo mas o bloqueio dos policiais estava antes disso e as pessoas não conseguiram chegar neste ponto | Foto: Caê Vasconcelos/Ponte Jornalismo

4h18 (1º/12) – Jovem que teria sido agredida por policiais com uma garrafada no rosto liga para o Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). Ela levou 50 pontos no rosto, ferimento decorrente da agressão.

4h29 (1º/12) – Informado de que havia muitas vítimas, Samu classifica situação em Paraisópolis como "evento de alta prioridade", [segundo o UOL](#).

4h46 (1º/12) – PM cancela pedido ao Samu, informando que já havia socorrido todos, [segundo o Jornal Nacional](#). Socorro inadequado pode ter prejudicado auxílio e facilitado a morte dos jovens.

5h (1º/12) – Nove vítimas chegam ao Pronto Socorro do Campo Limpo. Seis vítimas com ferimentos foram atendidas no AMA Paraisópolis, uma delas teria sido alvejada por disparo de arma de fogo na perna, [segundo relato de um dos policiais envolvidos na ocorrência em registro no 89º DP \(Jardim Taboão\)](#).

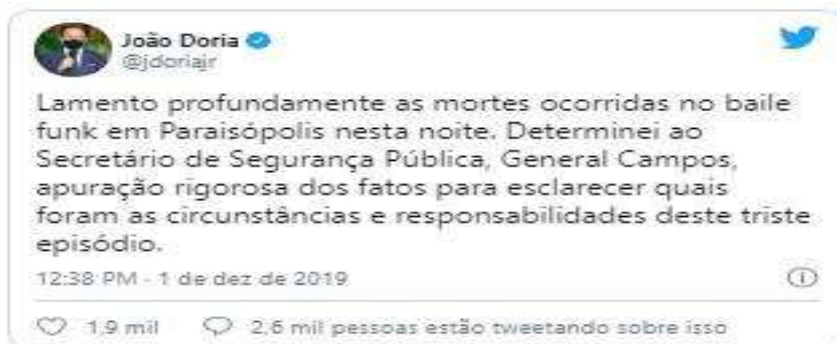
7h39 (1º/12) – Um [comunicado de ocorrência no Cepol](#) (Centro de Comunicações e Operações da Polícia Civil), assinado pelo delegado Gilberto Geraldi, informa o que aconteceu em Paraisópolis, fala em perseguição a suspeitos em uma moto que teria entrado no fluxo e que isso gerou um tumulto, contudo não faz qualquer menção de que frequentadores teriam agredido os policiais militares.



Vista geral da favela de Paraisópolis, a segunda maior de São Paulo| Foto: Arthur Stabile/Ponte Jornalismo

10h21 (1º/12) – Momento em que o delegado Emiliano da Silva Chaves Neto, do 89º DP (Jardim Taboão) registra o boletim de ocorrência apenas com a versão dos policiais. Segundo o registro, PMs estavam em patrulhamento na Av. Hebe Camargo na esquina com a Rudolf Lutze, quando uma moto com dois ocupantes em atitude suspeita negou parar na blitz e ainda teria atirado contra a tropa, que iniciou a perseguição. Os PMs afirmam que pediram reforço e seguiram no encalço dos suspeitos que entraram no fluxo e usaram os frequentadores como "escudo humano". Emiliano [isenta policiais de responsabilidade](#) ao considerar que não há indícios de que a ação promovida pela PM tenha ligação com as mortes.

12h38 (1º/12) – O governador João Doria escreve mensagem em sua conta no Twitter lamentando as mortes e determinando "apuração rigorosa dos fatos".



Doria daria pelo menos seis declarações diferentes durante a semana: depois de pedir investigação, mudou de ideia e defendeu os policiais envolvidos, falou em legitimidade da ação e elogiou a política de segurança do governo; na sequência, afirmou que o governo não tinha compromisso com o erro; por fim, afastou 38 PMs que participaram da ação – seis na semana passada, e os outros 32 nesta semana após reunião com familiares das vítimas.

Dúvidas sobre o massacre de Paraisópolis

A que horas a polícia começou a atacar o baile da DZ7?

Segundo moradores, a PM atuou pelo menos uma vez, à 1h30, para dispersar o baile antes da operação que acabou com nove pessoas mortas. Já a versão da PM é que só atuou quando uma moto com suspeitos invadiu o baile atirando em sua direção, o que ocorreu às 3h40.

O que motivou a repressão ao baile?

Desde o primeiro momento, as versões se conflitam. A versão de testemunhas é que a tropa agiu exclusivamente para acabar com a festa dos jovens, enquanto a PM afirma que uma moto furou o bloqueio e, ao entrar no fluxo os dois ocupantes passaram a atirar, forçando a intervenção policial. Até o momento, a PM não apresentou provas disso.

Por que a PM cancelou o pedido ao Samu e fez ela própria o socorro?

Um soldado da polícia cancelou o pedido de socorro alegando ter atendido a ocorrência em Paraisópolis, conforme áudio divulgado pela TV Globo – ainda que não exista um posicionamento oficial sobre esse cancelamento. Testemunhas relatam que os policiais ameaçavam quem tentasse prestar os primeiros socorros aos feridos. Há relatos, que serão comprovados através dos laudos técnicos, de que as vítimas já estavam mortas no local do pisoteamento.

Do que os nove jovens morreram?

Alguns atestados de óbito indicam "asfixia mecânica", quando a respiração é interrompida, como principal causa das mortes. Há um caso de morte por trauma na coluna e outros com causa não determinada pela espera de exames mais detalhados.

Em que momento as vítimas de Paraisópolis morreram?

Essa é a principal dúvida em relação ao massacre: não se sabe nem o horário nem o local específico em que as nove pessoas morreram. São três as possibilidades: de eles terem morrido ainda no local da ação policial, de terem sido resgatados pelos PMs e falecido a caminho do hospital durante o socorro ou não resistiram aos ferimentos já durante o atendimento médico.

A Ponte questionou a secretaria Municipal de Saúde de São Paulo sobre o socorro prestado as nove vítimas no Hospital do Campo Limpo, quais seus quadros clínicos ao entrarem na unidade e os procedimentos adotados no resgate, mas não obteve resposta até a publicação desta reportagem.

Fonte: CRUZ, M. T.; STABILE, A. Como foi o massacre em Paraisópolis: o que se sabe até agora. **Ponte**. 12 dez. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-se-sabe-do-massacre-de-paraisopolis/>. Acesso em 12 dez. 2019.

ANEXO 5 – Notícias sobre a presença do Estado em Vila Barros

comentários

06 set 2014

Creche será construída em rua dominada pelo tráfico de drogas

Cidade

Obra em construção na Rua Salvador

A Prefeitura de Marília anunciou o início das obras da creche da Vila Barros, na rua Salvador Salgueiro. O local é conhecido dos meios policiais como um dos maiores pontos de drogas da cidade.

De acordo com a assessoria de imprensa da Prefeitura, a creche terá capacidade para 100 crianças de 0 a 3 anos. O investimento é de cerca de R\$ 1,1 milhão com previsão de entrega para abril de 2015.

"A exemplo da creche do Califórnia, estamos retomando as obras paralisadas no governo anterior", destacou o prefeito Vinicius Camarinha.

As creches previstas, além das do Jardim Califórnia e Vila Barros são "Meu anjo", na Vila São Miguel (inauguração oficial neste dia 11 de setembro), Altos do Palmital, Marina Moretti, Cavallari, Nova Marília e Santa Antonieta/Julietta.

A reportagem do Marília Notícia entrou em contato com a Polícia Militar para saber como a segurança da área será feita. Se haverá algum tipo de reforço, mas até o fechamento desta reportagem não houve resposta.

f t g d

comentários

06 ago 2014

Polícia Militar faz apreensão de cocaína na zona norte

Polícia

cocavilabarrosAprensão de drogas ontem (5) na rua Salvador Salgueiro, favela da Vila Barros, zona norte da cidade. De acordo com informações da Polícia Militar (PM), por volta das 9h30, uma guarnição realizava patrulhamento preventivo, quando avistou dois indivíduos em atitude suspeita.

Eles foram revistados e com um dos indivíduos foi encontrado R\$ 95 em dinheiro. Em buscas pela rua, os militares acabaram localizando a 15 metros do local da primeira abordagem, cerca de 100 pinos de cocaína. A dupla foi levada ao plantão policial, mas liberada logo em seguida pelo delegado Wilson Damasceno. Segundo ele, apesar dos rapazes terem diversas passagens, não haviam provas suficientes para a prisão em flagrante. A droga foi apreendida e será incinerada.

Fonte: Marília Notícias

Anexo 6 – Notícias sobre obras em públicas em Marília.

GIRO MARÍLIA

Obra contém enxurradas e erosões na Vila Barros; casas ameaçadas

11/11/2014 às 14:57h por Redação do Giro Marília



Ouça a matéria clicando aqui!



Fonte: GIRO Marília. Disponível em: <https://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-marilia/obra-contem-enxurradas-e-erosoes-na-vila-barros-casas-ameacadas/17144>.

Anexo 7 – Notícia de crime em Marília

**Corpo é encontrado em Marília
na Vila Barros**

2 anos atrás · por Redação



Escrito por Redação

O corpo de um homem de 37 anos foi encontrado no início da tarde de hoje (28), em uma ribanceira que fica na Vila Barros, zona Norte de Marília. A vítima, identificada apenas pelo apelido de ‘Sombra’, já estava em decomposição quando foi localizada. A polícia acredita que se trata de um homicídio. Segundo a polícia um homem, que não teve a identidade revelada, foi detido na manhã desta quinta-feira, também na Vila Barros, e teria confessado o crime em parceria de outro indivíduo. O suspeito detido nesta quinta-feira, após denúncia anônima, teria contado aos policiais que cometeu o crime devido uma desavença em relação ao tráfico de drogas, o que motivou o homicídio. O Corpo de Bombeiros trabalhou durante a tarde para remoção do corpo. Fonte: Diário de São Paulo.

Fonte: CORPO é encontrado em Marília na Vila Barros. **Diário de São Paulo**. 28 jun. 2018.

Anexo 8 – Notícias sobre a presença do Estado na região de Vila Barros.

comentários
06 set 2014

Creche será construída em rua dominada pelo tráfico de drogas

Cidade

 em construção na Rua Salvador

A Prefeitura de Marília anunciou o início das obras da creche da Vila Barros, na rua Salvador Salgueiro. O local é conhecidíssimo dos meios policiais como um dos maiores pontos de drogas da cidade.

De acordo com a assessoria de imprensa da Prefeitura, a creche terá capacidade para 100 crianças de 0 a 3 anos. O investimento é de cerca de R\$ 1,1 milhão com previsão de entrega para abril de 2015.

"A exemplo da creche do Califórnia, estamos retomando as obras paralisadas no governo anterior", destacou o prefeito Vinicius Camarinha.

As creches previstas, além das do Jardim Califórnia e Vila Barros são "Meu anjo", na Vila São Miguel (inauguração oficial neste dia 11 de setembro), Altos do Palmital, Marina Moretti, Cavallari, Nova Marília e Santa Antonieta/Julietta.


A reportagem do Marília Notícia entrou em contato com a Polícia Militar para saber como a segurança da área será feita. Se haverá algum tipo de reforço, mas até o fechamento desta reportagem não houve resposta.

f t G

comentários
06 ago 2014

Polícia Militar faz apreensão de cocaína na zona norte

Polícia

cocavilabarrosApreensão de drogas ontem (5) na rua Salvador Salgueiro, favela da Vila Barros, zona norte da cidade. De acordo com informações da Polícia Militar (PM), por volta das 9h30, uma guarnição realizava patrulhamento preventivo, quando avistou dois indivíduos em atitude suspeita.

Eles foram revistados e com um dos indivíduos foi encontrado R\$ 95 em dinheiro. Em buscas pela rua, os militares acabaram localizando a 15 metros do local da primeira abordagem, cerca de 100 pinos de cocaína. A dupla foi levada ao plantão policial, mas liberada logo em seguida pelo delegado Wilson Damasceno. Segundo ele, apesar dos rapazes terem diversas passagens, não haviam provas suficientes para a prisão em flagrante. A droga foi apreendida e será incinerada.

Fonte: Marília Notícias

Anexo 9 – Helicóptero resgata rapaz de 25 anos em vale de Marília



Jovem resgatado em Vale de Marília - Reprodução/ Jornal da Manhã

O jovem Dener Simeão, 25, foi resgatado pelo helicóptero Águia, da Polícia Militar, depois de sofrer uma queda em um vale ao lado do bairro Vila Barros, na zona norte de Marília. Dener foi encontrado a 70 metros de profundidade, com algumas fraturas mas vivo.

Dener foi transportado em uma maca presa a um gancho e deixado em um campo de futebol do bairro para atendimento pelas equipes de emergência e deslocamento por uma ambulância com estrutura de UTI.

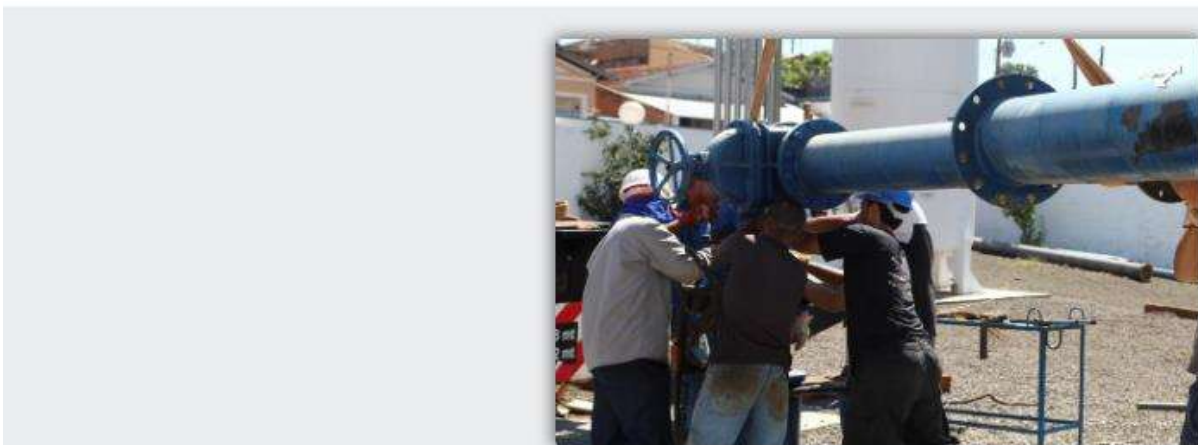
A chegada do jovem reuniu grande quantidade de pessoas no local, apesar dos pedidos dos bombeiros para distanciamento durante os procedimentos.

Fonte: Giro Marília.

Anexo 10 – Obras de saneamento em Vila Barros

30 DEZ 2013

Daem troca bomba do poço da Vila Barros para aumentar capacidade



O Daem (Departamento de Água e Esgoto de Marília) confirmou a troca da bomba do Poço Profundo da Vila Barros, localizado na Rua Plínio de Queiroz. Segundo o diretor, João Carlos Polegato, trata-se de uma medida preventiva. “A nova bomba vai aumentar a capacidade do poço em 40 mil litros de água hora. Vai passar de 290 mil litros/hora para 330 mil litros/hora, beneficiando a grande população dos bairros Castelo Branco, palmital, Palmital prolongamento, Lavínia, Jânio Quadros, César de Almeida, J.K e a própria Vila Barros” destacou. O poço tem 1.200 metros de profundidade e a bomba está localizada a 260 metros. “A atual perdeu potência pelo tempo de uso. Escolhemos o domingo para fazer porque estatisticamente o consumo de água é menor nessa área”, explicou Polegato. Na troca, duas equipes vão trabalhar dia e noite para que já na segunda-feira pela manhã o abastecimento volte ao normal. “Precisamos da colaboração da população para economizar água”, lembrou.

Fontes: Reprodução do Site da Prefeitura de Marília.

Anexo 11 – Notícia sobre esportes na periferia de Marília.

15 DEZ 2014 ESPORTES, LAZER E JUVENTUDE

Vila Barros, Guarani, Assemar, Rosália e Dirceu são campeões no futebol amador



Fontes: Reprodução do Site da Prefeitura de Marília.

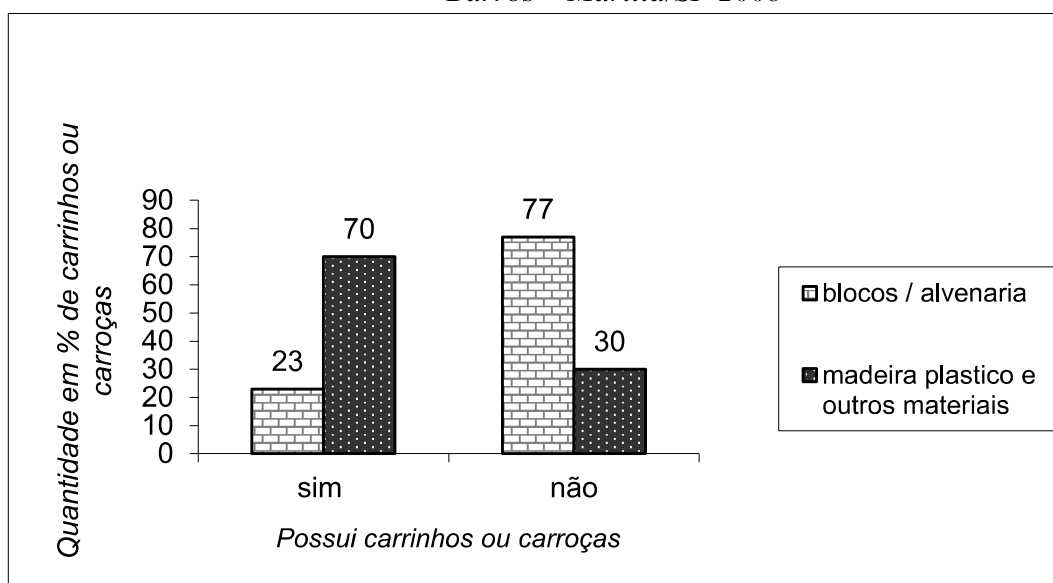
Anexo 12 – Quadro da distribuição de carroças ou carrinhos em Vila Barros

Demonstrativo 1 – *Distribuição de carroças ou carrinhos por tipo de moradia na Vila Barros – Marília SP – dados em %.*

Tem carrinhos ou Carroças	Tipos de Moradias Classificados por Materiais	
	blocos / alvenaria	madeira plástico e outros materiais
Sim	23	70
Não	77	30
Total	100	100

Fonte: SANTOS, J.J.C. *A quebrada: o processo de autoconstrução na favela Vila Barros – Marília/ SP.* São Paulo. Monografia, 2008

Anexo 13 – Gráfico 1 – *Distribuição de carroças e carrinhos por tipo de moradia na Vila Barros – Marília/SP 2008*



Fonte: SANTOS, J.J.C. *A quebrada: o processo de autoconstrução na favela Vila Barros – Marília/ SP.* São Paulo. Monografia, 2008

Anexo 14 – Foto antiga de Vila Barros



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 15 – Foto antiga da Região de Marília



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 16 – Carnaval em Marília - 1929



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 17 – Avenida Sampaio Vidal, Marília-SP, 1929.



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 18 – Prefeitura e Câmara Municipal de Marília em 1929



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 19 – Rua do Centro de Marília em 1929



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 20 – Rua São Luiz, 1929.



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 21 – População de Marília, [1929]



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 22 – Igreja Santo Antônio



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 23 – Capela de São Bento



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 24 - Proibição do plantio de novos cafezais algodão e amendoim



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 25 – Estação Ferroviária de Marília



Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 26 – Plantação em Marília



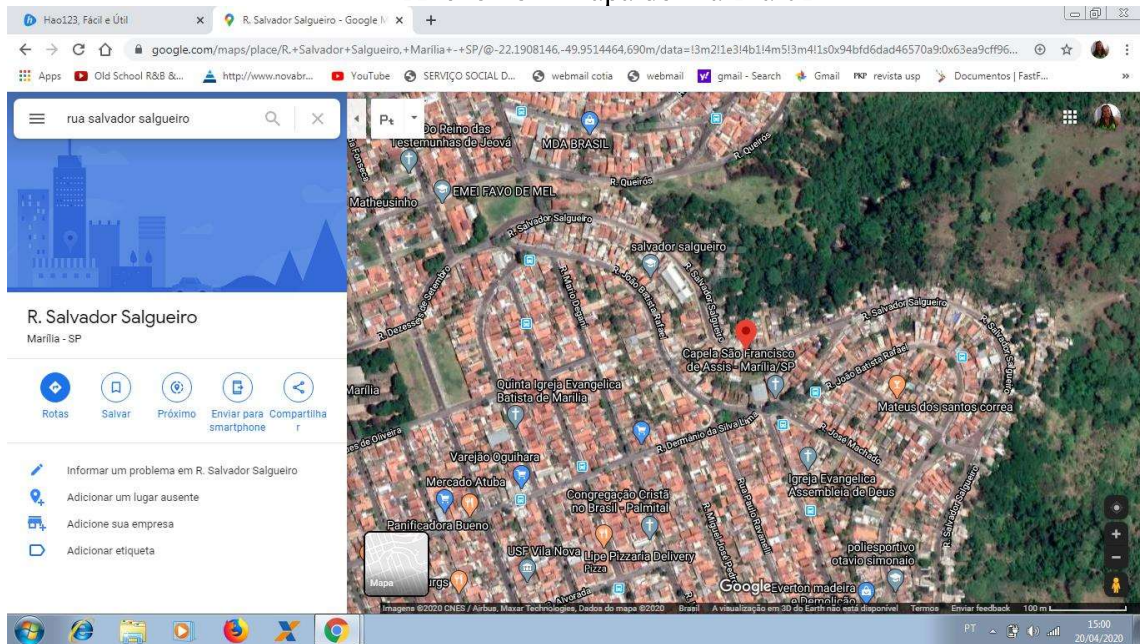
Fonte: Acervo Câmara Municipal Marília.

Anexo 27 – Créditos de Filme em comemoração aos 80 anos de Marília



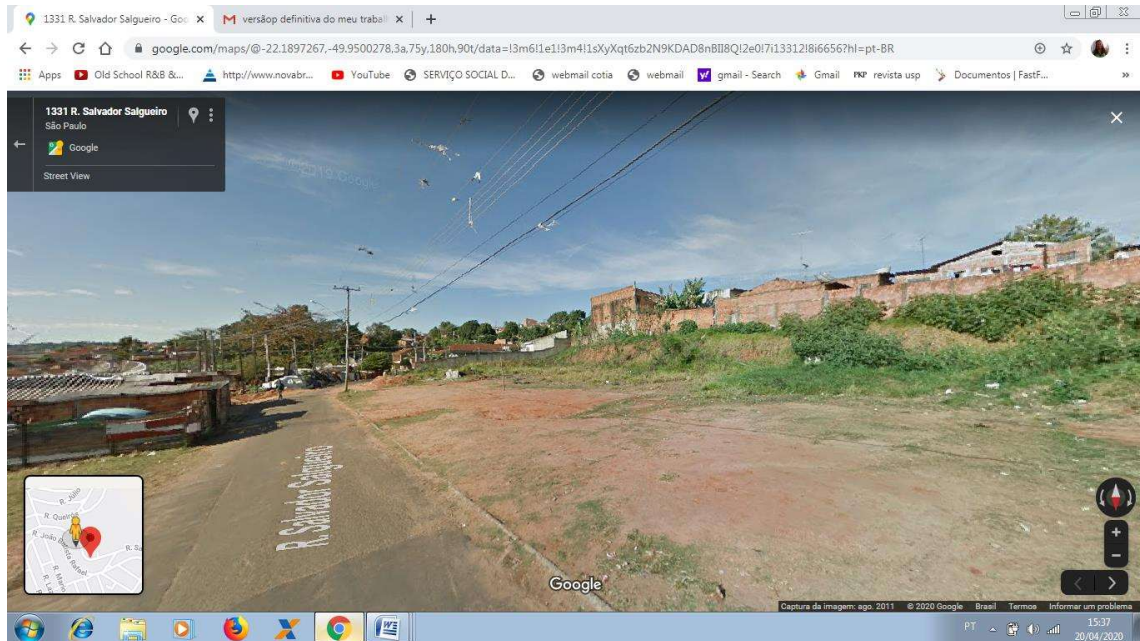
Fonte: Câmara Municipal de Marília

Anexo 28 – Mapa de Marília 01



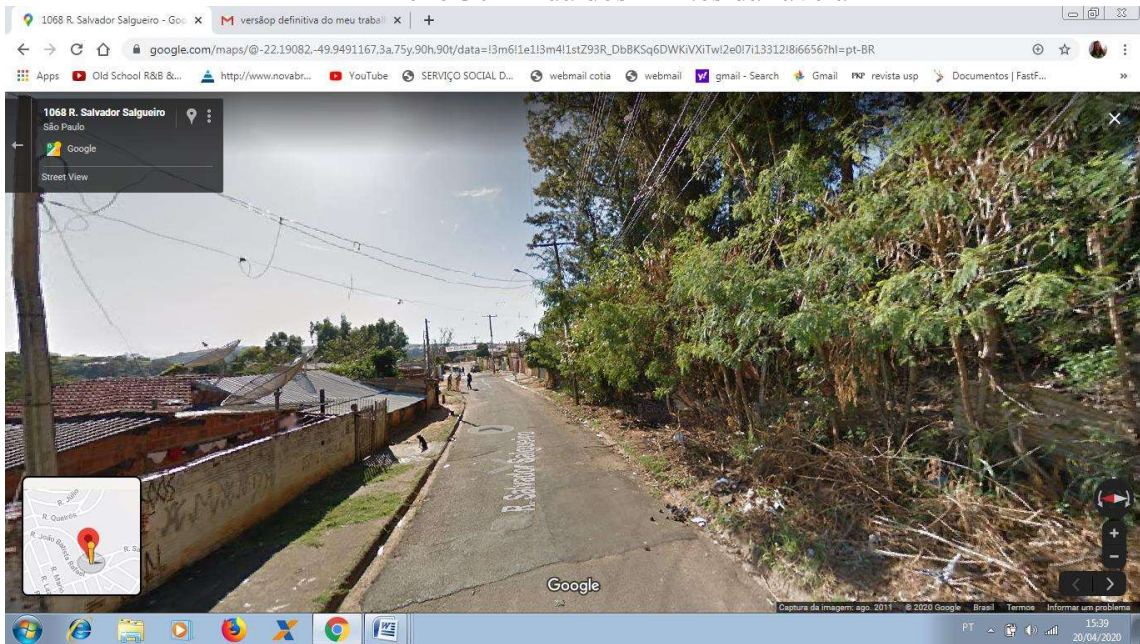
Fonte: Google Maps

Anexo 29 – Rua da Vila Barros



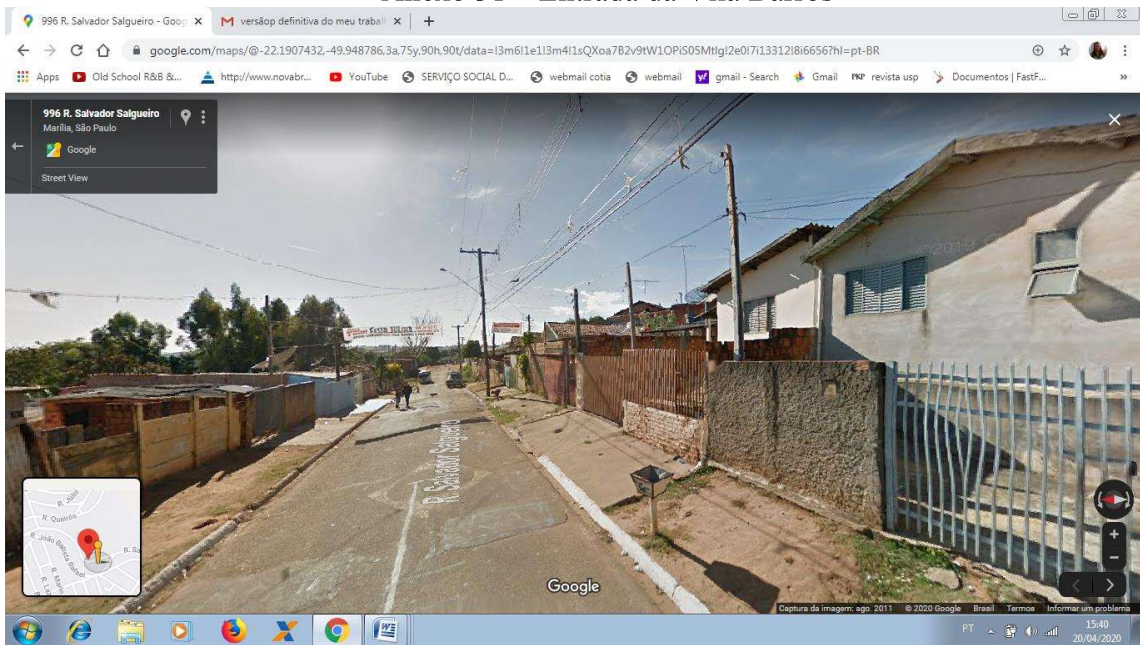
Fonte: Google Maps

Anexo 30 – Rua dos limites da favela



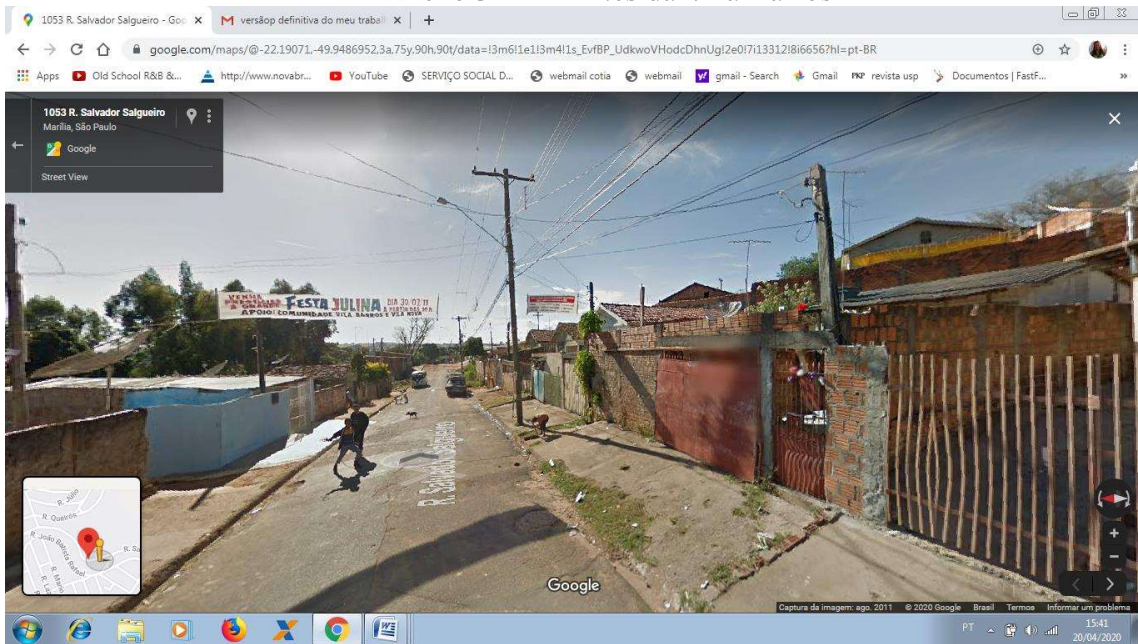
Fonte: Google Maps

Anexo 31 – Entrada da Vila Barros



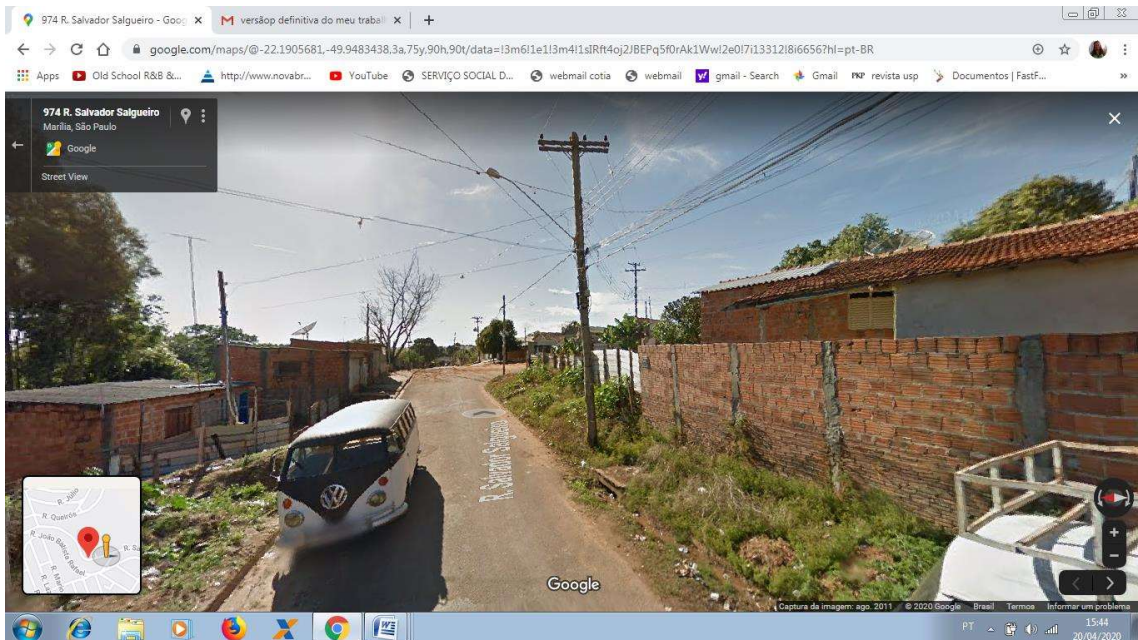
Fonte: Google Maps

Anexo 32 – Limites da Vila Barros



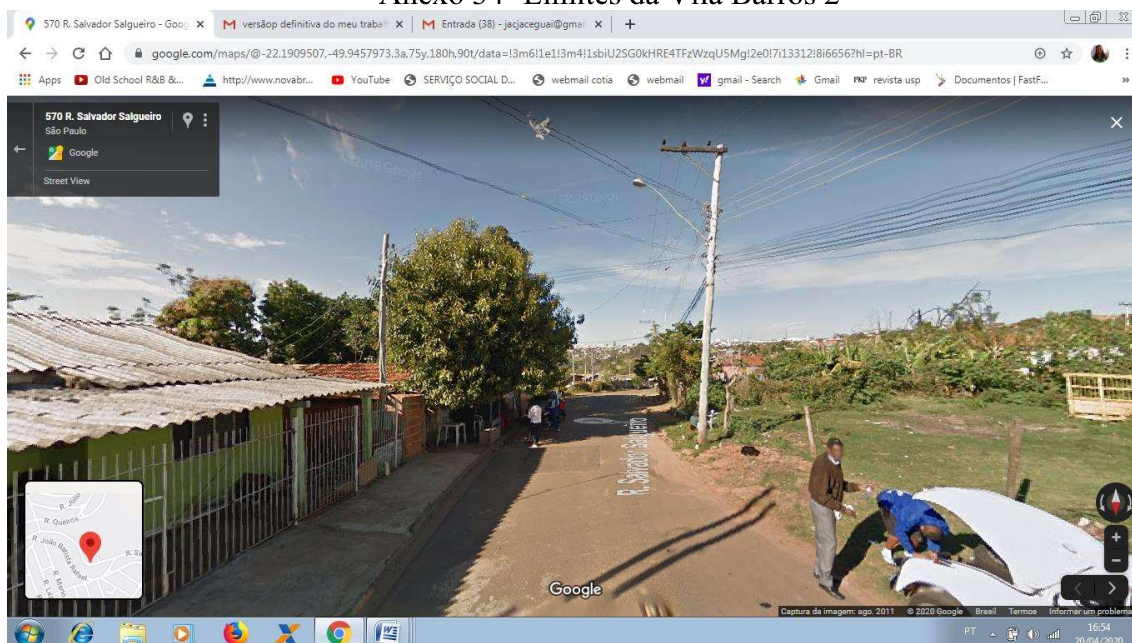
Fonte: Google Maps

Anexo 33 – Limites da Vila Barros 1



Fonte: Google Maps

Anexo 34- Limites da Vila Barros 2



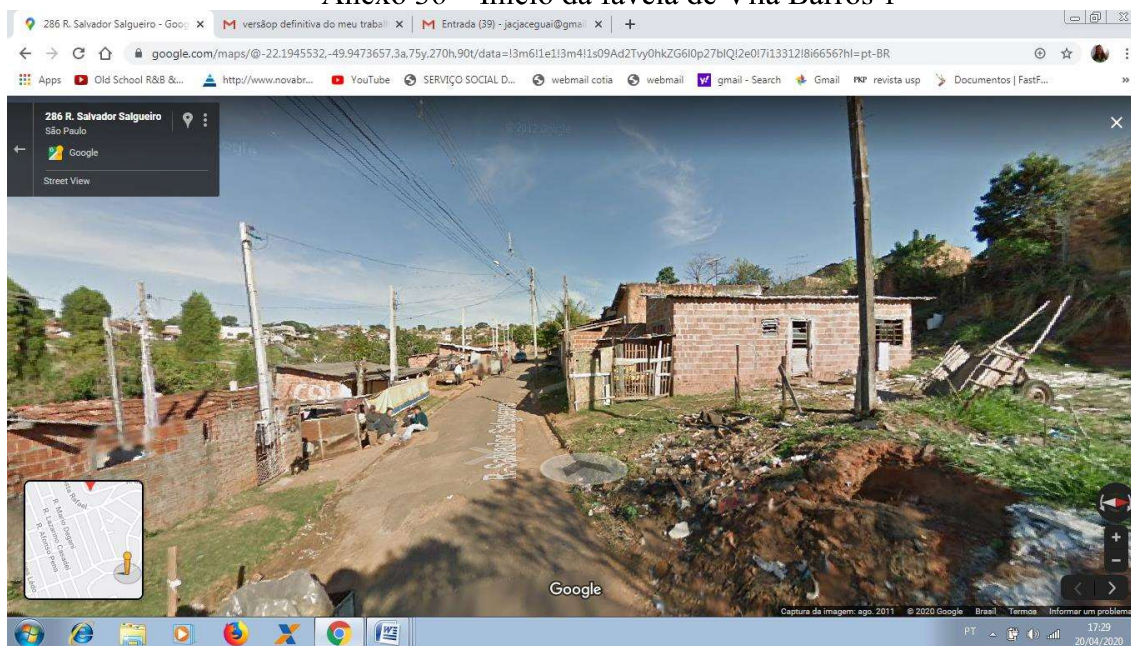
Fonte: Google Maps

Anexo 35 – Início da favela de Vila Barros



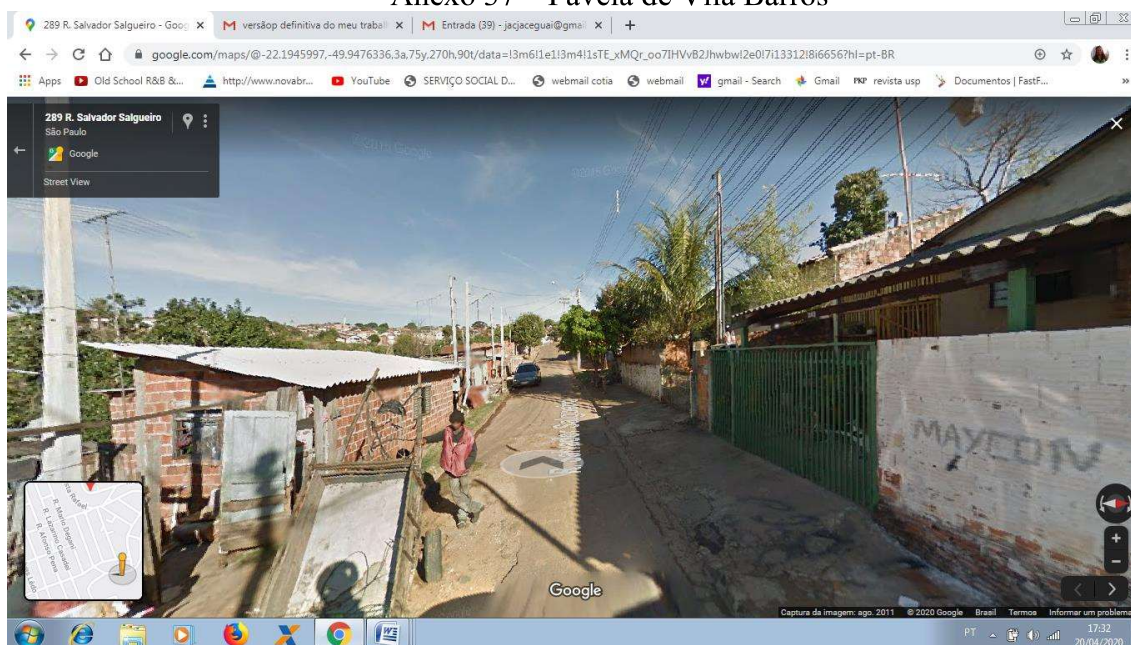
Fonte: Google Maps

Anexo 36 – Início da favela de Vila Barros 1



Fonte: Google Maps

Anexo 37 – Favela de Vila Barros



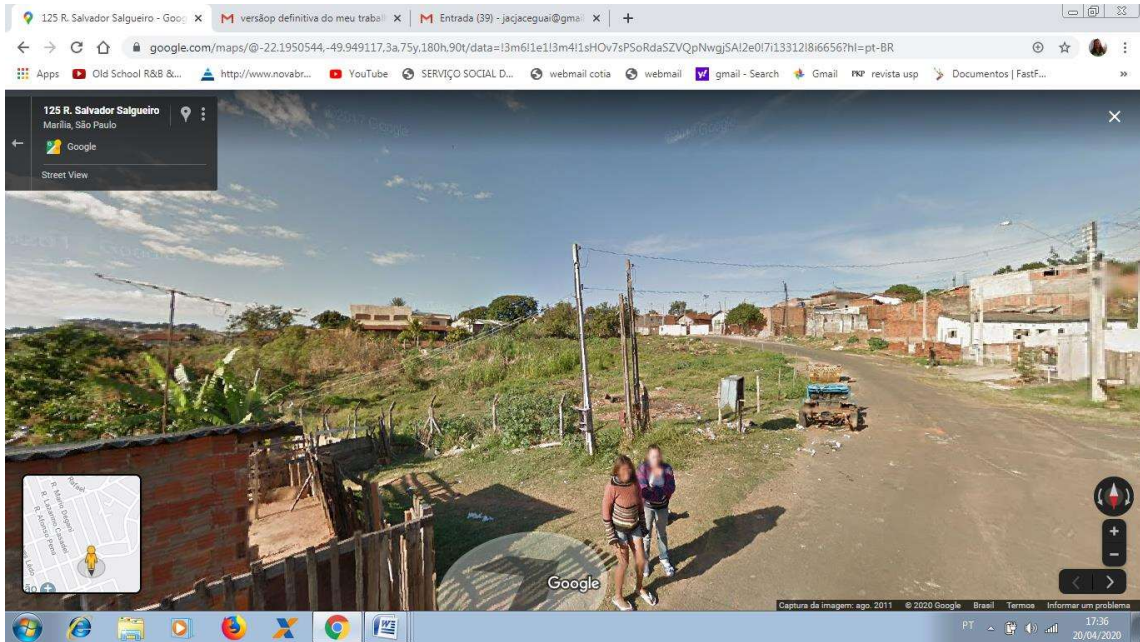
Fonte: Google Maps

Anexo 38 Vila Barros



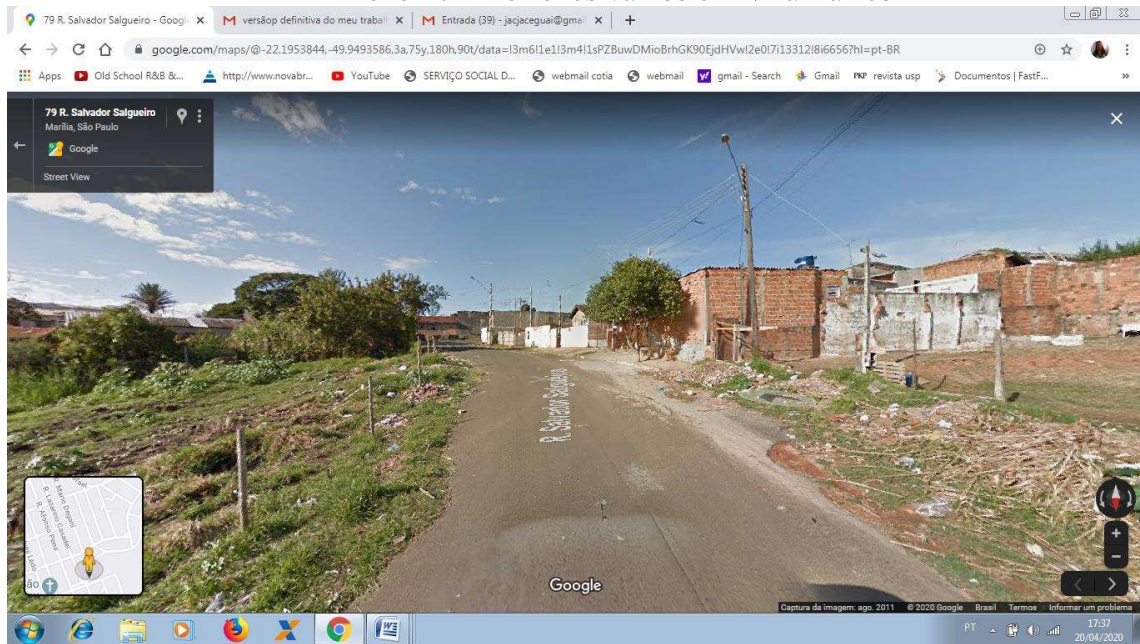
Fonte: Google Maps

Anexo 39 – Favela de Vila Barros 2



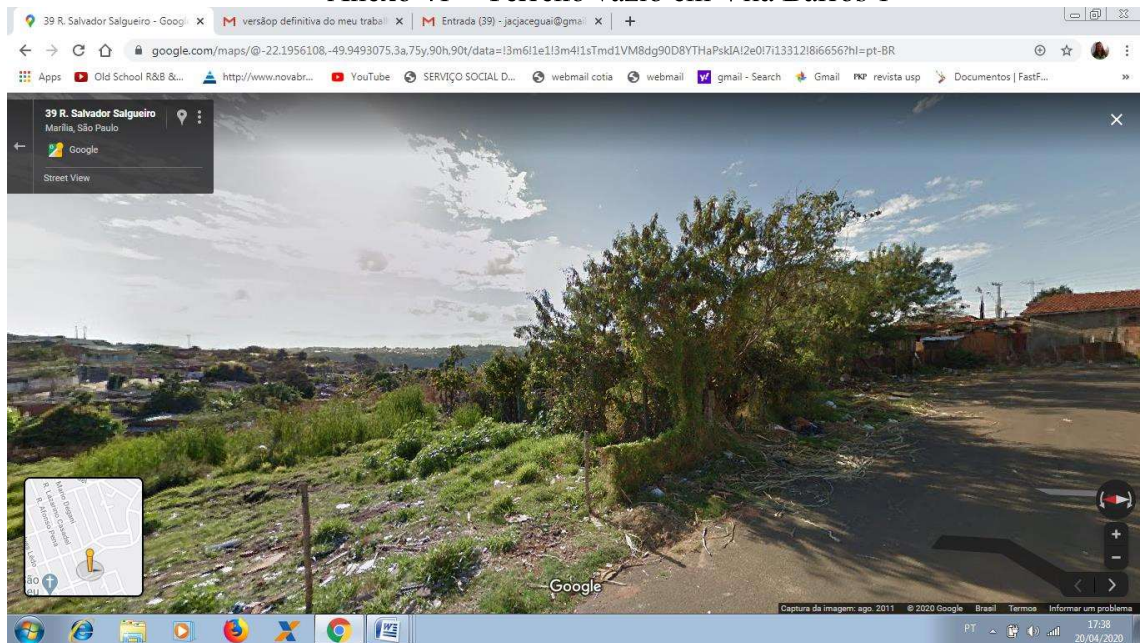
Fonte: Google Maps

Anexo 40 – Terrenos vazios em Vila Barros



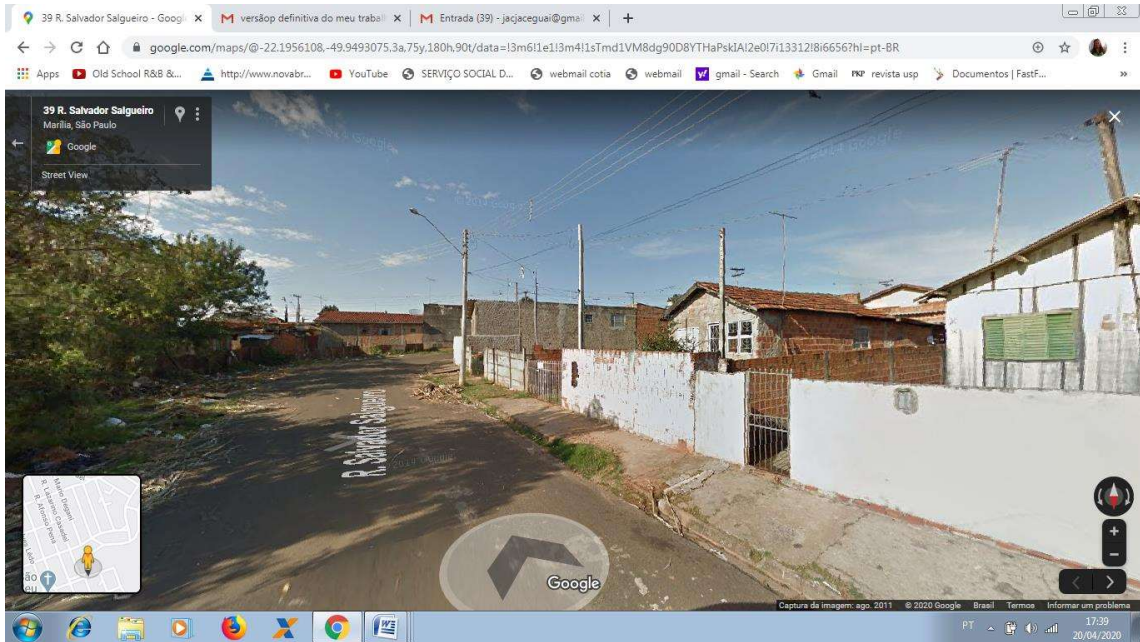
Fonte: Google Maps

Anexo 41 – Terreno vazio em Vila Barros 1



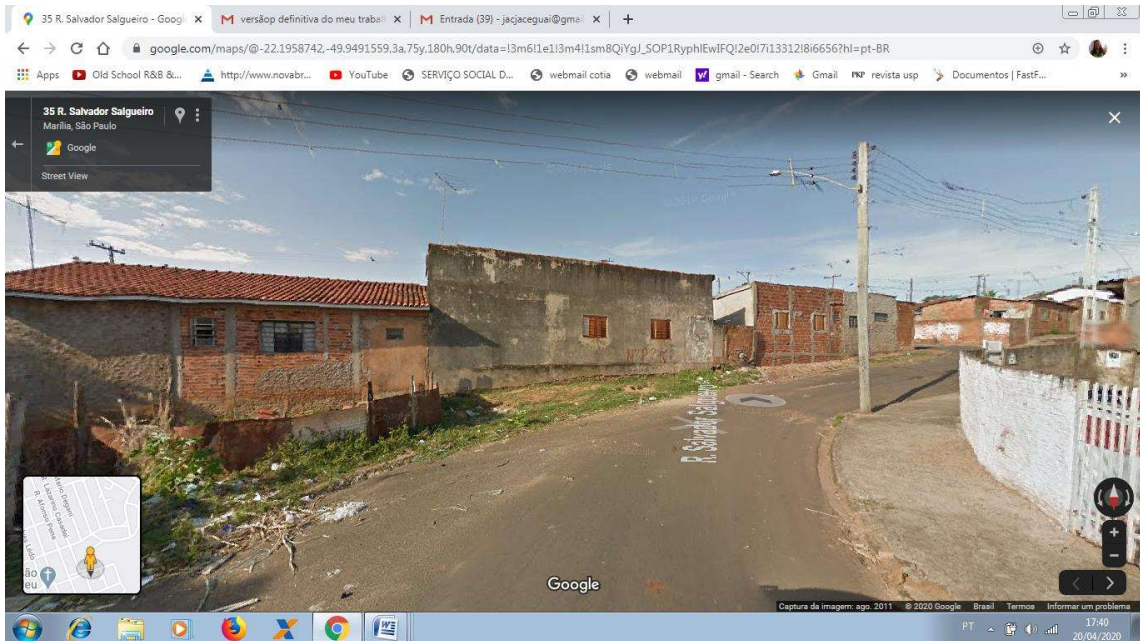
Fonte: Google Maps

Anexo 42 – Início da favela de Vila Barros 2



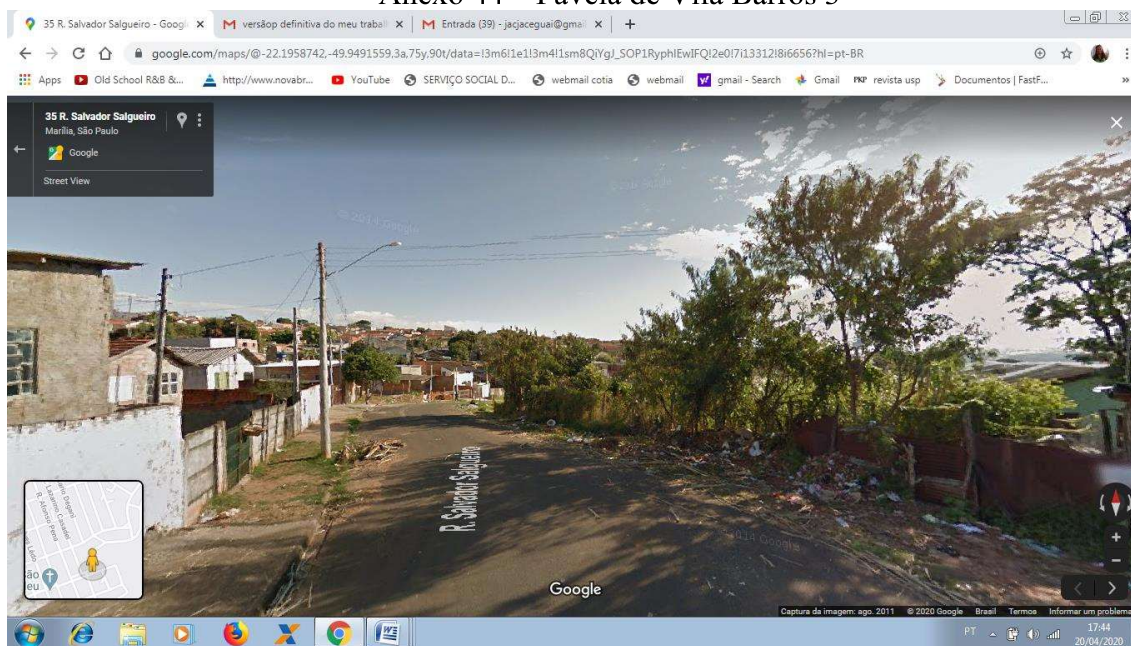
Fonte: Google Maps

Anexo 43 – Limites de Vila Barros com o “asfalto”



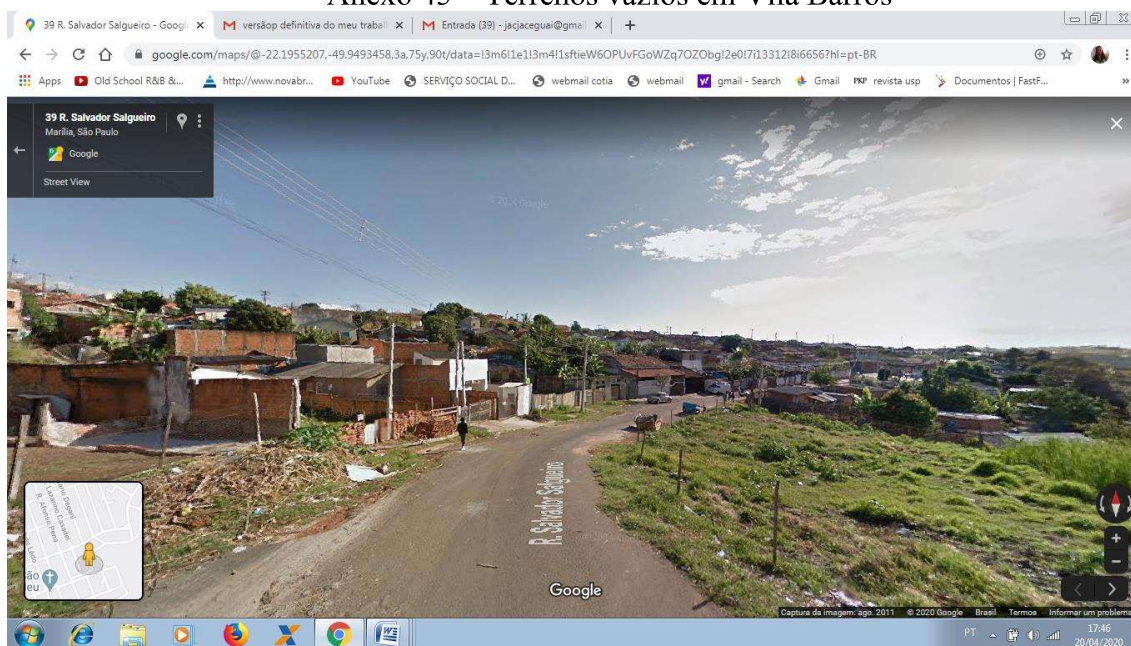
Fonte: Google Maps

Anexo 44 – Favela de Vila Barros 3



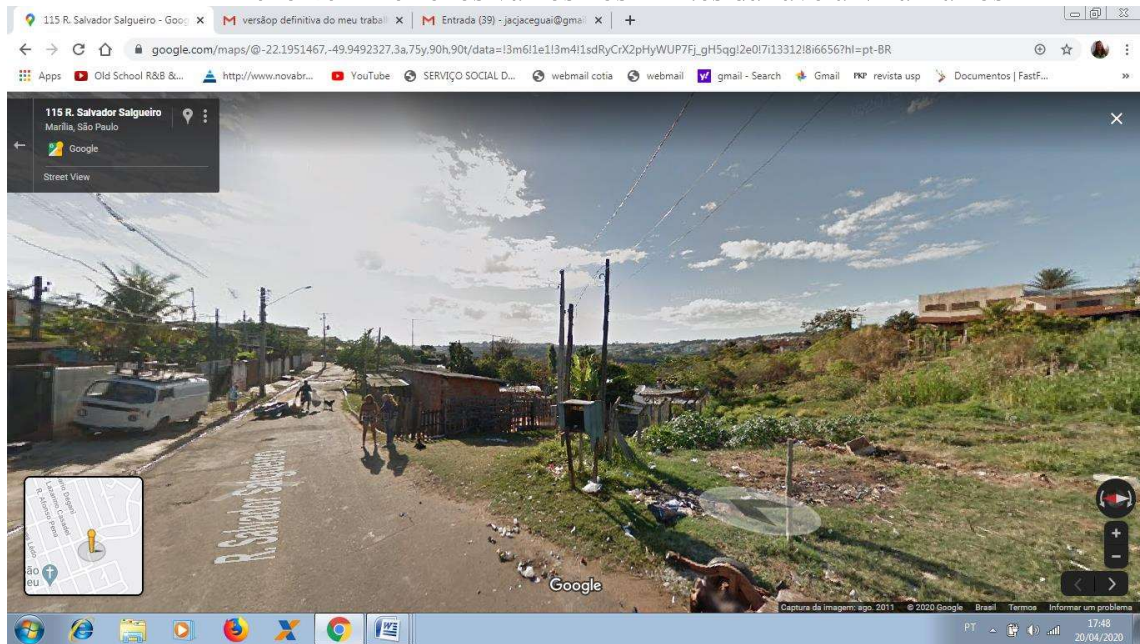
Fonte: Google Maps

Anexo 45 – Terrenos vazios em Vila Barros



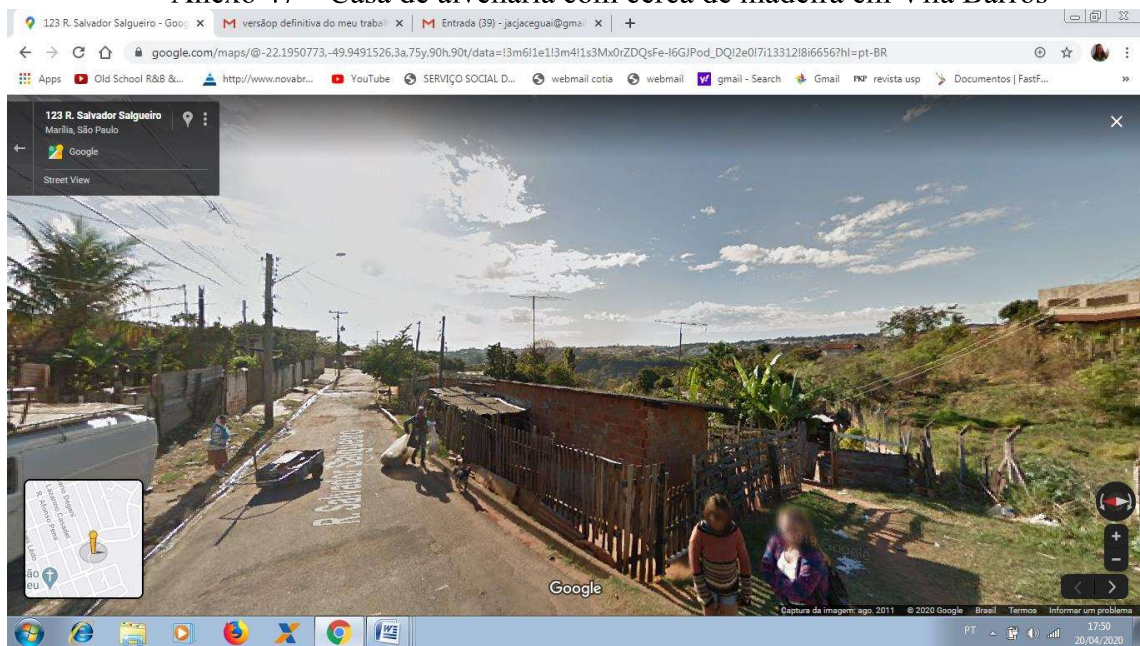
Fonte: Google Maps

Anexo 46 – Terrenos vazios nos limites da favela Vila Barros



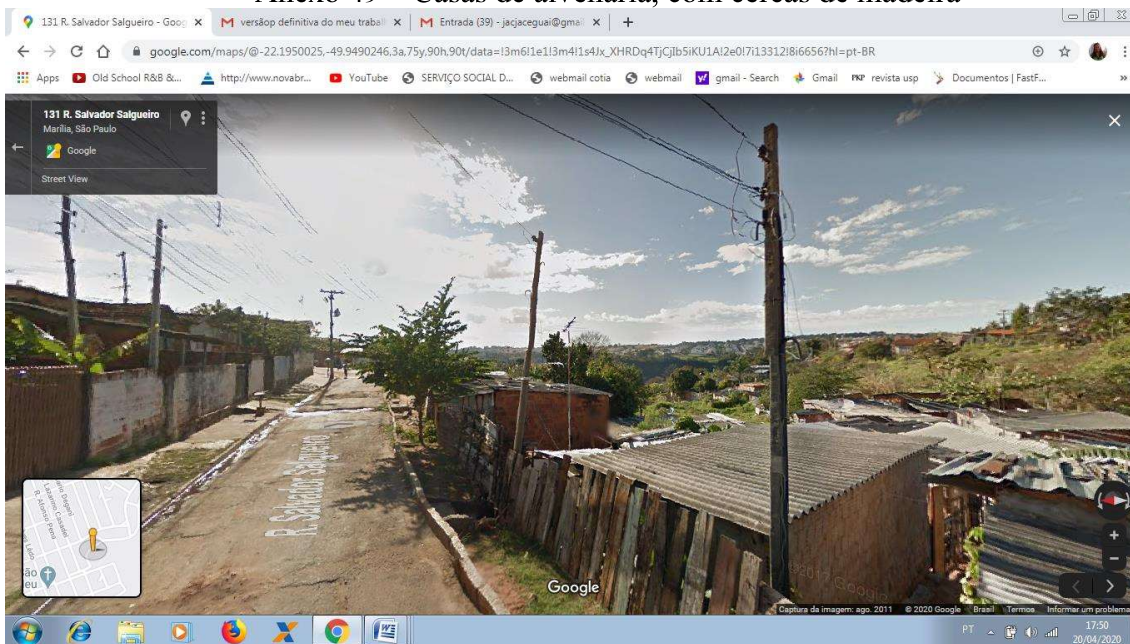
Fonte: Google Maps

Anexo 47 – Casa de alvenaria com cerca de madeira em Vila Barros



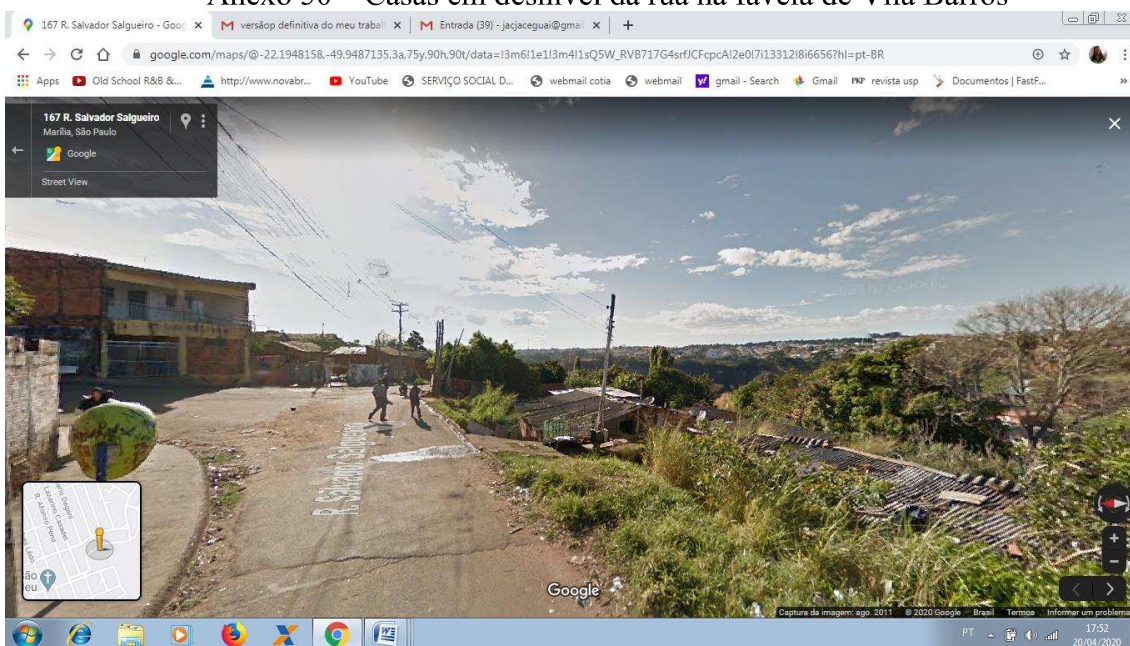
Fonte: Google Maps

Anexo 49 – Casas de alvenaria, com cercas de madeira



Fonte: Google Maps

Anexo 50 – Casas em desnível da rua na favela de Vila Barros



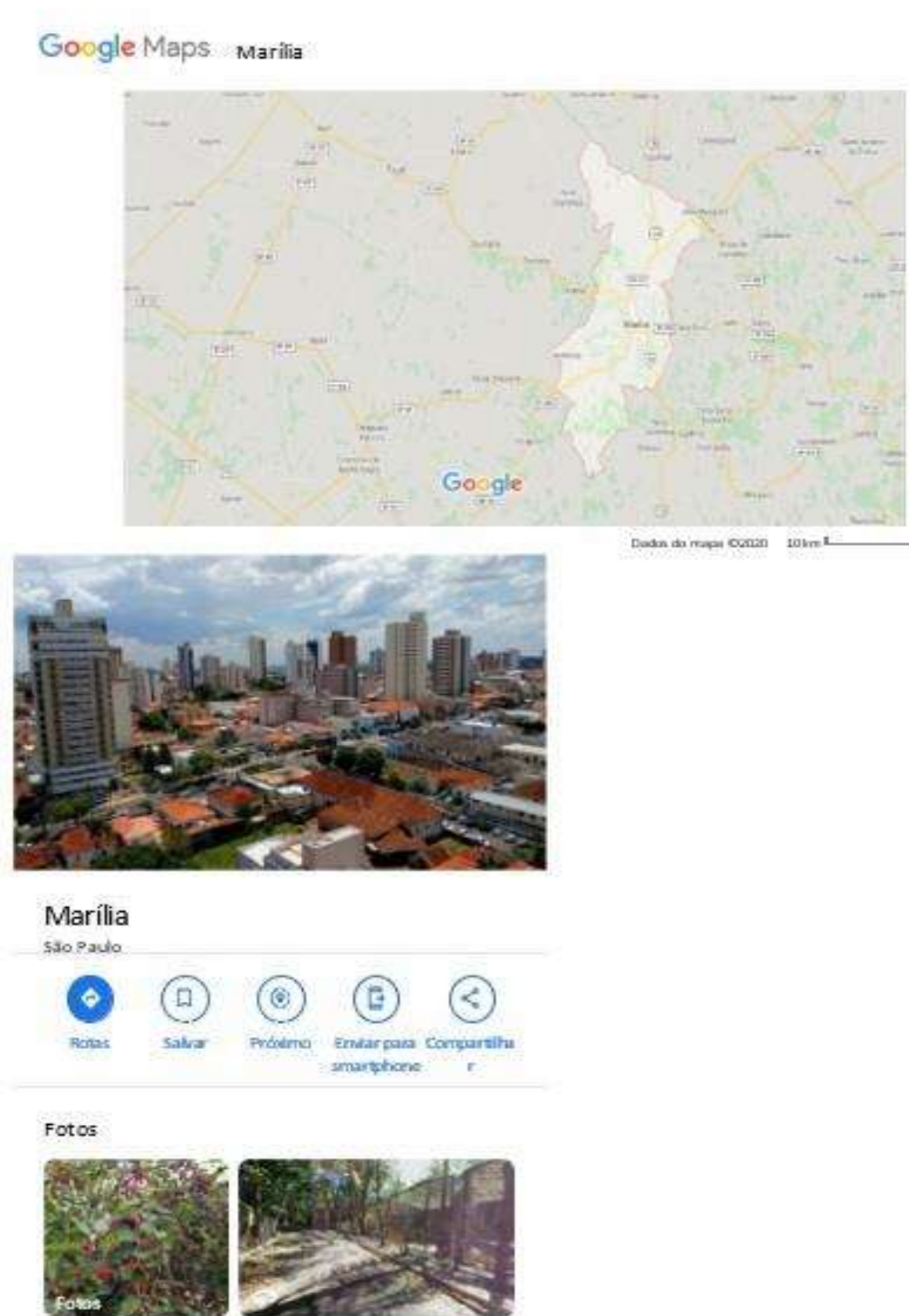
Fonte: Google Maps

Anexo 51 – Muros de alvenaria de um lado e madeira de outro na favela de Vila Barros



Fonte: Google Maps

Anexo 52 – Mapas e imagens da localização de condomínios nos limites da favela



Fonte: Google Maps

Anexo 53 – Dados sobre a economia da região de Marília

ESPAÇOS FECHADOS E CIDADES

33

Quanto ao emprego, embora o número seja maior em Presidente Prudente do que em Marília, o rendimento médio maior desta cidade, em comparação àquela, deve-se à participação relativa mais significativa de seu setor industrial. Nesses indicadores, São Carlos também se destaca em relação às outras duas cidades.

Quadro 3.2. Marília, Presidente Prudente e São Carlos. Indicadores econômicos e de trabalho. 2010.

	Marília	Presidente Prudente	São Carlos
Investimentos anunciados (em milhões de dólares)	2,13	11,22	37,79
Ramo de atividades de maiores investimentos	Saúde e serviços sociais	Com. e Rep. Automotores e Varejo Combustível	Transporte Aéreo
Número de Empregos	33.717	36.300	42.502
Rendimento médio (em R\$)	1.516,00	1.429,00	2.045,00

Organização: Maria Encarnação Beltrão Sposito.

Fontes: PIESP – Pesquisa de Investimentos Anunciados do Estado de São Paulo¹¹ (com base em anúncios. Dados extraídos de <http://www.seade.gov.br/produtos/piesp/consultabanco.php>) e Sistema SIM Trabalho. Dados extraídos de: <http://bi.seade.gov.br/SimTrabalho/#>. Acesso em: 08 set. 2010.

A partir dos quadros 3.1 e 3.2, é possível notar o perfil da crescente importância econômica de São Carlos. Trata-se de uma cidade em que os vetores da “modernização” capitalista, representados pela presença de setores industriais tecnologicamente mais avançados e pela densidade da produção científica, ajudam a estabelecer diferenças, comparativamente a Marília e a Presidente Prudente.

Tal perfil, embora não seja o único, ajuda a compreender a diferença observada em São Carlos no que se refere à maior referência, entre os entrevistados, de fatos “violentos” ocorridos com eles nessa cidade ou em São Paulo, como desenvolvido na Parte 2 deste livro.

No que se refere aos aspectos sociais, importantes para que o leitor possa apreender a composição do perfil dessas cidades no contexto do estado de São Paulo, incluímos algumas informações (Quadro 3.3) que, ainda que mostrem diferenças entre as cidades, denotam que os indicadores são, quase sempre, superiores aos estaduais.

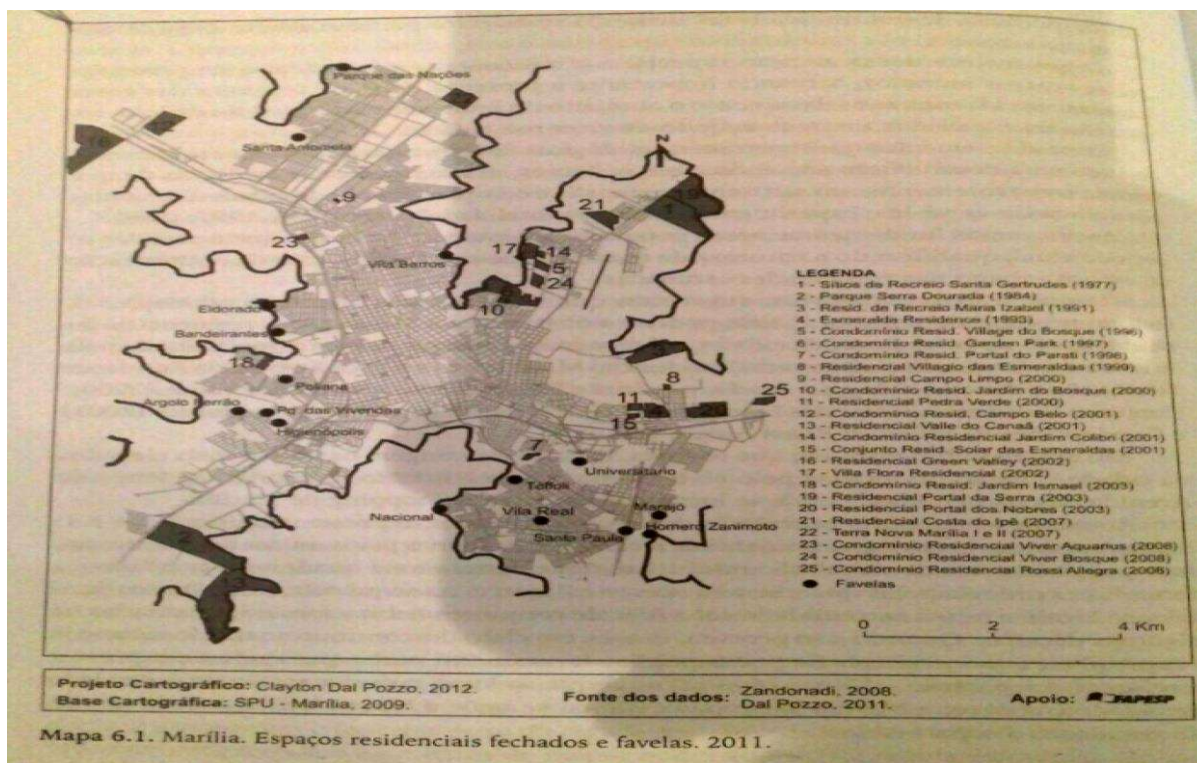
Quadro 3.3. Estado de São Paulo. Marília, Presidente Prudente e São Carlos. Indicadores sociais.

	Estado de São Paulo	Marília	Presidente Prudente	São Carlos
Mortalidade Infantil (em mil hab) – 2010	11,86	13,13	9,75	7,45
IPRS* – dimensão riqueza – 2008	58	46	49	51
IPRS* – dimensão longevidade – 2008	73	75	75	77
IPRS* – dimensão escolaridade – 2008	68	74	78	67

IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social¹²
 Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade). Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfilMunEstado.php>. Acesso em: 5 jun. 2013.

- ¹¹ Pesquisa realizada, pela Fundação Seade a partir de anúncios publicados nos jornais *Valor Econômico*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *DCI* e outros. Difere de série anterior – PAEP – porque houve mudança na metodologia, o que invalida a possibilidade de comparação com os indicadores obtidos até 2009.
- ¹² Os indicadores do IPRS sintetizam a situação de cada município no que diz respeito a riqueza, escolaridade e longevidade e, quando combinados, geram uma tipologia que classifica os municípios do estado de São Paulo.

Anexo 54 – Mapa e dados cartográficos de Marília.



Fonte: Sposito, M. E. B. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial.** São Paulo : Unesp, 2013.